



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE**  
**PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA**  
**NÚCLEO DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM ANTROPOLOGIA**  
**MESTRADO EM ANTROPOLOGIA**

**SIMONE DE ARAUJO PEREIRA**

**URBANIZAÇÃO LITORÂNEA:**  
**O SENTIDO PÚBLICO DA ORLA DE ATALAIA**

**SÃO CRISTÓVÃO/SE**

**2012**

**SIMONE DE ARAUJO PEREIRA**

**URBANIZAÇÃO LITORÂNEA:  
O SENTIDO PÚBLICO DA ORLA DE ATALAIA**

Dissertação apresentada ao Núcleo de Pós-Graduação e Pesquisa em Antropologia, Mestrado em Antropologia, Universidade Federal de Sergipe (UFS), como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Antropologia.

Orientador:

Prof. Dr. Wilson José Ferreira de Oliveira

**SÃO CRISTÓVÃO/SE  
2012**

**SIMONE DE ARAUJO PEREIRA**

**URBANIZAÇÃO LITORÂNEA:  
O SENTIDO PÚBLICO DA ORLA DE ATALAIA**

Dissertação apresentada ao Núcleo de Pós-Graduação e Pesquisa em Antropologia, Mestrado em Antropologia, Universidade Federal de Sergipe (UFS), como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Antropologia.

São Cristóvão, 09 de fevereiro de 2012.

---

Prof. Dr. Wilson José Ferreira de Oliveira (UFS) – Orientador

---

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Lisabete Coradini (UFRN) – Examinador Externo

---

Prof. Dr. Gilson Rambelli (UFS) – Examinador Interno

*“o urbanismo, enquanto modo de vida [...] não se restringe a tais locais e manifesta-se, em graus variáveis, onde quer que cheguem as influências da cidade” (Louis Wirth)*



## **Agradecimento**

O isolamento necessário ao desenvolvimento do trabalho intelectual não nos coloca necessariamente distante das pessoas, ao contrário são elas que nos sustentam durante esse fazer individual.

A citação de nomes muitas vezes pode ser injusta, pessoas podem não ser citados por mero esquecimento ou exposta de forma que pareçam hierarquizadas, as primeiras podem ser vistas como as mais importantes ao desenvolvimento do trabalho. Assim sendo, opto por não citar nomes dos que contribuíram indiretamente para a conclusão do trabalho, resumindo-os em palavras que as generalizam, mas que não as minorizam. Aos que diretamente contribuíram é justo e digno citar, pois sem estes o trabalho não se tornaria possível.

Agradeço inicialmente aos meus professores no Núcleo de Pós-Graduação e Pesquisa em Antropologia (NPPA), através deles pude aprofundar meu conhecimento acerca da Teoria Antropológica.

Aos meus orientadores. Iniciado pelo Professor Dr. Rogério Proença Leite, cujo brilhantismo e simplicidade sempre nos conduziram com mestria aos melhores caminhos reflexivos sobre o objeto estudado. Finalizado pelo Professor Dr. Wilson José de Oliveira, cuja competência e compromisso tornaram-se perceptível nos primeiros contados, a paciência revelou-se digna de observação depois de inúmeras leituras e correções. Serei eternamente grata a ambos.

Aos meus familiares, que próximos ou distantes sempre estiveram torcendo pelo cumprimento de minhas atividades acadêmicas. Em especial aos meus pais e ao meu filho, que além de compartilharem com euforia minhas alegrias, escutaram minhas angustias e me confortaram.

A todos os meus amigos e colegas, que não preciso citá-los para saberem que o são, pois sempre estiveram e sempre estarão em minha mente.

Obrigada a todos.

Ao meu pai, Simão Pio, cuja rigidez com seus valores me permitem a firmeza com a vida.

## **RESUMO**

As intervenções urbanas em muitas cidades brasileiras e estrangeira constituem um dos temas mais importantes e atuais da Antropologia Urbana contemporânea. Tais intervenções alteram a imagem da cidade mediante uma requalificação dos usos de convívio cotidiano, tendo em vista a tentativa de criação de espaços ordenados e atrativos a práticas de consumo, lazer e turismo. O presente trabalho pretende contribuir à compreensão das ressonâncias práticas e simbólicas que permeiam os usos desses espaços. Para tanto, elege-se como objeto de pesquisa a Orla de Atalaia, sendo esta uma contunde experiência de requalificação realizada na cidade de Aracaju. O espaço Orla torna-se complexo na medida em que está situado meio a dois espaços distintos que expõem práticas diversificadas, e ao mesmo tempo reconhecidamente típicas a cada espaço. Envoltas pelas práticas típicas do espaço urbano e das práticas típicas de um espaço praiano, revela-se um espaço mediador de dissonantes práticas. O espaço configura-se através de práticas que apontam ao entendimento da Orla além de um espaço urbano, podendo ser compreendido como um espaço público. A partir dos usos estabelecidos no espaço e da arquitetura que a estrutura foi possível perceber a Orla enquanto espaço urbano que retém simbolicamente o sentido de estar na praia. Sendo esta a compreensão de um espaço que oscila entre os diversos usos público, possíveis apenas em um espaço urbanizado que margeia a praia.

**PALAVRAS-CHAVE:** Orla. Cultura. Urbano. Enobrecimento Litorâneo.

## RÉSUMÉ

Interventions urbaines dans plusieurs villes brésiliennes et étrangères sont l'un des sujets les plus importants et contemporain Anthropologie urbaine actuelle. Ces interventions changer l'image de la ville à travers une requalification des usages de la vie quotidienne afin de tenter de créer des espaces attrayants et a ordonné aux pratiques de consommation, les loisirs et le tourisme. Le présent document vise à contribuer à la compréhension des résonances pratiques et symboliques qui imprègnent les utilisations de ces espaces. Par conséquent, élit elle-même comme objet de recherche Orla de Atalaia, qui est une requalification expérience contunde lieu dans la ville d'Aracaju. La Orla c'est un espace devient complexe, car elle est située demi à deux espaces distincts qui exposent les pratiques diversificas, certes typique chaque espace. Entouré par les pratiques typiques de l'espace urbain et l'espace d'une pratique courante pour la plage, se révèle être un espace intermédiaire pratiques dissonantes. L'espace est configuré grâce à des pratiques qui relient la compréhension orale de l'au-delà d'un espace urbain, et peut être comprise comme un espace public. Des usages établis dans l'espace et l'architecture qui la structure a été possible de réaliser le Orla tandis que l'espace symbolique urbain qui conserve le sentiment d'être à la plage. Comme cette compréhension d'un espace qui oscille entre les différents usages publics, ne sont possibles que dans une zone urbanisée qui borde la plage.

**MOTS-CLÉS:** Bord. Culture. Urbain. Enoblissement Côtier

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 01</b>	Mapa da Crôa e Crôa Nova
<b>Figura 02</b>	Destaque em vermelho ao local de acesso ao povoado Saquinho
<b>Figura 03</b>	Banhista na Atalaia/1920
<b>Figura 04</b>	Banhistas na Atalaia – 1920
<b>Figura 03</b>	Inauguração da Praça Alcebiádes
<b>Figura 04</b>	Motor a diesel
<b>Figura 05</b>	Pista da Atalaia
<b>Figura 08</b>	Mureta de Proteção
<b>Figura 09</b>	Ponte Presidente Juscelino
<b>Figura 6</b>	Ponte Godofredo Diniz, sobre o rio Poxim
<b>Figura 7</b>	“Nova Atalaia”. Foto: Autor desconhecido
<b>Figura 8</b>	Quiosque e Iluminação da Nova Atalaia
<b>Figura 9</b>	Cartão Postal de Aracaju, 1990
<b>Figura 10</b>	Orla de Atalaia. 1986
<b>Figura 11</b>	Orla Marítima de Aracaju - início da Urbanização dos bairros Coroa do Meio e Atalaia, antes da intervenção urbanista
<b>Figura 12</b>	Arcos da Orla
<b>Figura 13</b>	Primeiras Intervenções
<b>Figura 14</b>	Foto aérea da 2ª etapa da Orla
<b>Figura 15</b>	Foto aérea da 2ª etapa da Orla
<b>Figura 16</b>	Projeto da 3ª etapa da Orla

<b>Figura 17</b>	Planta Kartódromo
<b>Figura 18</b>	Projeto da 4ª etapa da Orla
<b>Figura 19</b>	Área a ser administrada pelo Governo Estadual
<b>Figura 20</b>	Projeto conceito para a Coroa do Meio
<b>Figura 21</b>	<i>Laguna Beach</i>
<b>Figura 22</b>	Alguns equipamento e Muro ao fundo em tons de azul.
<b>Figura 23</b>	A cor azul que predomina nos prédios da Orla.
<b>Figura 24</b>	Início da Praia de Atalaia conhecida como “Orlinha” ou “Hawaizinho”.
<b>Figura 25</b>	Complexo poliesportivo
<b>Figura 26</b>	Região dos Lagos
<b>Figura 27</b>	Perspectiva aérea do mundo da criança e do Kartódromo
<b>Figura 28</b>	Perspectiva aérea da Área de Ginástica
<b>Figura 29</b>	Perspectiva aérea do restaurante e do estacionamento
<b>Figura 30</b>	Perspectiva aérea do Complexo Poliesportivo Alberto Menezes
<b>Figura 31</b>	Perspectiva aérea da Praça dos Arcos
<b>Figura 32</b>	Perspectiva aérea do Complexo Poliesportivo
<b>Figura 33</b>	Perspectiva aérea do Complexo Poliesportivo
<b>Figura 34</b>	Placa Informativa da Orla de Atalaia
<b>Figura 35</b>	Mureta que delimita a Praça dos Arcos predominância da cor azul
<b>Figura 36</b>	Homem “cumprimenta” o monumento
<b>Figura 37</b>	Pessoas fotografam-se entre os monumentos pela nacionalidade
<b>Figura 38</b>	Portal do Mundo da Criança
<b>Figura 39</b>	Monumento a Inácio Barbosa
<b>Figura 40</b>	Bar na Passarela do Caranguejo
<b>Figura 41</b>	Placa anuncia a entrega da reforma da Passarela dos Caranguejos
<b>Figura 42</b>	Restaurante de massas
<b>Figura 43</b>	Restaurante em estrutura praiana

<b>Figura 44</b>	Centro de Artesanato
<b>Figura 45</b>	Restaurante de Massas
<b>Figura 46</b>	Pista de MotoCross
<b>Figura 47</b>	Quadras de Tênis
<b>Figura 48</b>	Placa Informativa da Pista de Patinação Larissa Barata (ao fundo)
<b>Figura 49</b>	Complexo Poliesportivo
<b>Figura 50</b>	Prédio do Programa “Sou Parceiro”
<b>Figura 51</b>	Pessoas assistem ao treino de MotoCross
<b>Figura 52</b>	Passarela de acesso à praia
<b>Figura 53</b>	Surfistas na Orla
<b>Figura 54</b>	Pessoas fotografam-se entre os monumentos pela nacionalidade
<b>Figura 59</b>	Pessoas seguem ao restaurante de massas
<b>Figura 60</b>	Surfistas chegando à Orla e seguindo à praia.
<b>Figura 61</b>	Pessoas chegando à Orla e seguindo ao restaurante de massas
<b>Figura 62</b>	Caminhantes pela Praça dos Arcos
<b>Figura 55</b>	Caminhantes passando pela Praça dos Arcos
<b>Figura 56</b>	Usos da Praça dos Arcos
<b>Figura 57</b>	Vestimentas típicas do espaço urbano e vestimentas que usualmente apresentam-se no espaço da Orla
<b>Figura 66</b>	Vendedor ambulante na Passarela do Caranguejo
<b>Figura 67</b>	Jovens caminham em direção à praia enquanto o casal segue à passarela do Caranguejo
<b>Figura 68</b>	Lavadores de carro almoçam ao fundo do Banheiro público
<b>Figura 69</b>	Espaço destinado ao uso infantil
<b>Figura 70</b>	Vendedor de picolé na região dos lagos
<b>Figura 71</b>	Jovens bebendo na região dos lados
<b>Figura 72</b>	Uso noturno da quadra

<b>Figura 73</b>	Uso noturno do restaurante - Deck
<b>Figura 74</b>	Skatista incomoda-se com a bicicleta
<b>Figura 75</b>	Vendedor ambulante
<b>Figura 76</b>	Pessoas treinam boxe
<b>Figura 77</b>	Prostitutas na Orla de Atalaia



## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	14
1 Construção do Objeto e Caracterização do Problema .....	19
2. Procedimentos Metodológicos.....	22
 CAPÍTULO 1“PORTO” TEÓRICO: UM ESPAÇO ENTRE DOIS ESPAÇOS.....	34
1.1 Enobrecimento Urbano: pistas para uma compreensão .....	36
1.2 Práticas Urbanas: o sentido público de estar na cidade .....	44
1.3 Práticas Praianas: o sentido de estar na praia.....	53
1.4 O sentido de estar na orla: entre a praia e a cidade .....	60
 O PROCESSO DE INTERVENÇÕES URBANÍSTICAS NA ORLA MARÍTIMA DE ARACAJU: DAS CRÔAS À ORLA MARKETING .....	67
2.1 Um Espaço Vazio: Formação das “Crôas” .....	68
2.2 A qualificação do espaço: do processo de povoamento à vilegiatura.....	70
2.1A (re)qualificação do espaço: da Praia de Atalaia à Orla de Atalaia.....	80
2.3.1 A primeira intervenção da última configuração.....	85
2.3.2 A reforma e consolidação de uma estrutura inacabada.....	89
2.4 Um prática praiana sobre a pedra, ou uma prática urbana sobre a natureza? .....	94
 AS DIFERENÇAS DE UMA UNIVERSALIZAÇÃO LITORÂNEA: ETNOGRAFANDO A ORLA DE ATALAIA. ....	97
3.1 A manhã: o azul que reluz além do verde-mar .....	101
3.1.1 Um espaço em cenários .....	105
3.2 A tarde na onda dos usos: movimentos na orla de atalaia .....	129
 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	149
REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA.....	154

## INTRODUÇÃO

As cidades podem ser entendidas como detentoras de expressões próprias que as caracterizam e nomeadamente as distinguem. Carlos Fortuna (1997) sugere pensar a cidade como possuidora de uma “identidade”. Assim como os indivíduos, elas são submetidas a processos racionais e sistemáticos de intervenções urbanísticas que buscam reordenar suas estruturas espaciais e, conseqüentemente, inseri-las numa lógica cultural de consumo.

Partindo-se dessa abordagem mais geral é possível entendê-las como “um fenômeno físico, um modo de ocupar el espacio, de aglomerarse, sino também lugares donde ocurren fenómenos expresivos que entran en tensión com la racionalización, com las pretensiones de ordenar la vida social” (CANCLINI, 2004, p.60). Ou ainda, na visão de Georg Simmel, como dotada de vida própria, entendendo que “o aspecto mais significativo da metrópole reside na funcionalidade da sua magnitude, que se faz sentir para além dos seus limites físicos” (SIMMEL, 1997, p. 39).

Mais recentemente, no âmbito da perspectiva pós-moderna, a cidade tem sido percebida como um “tecido urbano [...] algo necessariamente fragmentado, um ‘palimpsesto’ de formas passadas, superpostas umas às outras, e uma ‘colagem’ de usos correntes, muitos dos quais podem ser efêmeros” (HARVEY, 1992, p. 69). Sendo ainda caracterizadas por grandes centros de consumo, “saturadas de signos e imagens a ponto de qualquer coisa poder ser rerepresentada, tematizada e transformada em um objeto de interesse” (FEATHERSTONE, 1997, p. 142). Consequência da necessidade econômica dos Estados de inseri-las na lógica do mercado mundial, submetendo determinados espaços a políticas de intervenção urbana, alongando para as margens o sentido de estar na cidade.

Tais políticas urbanas podem ser reconhecidas através de políticas de *Gentrification* ou de “Enobrecimento Urbano”, cuja vulgarização do conceito abarca tantos fenômenos possíveis de processos de urbanização, tornando a possibilidade de contemplação do objeto em análise, elemento de reflexão.

Essas intervenções, segundo Sharon Zukin, são estabelecidas a partir de “pressões para ajustes às normas do mercado global” (ZUKIN, 2000, p. 105), que tem criado “reestruturações urbanas surpreendentemente similares” (Ibid. p. 105). As similaridades

buscam reproduzir paisagens que tornam um espaço consumível, diferenciando-os com aspectos particularizados das regiões que os comportam.

Nesse sentido a cultura torna-se elemento contemplativo das políticas intervencionistas que, além de “tematizar” (COSTA, 2002), agregam valor econômico às relações simbolicamente construídas. Quanto a isso Leite afirma que “a *mass media* trata a cultura como mercadoria e, da mesma forma que o *Gentrification*, orienta sua atuação para as demandas do mercado, cujos usuários são igualmente considerados consumidores” (LEITE, 2007, p. 69).

É no bojo dessas discussões que se insere, inicialmente, esta pesquisa, fazendo da Orla de Atalaia um objeto possível de investigação. Trata-se, pois, de um espaço dissonante sob duas perspectivas: 1) por comportar particularidades destoantes de qualquer outro espaço da cidade; 2) e, por tornar-se diversificado em si mesmo, comportando variadas expressões em sua totalidade espacial. E ainda, por se apresentar como consequência de “formas de empreendimentos econômicos que elegem certos espaços da cidade como centralidades e os transformam em áreas de investimento público e privado” (LEITE, 2007, p. 61).

Assim, a Praia de Atalaia, a partir desses investimentos, reafirma-se como o que tem sido chamado de “centralidade” (ZUKIN, 2000) da cidade de Aracaju, contribuindo para integrá-la no circuito turístico brasileiro, especificamente no *trade* turístico das praias nordestinas. A construção da Orla na Praia de Atalaia passa a atrair novos frequentadores e reafirma os antigos, possibilitando acima de tudo, a expressão de um estilo de vida pautado no consumo e no lazer, que em suas práticas não deixam de revelar as disputas pelos espaços e conseqüente estabelecimento de uma “guerra de lugares” (ARANTES, 1997).

No desenvolvimento deste trabalho pretende-se analisar a Orla de Atalaia enquanto espaço urbanizado e voltado ao consumo. Para tanto, o trabalho dissertativo estrutura-se em três capítulos sugerindo uma relação que culmine na compreensão das sociabilidades praticadas neste espaço.

Para o devido tratamento ao conjunto de questões envolvidas nesse tipo de pesquisa esse trabalho se inicia com uma exposição geral do problema abordado. Trata-se de apresentar a construção do objeto e a caracterização do problema, além de expor os caminhos metodológicos que guiaram a elaboração do trabalho etnográfico: de pressupostos teóricos clássicos ao pesquisador urbano.

Na sequência da apresentação do problema e principais procedimentos de investigação adotados, trata-se de expor, no primeiro capítulo, as pistas conceituais que contribuem para a compreensão da Orla de Atalaia, reflexo das investidas em campo e das leituras no âmbito da antropologia e sociologia urbana clássica e contemporânea. A reflexão pauta-se pela elasticidade conceitual que exigiu o objeto em análise, bem como, pelas limitações que as análises de espaços urbanos não conseguiram abarcar, revelando a complexidade do fenômeno. Não se furta a utilização basilar da teoria urbana no entendimento da Orla de Atalaia, que tem tomado outros espaços da cidade como análise, contudo não se tenta arbitrariamente encaixes conceituais que a coloque como mais uma simples parte da cidade em seu contínuo processo de urbanização. Apresenta-se uma reflexão que nos permite perceber o espaço em sua totalidade e posteriormente em suas micro-relações. O espaço da Orla de Atalaia enquanto espaço urbanizado comporta práticas que estão além das típicas práticas do espaço urbano, pensa-se em um espaço produzido com características que o revela urbano e praiano. Tais categorias merecem destaque na reflexão referindo-se especificamente sobre o sentido público de estar na cidade, conquanto o sentido público de estar na praia tem sido pouco explorado no âmbito das Ciências Sociais, que não deixou de tê-la como objeto de análise, mas que assegurou apenas reflexões que estão distantes das relações de consumo e de lazer desenvolvidas no espaço praiano. Assim, buscou-se apresentar uma concepção de espaço urbano e posteriormente de espaço praiano na medida em que possibilitasse compreender o espaço em análise como mediador de ambas os sentidos públicos, que resguardam em suas práticas particularidades, embora se perceba suas similaridades.

No segundo capítulo, expõe-se o processo de sucessivas intervenções urbanas que resultou na atual estruturação da Orla de Atalaia, entendendo que sua compreensão a revela como um “palimpsesto” de formas superpostas (HARVEY, 1992), o que sugere indicações para pensar este espaço além da sua expressão arquitetônica, urbanizada. Tal descrição indica também a base empírica que sustenta a proposta de reflexão teórica, o qual posteriormente ajudará a revelar os usos estabelecidos no espaço da Orla de Atalaia. Embora a impossibilidade de acesso a determinadas informações tenha inviabilizado a descrição de alguns aspectos, foi possível compor uma narrativa que expõe as mudanças arquitetônicas realizadas e que guiaram variações significativas: da areia à pedra, da praia atalaia à orla de atalaia. Torna-se possível perceber que ao longo de sua formação a região alterou a forma do próprio reconhecimento, inicialmente a região isolada passa a ser compreendida como praia e

atualmente como Orla. O sergipano que até a década de 80 ia à praia, passa a partir das intervenções urbanistas da década de 90 a ir à Orla, há uma mudança na compreensão de todos sobre o espaço em análise.

No terceiro e último capítulo é a vez do trabalho etnográfico revelar, através dos espaços praticados, as socioespacialidades que configuram o espaço Orla de Atalaia. A “intersubjetividade” exigida por Clifford Geertz parece encontrar seu melhor entendimento na possibilidade de etnografar um espaço simbolicamente reconhecido e socialmente vivenciado pelo autor, que se distancia do objeto em determinados momentos pelas teorias antropológicas estudadas.

Entendendo-o primeiramente como um espaço que privilegia a visão sobre a audição, referência feita por George Simmel sobre a cidade (JOSEPH apud SIMMEL, 2000), guia-se o leitor pelos caminhos da Orla de Atalaia, percebendo suas estruturas e os espaços fisicamente construídos, que sugere as noções de práticas típicas do espaço urbano, bem como as práticas comumente desenvolvidas na praia. Posteriormente, caminho, como ator social e como observando ao mesmo tempo (JOSEPH, 2000), apreendendo os usos e percebendo como as socioespacialidades são estabelecidas, expondo as territorialidades e compreendendo o cotidiano que se desenvolve nesse espaço.

O desenvolvimento do trabalho etnográfico deu-se em variados horários e em dias alternados, ao longo de dois anos pude acompanhar o desenvolvimento de um cotidiano fragmento e dissonante, que em muitos momentos demonstrou-se fugidio para uma análise de partes, o que motivou entender o espaço em sua totalidade. Que espaço é este que pouco se pode compreender em suas partes, que como o movimento das ondas está em indeterminado fluxo, mudando e alternando-se a cada instante, mas pensando ainda nas ondas, foi possível percebê-la em sua própria forma que envolve a própria dinâmica peculiar ao espaço.

Na construção da análise percebe-se que os caminhos são “estriados” (DELEUZE, 1997) pelo poder público que desenvolve as “estratégias” (DE CERTEAU, 1994) de uso do espaço, buscando a delimitação dos usos e a higienização do espaço, que é “praticado” por frequentadores que são compreendidos neste trabalho como os banhistas, esportistas e turistas, cujas práticas vezes fogem da tutela da estratégia estabelecida, possibilitando a prostituição e pedintes na figura dos “contra-usuários” (LEITE, 2007).

A diversidade arquitetônica e a complexidade de usos da Orla de Atalaia demonstraram-se desde o início instigante a uma pesquisa no âmbito da teoria urbana, ainda mais nos fluxos (para não dizer recortes) analíticos contemporâneos desta disciplina. Contudo, breves incursões etnográficas revelaram uma aparente esquizofasia, em uma fala confusa e fragmentada, que começa a alinhar-se a partir da compreensão do próprio processo de formação do espaço Orla, do aporte teórico e das sucessivas visitas a campo.

De um passado recente de crôas, passando pela vilegiatura, chega-se à orla marítima *marketing*, comercializada nos meios de comunicação como atrativo turístico, tornando-se iconográfica à cidade de Aracaju e ao estado de Sergipe na concorrência entre cidades. O espaço praia agora urbanizado revela uma sociabilidade que está associada à práticas típicas da cidade, suscitando o questionamento acerca das práticas desenvolvidas em extensões do urbano nas zonas litorâneas.

Embora as políticas de intervenção urbanística tendam a alterar os usos desenvolvidos num determinado espaço, eliminando seus antigos usuários e demarcando práticas possíveis, mesmo que se reapropriando do passado, Leite assegura a possibilidade de “repensar a construção desses lugares no contexto urbano contemporâneo a partir dos usos e contra-usos que se fazem dos espaços enobrecidos” (LEITE, 2007, p. 213-214). Caracterizado pela sua polissemia espacial, um determinado espaço é capaz de abarcar tantas quantas forem as suas variações, mesmo que retenha para isso graus elevados de conflito (SIMMEL, 1992).

Logo, parece ser este um “espaço” que se coloca em meio a dois outros “espaços”, com práticas distintas: urbana e praiana, forjando-se a partir dessas mesmas práticas, tanto comportando elementos de ambas, como produzindo suas próprias práticas. Precisa-se pelas observações, usos que derivam de uma prática urbana – tais como um jantar com os requintes exigidos em roupas finas, em processos de individualização e disputa simbólica; e os que derivam de uma prática praiana – as caminhadas contemplativas em roupas de banho, em uma associação coletivamente harmoniosa e relaxante; e as que derivam da superposição de variadas formas e, obviamente, assimiladas pelas estruturas físicas e simbólicas como de uma Orla Marítima Enobrecida.

## 1 Construção do Objeto e Caracterização do Problema

As intervenções urbanas em muitas cidades brasileiras e estrangeiras constituem um dos temas mais importantes e atuais da Antropologia Urbana contemporânea, uma vez que elas objetivam alterar a imagem da cidade mediante uma requalificação dos usos de convívio cotidiano, tendo em vista a criação de espaços ordenados e atrativos a práticas de consumo, lazer e turismo.

Esse estudo se insere na agenda de pesquisas do Laboratório de Estudos Urbanos e Culturais da UFS, que tem se dedicado, nos últimos 10 anos, a estudar diferentes casos de Enobrecimento Urbano na cidade de Aracaju. No âmbito dessas pesquisas foi realizado o mapeamento analítico de vários espaços, faltando, entre alguns outros, a Orla de Atalaia.

Ademais, o estudo proposto poderá contribuir para uma melhor compreensão das ressonâncias práticas e simbólicas que permeiam os usos do complexo espaço de uma das mais contundentes experiências de requalificação realizada em Aracaju, cuja síntese da relação cidade e praia se expressa como um espaço urbano. Pretende-se, portanto, entender em que medida os usos desenvolvidos em espaços urbanizados, que retinham práticas simbolicamente delimitadas, alteram o sentido público de estar na cidade e a ressonância dessa alteração para a viabilidade pública no espaço.

Nesse sentido, a Orla de Atalaia pode ser entendida, como uma “paisagem de poder” ZUKIN (2000), considerando que fora inicialmente construída como uma monumentalidade simbólica tendo como agente formulador o poder público, como forma de marcar uma gestão de governo. Contudo, os desdobramentos das intervenções parecem ter escapado das pretensões iniciais e, hoje, a Orla mais parece uma “babel urbana”, com relações sociais díspares que oscilam entre a convivência, o lazer familiar e às práticas extensivas de prostituição de rua.

Sobremaneira, busca-se compreender como as novas visões sobre o espaço são construídas e ainda, como se espacializam, formando uma paisagem urbana complexa e dissonante. Ressalta-se a verificação de agenciamentos que permitem a formação de um ambiente fluido e capaz de agregar diversificados usos, cujos territórios, como ressalta Arantes, “não estão simplesmente justapostos [...] sobrepõem-se e, entrecruzando-se de um modo complexo, formam zonas simbólicas de transição” (1997, p. 261).

Na medida em que a Orla de Atalaia é eleita como centralidade, configura-se em “muitos lugares sociais, polissêmicos, simultâneos e entrecruzados” (Ibid, p.263), tornando-a “um pulsar de espaços e lugares interpretados, confronto de singularidades, num amplo cenário explicitamente político” (Ibid, p.266).

No âmbito da distinção entre a categoria “espaço” e “lugar” repousa a análise de determinados processos sociais. Compreendendo-as é possível abordar o conceito de territorialidade, que “é sempre um espaço de representação, cuja singularidade é construída [...] mediante práticas sociais e usos semelhantes” (LEITE, 2007, p. 284). Práticas estas que são demarcadas simbolicamente pelos habitantes das cidades quando se “deslocam e situam-se no espaço urbano” (ARANTES, 1997, p. 126). E, “nesse espaço comum, que é cotidianamente trilhado, vão sendo construídas coletivamente as fronteiras simbólicas que separam, aproximam, nivelam, hierarquizam ou, [...] ordenam as categorias e os grupos sociais em suas mútuas relações” (Ibid., p. 126).

As fronteiras mantêm relações de tensão, sobrepondo-se e “entrecruzando-se de modo complexo, formam zonas simbólicas de transição [...] análogo ao que Victor Tuner chamou de liminares” (ARANTES, 1997, p. 126). Porém, mais do que territórios que se complementam de forma relacional e bem delimitados, eles formam zonas de contato, em que se situa uma “ordem moral contraditória” (Ibid, p. 127), cuja densidade, em algumas áreas, permite configurar territorialidades flexíveis, em decorrência das movimentações estabelecidas no espaço.

A diversidade socioespacial estabelecida na “Orla de Atalaia” justifica esta pesquisa, no sentido de se compreender as demarcações de territorialidade desenvolvidas a partir de uma lógica de consumo, que comporta o urbano como base para o desenvolvimento de usos delimitados. Tal pesquisa reverte-se da análise do cotidiano desenvolvido nesse espaço, que assegura uma lógica estabelecida entre atores sociais, expõem limites de confluência e consequente existência polissêmica do objeto em estudo.

A noção de um espaço fragmentado o qual parece marcar toda a extensão da Orla se reveste de um forte valor heurístico para os estudos urbanos contemporâneos. Dois aspectos se destacam para a formulação do problema de pesquisa ora proposto: 1) a dimensão de um cotidiano incisivamente marcado pela sociabilidade pública – aqui entendida no sentido de Simmel (2006), para quem a sociabilidade (*Geselligkeit*) é uma forma lúdica de sociação que permite a convivência com estranhos; 2) a dimensão interativa mediada pelas



práticas de consumo (prático ou simbólico) como forma de troca de significados (CANCLINI, 1996; FEATHERSTONE, 1997). Em ambos os casos, a formação de territorialidades e os respectivos usos dos espaços incidem sobre as dimensões de sociabilidade e de consumo.

Atentando à construção de um cotidiano que desenvolve sentidos estabelecidos por coletividades diversas, interagindo em meio a estes significados e constrói uma dinâmica que comporta sentidos variados de forma relacional e contrastiva, cabe verificar em que medida esses sentidos representam a consolidação da polissemia desenvolvida neste espaço.

Os contatos sociais refletem proponentes de uma cultura de consumo que se configura na “simbolização e o uso de bens de consumo como comunicadores” (FEATHERSTONE, 1997, p. 121). Falar de cultura de consumo em “espaços públicos” e na perspectiva de “uso público” recai na possibilidade de se perceber, também, reações conflitantes, na medida em que um espaço, para se tornar uma territorialidade, implica demarcações simbólicas que geram constrangimento para uns, desconforto para outros e estranhamento para a maioria.

O “estilo de vida” envolto dessa cultura de consumo denota “individualidade, auto-expressão e uma consciência de si estilizada” (Ibid., p. 119), fazendo com que espaços sejam criados para comportar essa necessidade de individualidade, mesmo enquanto grupos fragmentados, capazes de favorecer a exposição estética do indivíduo, que sustenta “o senso de estilo proprietário/consumidor” (Ibid, p. 119). Ainda na abordagem de Featherstone, o consumo “não deve ser compreendido apenas como consumo de valores de uso, de utilidades materiais, mas primordialmente como consumo de signos” (Ibid., p. 122). Entende-se por signos, os significados “determinados arbitrariamente por sua posição num sistema auto-referenciado de significantes” (Ibid, p. 122).

A construção de estilos de vida distintos, mediante sociabilidades públicas, parece ser algo inevitável na sociedade de consumo. Desse modo, os espaços e os seus significados, sejam eles atribuídos ou auto-atribuídos, concorrem para a formatação das territorialidades efêmeras ou mais perenes, na forma da construção espacial de um “lugar” (LEITE, 2007).

As políticas de enobrecimento urbano “produzem paisagens urbanas que as classes média e média-alta podem consumir” (SMITH, 2000, p. 73). A Orla de Atalaia reverte-se da característica contrastiva de permissibilidade variada de usos, o que não significa que seja simbolicamente pacífica, ou ainda permissiva a todos, admitindo o extremo a alguns de “se sentir intimidado por esse tipo de espaço altamente defensivo” (Ibid, p. 73).

As políticas de enobrecimento constroem “estrategicamente” (DE CERTEAU, 1994) “paisagens de poder” que em contraste com o vernacular impõe certa intimidação aos “sem poder” (ZUKIN, 2000). Ao assinalar que a Orla de Atalaia caracteriza-se pela permissibilidade de usos é por entender que comporta práticas que são típicas da cidade e as que são típicas da praia, contudo, resguarda ainda a repulsa dos “sem poder” na medida em que pedintes caminham por toda a orla sem um lugar próprio. Assim, entende-se que a Orla não foge a ideia geral de uma paisagem de poder, contudo, percebe-se que o espaço se torna permissivo em variados instantes, contrasta com uma possível generalização.

É nesse sentido que repousa a análise, tendo como objetivos perceber através das rotinas desenvolvidas no cotidiano do espaço Orla de Atalaia as rupturas que apontam aos contrastes; e, pela evidente reserva aos variados estímulos visuais inerentes ao espaço.

Por rotina, compreende-se, do ponto de vista da análise do cotidiano, “uma espécie de ‘cunha’ entre as acções ‘inconscientes’ (tomada a expressão no seu corrente sentido psicológico), e aquelas que são levadas a cabo de uma forma deliberadamente consciente” (PAIS, 2007, p. 31). Entendendo-se que a análise do cotidiano perpassa pela relação de contato com os estímulos provocados pelos espaços, que muitas vezes sugere desconforto e gera atitudes de estranhamento.

Face ao exposto, cabe analisar as diferentes territorialidades na Orla de Atalaia, através das diferentes sociabilidades e práticas de consumo existentes. Revelando os sentidos impressos pelos atores sociais em suas práticas, a ponto de sustentarem o sentido urbano de estar na praia.

## **2 Procedimentos Metodológicos**

Antes de adentrar nos procedimentos metodológicos propriamente ditos, convida-se o leitor a seguir o percurso sobre as noções apreendidas acerca do desenvolvimento do trabalho etnográfico, visto como necessário na medida em que expõe as noções assimiladas pelo pesquisador acerca dos objetivos de estar em campo, podendo tornar elucidativo ao entendimento da pesquisa em sua totalidade.

Para o cumprimento dos objetivos propostos, que levará às considerações finais sobre o problema de pesquisa, foram mapeadas as demarcações socioespaciais da Orla de Atalaia, possibilitando então o entendimento da configuração do espaço, identificando os usos predominantes (e sentidos atribuídos) aos espaços. Além de realizar levantamento iconográfico, verificando-se as principais significâncias atribuídas.

Quanto ao segundo eixo metodológico, referente ao trabalho etnográfico é preciso considerar os entendimentos assimilados acerca deste método durante o curso, ou seja, do processo de elaboração de um trabalho etnográfico, considerando aspectos sobre “estar em campo” e a descrição do mesmo de forma científica.

Tais entendimentos são fruto de reflexões estimuladas pela disciplina de “Métodos e Técnicas de Pesquisa Antropológica” cursada como disciplina obrigatória deste curso. Buscar-se-á relatar com brevidade algumas notas que ressaltam o entendimento acerca do trabalho etnográfico, considerando aspectos do estar em campo enquanto sua objetividade e subjetividade. Tomando um referencial clássico e outro contemporâneo, construo uma breve reflexão acerca da percepção assimilada do trabalho etnográfico.

A partir de Malinowski, entende-se que é impossível compreender um espaço urbano considerando os aspectos iniciais do trabalho etnográfico, ou seja, não se está mais ou apenas, em uma “praia tropical próxima a uma aldeia nativa, vendo a lancha ou o barco que o trouxe afastar-se no mar até desaparecer de vista” (1978, p. 19). Muito menos se trata de entrar “pela primeira vez na aldeia, acompanhado ou não de seu guia branco”, estranhamente observado e curioso quando “alguns nativos se reúnem ao seu redor – principalmente quando sentem cheiro de tabaco” (Ibid., p. 19). A praia na qual se aporta agora é urbana e do nosso convívio, todos são nativos, e ninguém mais nos cerca, busca-se flunar pelos objetos de estudo.

A grande questão que se coloca é como observar os fatos pós-contato com os nativos, posterior a “naturalização” das relações estabelecidas nas comunidades, entendendo quais fatos torna-se importantes para o etnógrafo “nativizado”. A partir do momento em que Malinowski defende a necessidade do contato, deixa a lacuna do entendimento acerca da apreensão dessas relações, já que enfatiza a necessidade de percepção e anotação imediata do contato “estranho” inicial, o que não seria possível no objeto em análise.

Anos após a contribuição de Malinowski, relacionada à pesquisa de campo, o debate pertinente ao estar em campo persiste, seja por “estar lá”, “estar aqui”, “estar perto”,

seja pela forma da apreensão do que observar em campo e como se observar, seja ainda pela cientificidade necessária a uma etnografia, através da escrita e da forma (GEERTZ, 2002; MARIZA, 1995).

Assim, compreendendo que dificilmente replica-se tal método, considerando o fato de os objetos diferenciarem-se, bem como as possibilidades de apreensões teóricas, é que se procurará elencar e inter-relacionar conceitos capazes de propor uma apreensão de caráter científico do presente objeto de estudo - Orla de Atalaia.

Revelam-se questionamentos pertinentes acerca do método e de como compreender o objeto em questão. Portanto, como então conseguir apreender as relações do objeto familiarizado em espaços litorâneos, bem como validar a relevância dos fatos apreendido para análise e consistência ao rigor científico e a compreensão do objeto em sua totalidade, ou da parte?

O objetivo do trabalho do pesquisador antropólogo é de explicar ou, anos depois a esse entendimento, é de interpretar, a totalidade ou a parte de uma sociedade a partir da observação direta ao objeto estudado. O que parece simples rebusca-se em uma variada bibliografia capaz de indicar caminhos extremamente díspares, como salienta Peirano: “ao mesmo tempo em que se vangloria [a antropologia] de ter uma das tradições mais sólidas entre as ciências sociais [...] a disciplina obriga estilos bastante diferenciados” (1995, p. 31). Isto não é necessariamente uma constatação negativa ao considerar a diversidade e a complexidade dos objetos pesquisados. Imagina-se a necessidade de aprisionamento a uma teoria clássica, por exemplo, consagrada no meio acadêmico, impondo a obrigatoriedade de uso, a adaptação pura dos trabalhos realizados com os Nuer, os Ndembus ou com a população das ilhas do pacífico. Contudo estes trabalhos permitem a elaboração de um método de observação em campo com base experimentada, capaz de adequação aos objetos de estudo que se expõe na contemporaneidade.

Malinowski afirma que “o pesquisador de campo depende inteiramente da inspiração que lhe oferecem os estudos teóricos” (1978, p.22) e ainda que “conhecer bem a teoria científica é estar a par de suas últimas descobertas” (Ibid., p. 22) o que não o levaria a incorrer em equívocos. Mas, atenta que isto “não significa estar sobrecarregado de idéias pré-concebidas” (1978, p.22). O pesquisador não deveria mudar suas hipóteses de trabalho frente à pressão das evidências, nem muito menos, não adequar suas proposições diante do objeto estudado. A grande virtude do pesquisador para Malinowski é a capacidade de levantar

problemas, “que são revelados ao pesquisador com os estudos teóricos” (1978, p.22). O campo serviria para falsear uma teoria, dando robusteza à ciência antropológica. Tal entendimento nos sugere pensar a Orla a partir da teoria urbana contemporânea que se debruça aos estudos sobre processos de urbanização e construir problematizações deste campo referentes ao seu sentido público.

Por outro lado, Geertz, é veemente quando expõe sua reflexão sobre as teorias e a necessidade de “ir ao lugar”, e completa dizendo que o que o etnógrafo deve fazer é:

ir ao lugar, voltar de lá com informações sobre como as pessoas vivem e tornar essas informações disponíveis a comunidade acadêmica especializada, de uma forma prática, em vez de ficar vadiando por bibliotecas, refletindo sobre questões literárias (GEERTZ, 2002, p.11).

O autor está preocupado com a credibilidade dos etnógrafos, e ressalta a preocupação exagerada com a maneira como são construídos os textos etnográficos, os quais expõem mais estratégias narrativas do que o reconhecimento de uma determinada cultura. Tentando assim ao desenvolvimento do trabalho no sentido de não realocar encaixes conceituais e perceber o próprio objeto além da teoria estudada.

Mariza Peirano consoante a ambos salienta que “é na sensibilidade para o confronto ou o diálogo entre teorias acadêmicas e nativas que está o potencial de riqueza da antropologia” (1995, p. 48). Assim, a atualização dar-se no campo e na biblioteca, o que ressalta o ponto positivo da diversidade teórica em que consiste a antropologia, permitindo ao pesquisador formulações e reformulações de hipóteses a partir, de categorias estabelecidas, consideradas clássicas, ou mesmo recentes, desde que fundamentadas, o que geralmente dar-se a partir de categorias também já estabelecidas.

Não é de fato apenas o relato factual que imprime uma realidade observada e consequentemente garante a cientificidade do trabalho etnográfico (GEERTZ, 2002), nem muito menos a extensão teórica apresentada, muito menos ainda, o número de teóricos citados num discurso. Mas sim, a compreensão estabelecida a partir do campo, para fins deste trabalho a Orla de Atalaia, e a literatura que se apresenta com base reflexiva da análise. A reflexão pauta-se pelas observações do campo que elucida pensá-lo no âmbito de teorias mais amplas e o retorno ao campo com recortes teóricos com possibilitam a visualização de aspectos

A tensão que se estabelece entre teoria e pesquisa, atenta Peirano, é que quando esta é uma tensão positiva, e quando a mesma se perde, acaba por empobrecer a obra do autor, para demonstrar isso ela cita Malinowski e Victor Turner. O primeiro empobrece-se, na visão de Peirano, por se tratar de excelente etnografia e exemplo de má teoria; o segundo por abandonar os ritos Ndembu, perdendo assim a universalidade de sua abordagem. Assim, a tensão deve existir de forma positiva a contemplar a teoria, a prática e o próprio pesquisador, como salienta a autora, de forma provocativa.

Contudo, é tentando construir um diálogo com a análise de Geertz, que se entende na figura do pesquisador como um ator social do cotidiano estudado, diante das suas subjetividades, da busca pela objetivação e ainda entre os limites da subjetividade do outro.

O objeto em estudo revela-se como um campo propício a pensar tal propositura, a fim de desenvolver uma análise que comporte a subjetividade do autor na busca da objetividade analítica. Para tanto, toma-se a noção de “drama” ressaltada por Victor Turner, em suas análises sobre os rituais Ndembu, quando coloca o sujeito como “ator social” e, principalmente, quando, em seguida, o “retira” de cena em suas conclusões.

Turner afirma estar convicto de que seu informante, ou seja, o sujeito que pratica a ação, e na perspectiva de drama social, o “ator social”, não compreendia determinado fato em sua totalidade simbólica. Daí, pergunta-se a quem cabe a significação do fato: se ao pesquisador ou ao ator social. Partindo de correntes distintas do pensamento social antropológico, Turner apresenta por Nadel a compreensão de que os símbolos, que não são compreendidos, não têm lugar no pensamento social; por outro lado, reforça por Mônica Wilson, que enfatiza as interpretações feitas pelos próprios sujeitos pesquisados, ponderando que a teoria antropológica está eivada de adivinhações simbólicas. Para Turner estas considerações não passam de arbitrárias e impõem sérias limitações ao desenvolvimento do trabalho. Segundo o autor este problema é fruto da incapacidade de distinguir o conceito de símbolo do de signo.

Turner explica que quem participa de um ritual “o encara de um ângulo particular de observação” (TURNER, 2005, p. 57), enquanto que o antropólogo “pode situar esse ritual no seu campo significativo e descrever a estrutura e as propriedades desse campo” (Ibid., p.57), isto, “por meio de suas técnicas e conceitos especiais” (Ibid., p. 57).

O ator social, segundo Turner, tem sua visão

circunscrita pelo fato de ocupar uma posição peculiar de observação, ou mesmo um conjunto de posições situacionais conflitantes, tanto na estrutura persistente de sua sociedade, como também na estrutura de papéis do ritual em questão (TURNER, 2005, p. 57).

Outro elemento relevante, consiste na percepção total do fato, pois “o participante tende a ser governado em suas ações por uma série de interesses e sentimentos, dependentes de suas posição específica [...]” (Ibid., p.57). Neste momento Turner ressalta a busca pela objetividade, e preocupa-se com a tendência do ator social em encarar os ideais, valores e normas como axiomáticos. Sendo assim, verdadeiras em si mesmas, por compreender o fato da perspectiva unilateral do desenvolvimento, ou seja, da sua ação propriamente circunstanciada. Assim, conclui afirmando que “considera legítimo incluir no significado total de um símbolo [...] aspectos a ele associados que o próprio ator não é capaz de interpretar, e dos quais nem se quer se dão conta [...]” (Id., p. 58).

Tal reflexão permite pensar a Orla em sua totalidade para além das compreensões do próprio ator social, considera-se ainda que o pesquisador também é um ator social e vivencia o cotidiano da mesma, cabendo-lhe a partir das categorias analíticas e do pensamento antropológico construir uma reflexão a partir da totalidade do fenômeno estudado, muito além das perspectivas facetadas e delimitadas de determinado acontecimento.

Peirano reforça que se deve, assim como sugerem Malinowski e Geertz, compreender os símbolos do ponto de vista dos nativos, com base no que se percebe, Turner vai além ao afirmar que há muitos elementos não percebidos pelos nativos, que podem e devem ser ressaltados pelo pesquisador.

Geertz salienta que primeiramente é preciso “tornar o significado de ‘ver as coisas do ponto de vista dos nativos’ menos misteriosos” (1997, p. 88). Depois, afirma que o truque é “não deixar se envolver por nenhum tipo de empatia espiritual interna com seus informantes” (Ibid., p. 88). A questão gira em torno da “*verstehen*” e da “*einfuhlen*”, ou seja, da compreensão e da empatia. A pesquisador que vivencia esse cotidiano já deve ter assimilado as relações e constituído as empatias em relação determinados espaços, conquanto é possível estabelecer o devido estranhamento necessário a uma reflexão antropológica, que não representa um “mistério” afinal as práticas são desmistificadas pelo próprio perfil do pesquisador que antes é um ator social. Ao contrário é preciso estar ciente das compreensões e empatias já assimiladas, e não as que poderiam ser estabelecidas no curso da pesquisa,

podendo assim ser construída uma análise a partir das descrições do objeto e não das pré-noções estabelecidas.

Para Geertz, deve-se atentar aos aspectos envolvidos sobre o entendimento acerca da “experiência próxima” e da “experiência distante”, e caso o pesquisador optasse pelo conceito de “experiência próxima [...] ficaria afogado em miudezas e preso em um emaranhado vernacular”; e por outro lado, preferindo o conceito de “experiência distante [...] o deixaria perdido em abstrações e sufocado em jargões” (GEERTZ, 1997, p.88).

Portanto, e agora de forma mais articulada com o pensamento de Victor Turner, o autor explica que assim deve ser realizada uma análise do *modus vivendi* de um povo, sem que se fique “limitada pelos horizontes mentais daquele povo”, ou por outro lado, “nem que fique surda às totalidades de suas existências” (Ibid., p. 88).

É importante ressaltar que nesta propositura Geertz está necessariamente preocupado com o ser aceito em um grupo, o que tecnicamente seria favorável ao desenvolvimento da pesquisa, tornando o “nativo” mais acessível, e confiante em responder as perguntas. Outra problemática se apresenta diante do objeto reconhecido pelo pesquisador, considera-se que o mesmo também é reconhecido, contudo pode ser percebido como agentes do governo – fiscais e policiais à paisana, exatamente pelo não estranhamento do pesquisador. Assim, o mesmo deve comportar o mais próximo das reproduções de significados estabelecidos que é de seu conhecimento, sendo assim possível sutilmente conseguir informações que as práticas podem não revelar.

Retomando o intuito de construir uma reflexão acerca do “estar em campo” urbano, salienta-se que os antropólogos urbanos contemporâneos, não precisam ser aceitos, pois como foi dito inicialmente, flinando-se pelos objetos de estudo, são ator-pesquisador, mas que deve pensar nas empatias, e tê-las como uma atividade intelectual no desenvolvimento da pesquisa, sempre se questionando o porquê de determinadas observações.

A condição de ator-pesquisador é estar, em grau, mais para a “experiência próxima” do que para a “experiência distante”, embora seja importante ressaltar que há limites de distanciamentos. Essa condição proporciona também, estar em lugares de possibilidades mais para “experiências distantes” sem serem vistos como estranho, que propicia vantagens em relação ao objeto pesquisado, assim: 1 – não interferem diretamente na dinâmica do espaço; 2 – os atores não alteram seus textos<sup>1</sup> ao perceber a presença de um

---

<sup>1</sup> Noção de cultura enquanto texto, ver Geertz (1978).



“estranho”; 3 – tendência a perceber as relações sociais de forma inteligível; 4 - é possível compreender símbolos que envolvem as relações sociais, sem a necessidade de relato do ator social que pratica a ação.

A análise semiótica propõe a compreensão a partir dos significados, mas do que do comportamento. Pouco importa para Geertz como os atores sociais comportam-se na sociedade, mas sim o significado que estes comportamentos refletem. E, entende que, quando se estuda casos e interpretações, tem-se acesso à significação que se reverte no entendimento da concepção de vida social organizada em símbolos e *darstellungenn* [apresentações], podendo levar a compreensão do princípio de sua formulação (JÚNIOR, 1993, p. 93).

A “polarização de significado” refere-se aos símbolos dominantes, que segundo o autor apresenta dois pólos com significados claramente distinguíveis, sendo eles o pólo ideológico e o pólo sensorial. No primeiro, pólo ideológico, um “agregado de significata que se referem aos componentes da ordem moral e social” (TURNER, 2005, p. 59); no segundo, o pólo sensorial, “os significata são, usualmente, fenômenos e processos naturais e fisiológicos” (Ibid., p.59).

Considerando que o ator-pesquisador pode adentrar os limites desses símbolos, sem a necessidade de ser “aceito”, é possível elencar os principais significatas expressos no texto social das cidades urbanas. Mas, como conseguir qualificar os significatas que estabelecem relações simbólicas capazes de fornecer ao pesquisador elementos suficientes a sua análise?

A tentativa de responder a esta pergunta agrupa, historicamente e de forma superficial, as importâncias do estar em campo ao longo dos anos, dos objetivos de “estar lá” enquanto método antropológico.

Contrário a curiosidade amadora, a ciência moderna, como aponta Malinowski, “mostra que a sociedade nativa tem uma organização bem definida, são governadas por leis de tudo, sob o controle de laços extremamente complexos de raças e parentescos” (MALINOWSKI, 1978, p. 23). Assim, percebe-se que as formas de sociedades “exóticas” ou “primitivas” eram inicialmente vistas como caóticas e anômalas, então, contrariando essas proposituras, novas teorias surgiram buscando abarcar as leis e a ordem dessas organizações sociais, afirmando terem essas sociedades nativas “um entrelaçamento de deveres, funções e privilégios intimamente associados a uma organização tribal, comunitária e familiar bastante complexa” (Ibid., p. 23).

A ênfase na ação dos indivíduos conduzia os pesquisadores a montar estruturas e funções capazes de explicar uma cultura pela funcionalidade de convenções observadas. Partindo de pressupostos teóricos que fundamentados em teorias da ação, observa costumes capazes de serem explicados por estas categorias analíticas.

Quando Geertz propõe a “refiguração do pensamento social”, explica Azzan Junior, ele está sugerindo uma “inversão no modo de colocar as questões centrais concernentes ao mapeamento do pensamento de uma determinada sociedade, de uma subcultura, ou mesmo de um segmento social” (JÚNIOR, 1993, p.91). Ou seja, a preocupação de Malinowski por leis e instâncias agora é desfocada, e então passa a ser por casos e interpretações, assim sendo, mais preocupada com o particular do que com a totalidade.

Obviamente que a Orla de Atalaia apresenta-se enquanto uma parte de uma totalidade, considerando a cidade de Aracaju, mas pensa-se na mesma enquanto uma totalidade que se configura em suas partes e suas particularidades, atentando as práticas e em interpretá-las na compreensão da totalidade Orla de Atalaia.

Na compreensão metodológica dos estruturalistas e funcionalistas, a busca pelas estruturas que sustentavam as sociedades cegava os pesquisadores para situações outras, que não eram contempladas pela metodologia, ou até mesmo pela teoria que permeava o pensamento intelectual da época, considerando por Malinowski que afirma a necessidade do embasamento teórico como norteador dos questionamentos do pesquisador em campo.

Victor Turner e Max Gluckman, a exemplo, compõem uma geração considerada pós-estruturalista, estes, à grosso modo, não estabelecem em suas análises pares de oposição como claramente observados no estruturalismo. Para o estruturalismo, por exemplo, há uma superioridade e dependência do significante ao significado, enquanto para os pós-estruturalistas há uma relação mútua entre ambos, uma relação de interdependência.

Quando rejeitam generalizações, valorizam contextos específicos e no caso de ambos teóricos citados, contemplem situações específicas, mesmo que delas tirem generalização um tanto quanto subjetivas, a exemplo do próprio Geertz, que em análise da subjetividade do Eu em várias culturas, conseguiu abarcar generalizações referentes às diferenças dessa compreensão.

Victor Turner ainda é mais específico em sua metodologia quando aponta a análise dos símbolos e ainda fornece uma classificação. Mas, a pergunta ainda persiste, o que se deve observar em campos urbanizados?

Considerando que na teoria antropológica se reinventa, ou com prefere Geertz, refigura-se, considera-se a diversidade revelada nos espaços das centralidades urbanas e buscar compreendê-la a partir da observação de seus símbolos, dos significados a eles atribuídos e da inter-relação entre esses símbolos que constitui a manutenção desses *modus vivendi* do ator social urbano, a partir da observação das regularidades e contingências.

O “Ser de lá”, parafraseando Geertz, pressupõe o “ser” na perspectiva de não apenas estar; enquanto que o “lá” sugere a mesma recorrência em Geertz, de algo que mesmo se estando no lugar pode ser relativamente distante em alguns aspectos.

O “ser” é assim colocado ao pesquisador que não mais busca objetos de estudo distantes e “exóticos” – com toda carga histórica que pressupõe este conceito para a antropologia, justificado, de forma explícita ou implícita, por questões políticas, puramente acadêmicas, metodológicas e sociais. Mas o pesquisador que propõe uma análise sobre a Orla é um ator social que a vivencia, metodologicamente por entender a necessidade do estranhamento para compreensão da totalidade estabelece-se a diferença como qualidade necessária aos olhares.

Assim, atenta-se a compreensão do espaço enquanto “práticas” que se desenvolvem, enquanto reflexos de significações e sentidos criados pelos “atores sociais” (DE CERTEAU, 1994; LEITE 2010). A partir dessa reflexão é possível perceber os parâmetros estabelecidos para o desenvolvimento do trabalho etnográfico, que embora se configure com o método de apreensão do objeto, outras atividades foram desenvolvidas com o mesmo intuito de tornar a Orla inteligível nos pressupostos analíticos da antropologia.

O desenvolvimento da pesquisa deu-se a partir de um recorte transversal, com plano de análise descritivo e explicativo, e que se organizou metodologicamente em três eixos fundamentais: 1) análise histórico-documental e iconográfica acerca das intervenções urbanas na Orla de Atalaia; 2) Pesquisa sobre o referencial bibliográfico que possibilitou um diálogo com o objeto em estudo; 3) estudo etnográfico sobre as territorialidades, as sociabilidades, as práticas de consumo e os usos do espaço.

Para o levantamento de fontes secundárias, foram utilizados os métodos convencionais de fichamento e catalogação dos dados sobre as intervenções na Orla. Foram realizadas visitas à empresa projetista “Carlomagno: Arquitetos Associados”; ao órgão responsável pela execução dos projetos, Companhia Estadual de Habitação e Obras Públicas (CEHOP); ao órgão responsável pela manutenção da Orla até março de 2010, a

Superintendência da Orla Marítima de Aracaju (SUPEROMA); ao órgão então responsável pela administração e manutenção da Orla, a Empresa Sergipana de Turismo (EMSERTUR). Considerado a insuficiência de informação sobre a primeira intervenção que resulta na última configuração do espaço físico Orla, seguiu-se à tentativa de jornais da época disponibilizados no Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe, além de levantamento de fotos antigas da região em sítios oficiais e no Instituto Tobias Barreto. O processo de urbanização da região também se coloca como tentativa de compreensão do espaço, assim, foi realizado levantamento bibliográfico sobre a urbanização da cidade de Aracaju e do Bairro Atalaia na Biblioteca Central da Universidade Federal de Sergipe.

No âmbito da temática estuda o referencial bibliográfico recorta-se pela linha de pesquisa “Cultura Urbana e Modos de Vida”, que nos últimos anos tem se dedicado à compreensão dos processos de intervenções urbanísticas em centros históricos, principalmente ao que se refere sua consequente segregação social. Obviamente que este recorte não contemplaria a discussão proposta neste trabalho, contudo, tais discussões adentram reflexões outras, tais como as renovações arquitetônicas, os modos de vida nas cidades e as socioespacialidades que marcam um estilo de vida próprio do urbano. Resguardadas as devidas ponderações ao tema, este referencial teórico contribui na elucidação do objeto, bem como fornecendo as bases para pensá-lo além de suas próprias formulações.

O trabalho etnográfico desenvolve-se com base nos parâmetros e compreensões anteriormente expostas, em sucessivas visitas à campo, o trabalho foi-se estruturando e confortando um olhar de um pesquisador que reconhece muitos dos significados ali expostos. Primeiramente a Orla pensada em sua totalidade, formada de partes que já apresenta a sua diversidade do ponto de vista arquitetônico, posteriormente adentro a uma descrição dessas partes, tentando abarcar de seus propósitos e motivos o sentido daqueles espaços. Posteriormente, atento aos usos, agora a descrição dar-se a partir da observação e de relatos de pessoas que classifiquei como informante, o conhecido informante antropológico, pessoas que estão entendendo estarem estrategicamente localizadas, que não a usa apenas esporadicamente, mas que desenvolvem atividades na orla. Além de colher depoimentos de pessoas que, ao contrário dos trabalhadores, frequentam a orla para utilizá-la enquanto usuário ou como contra-usuário em busca de lazer, saúde, esporte ou apenas para a contemplação.

Contudo, revela-se a intenção de um caminho possível à compreensão do espaço urbanizado Orla de Atalaia, entendendo em que medida uma urbanização pode

necessariamente ser abarcada pelo modo de vida urbano, bem como perceber em que condições se apresentam e se as mesmas inviabilizam o sentido público da vida cotidiana.

## **CAPÍTULO 1**

### **“PORTO” TEÓRICO: UM ESPAÇO ENTRE DOIS ESPAÇOS**

A Orla de Atalaia mostrou-se, durante o trabalho de campo e de revisitas ao diário de campo, um espaço capaz de tornar-se inteligível somente a partir da pluralidade de enfoques analíticos. Alguns elementos revelaram tal possibilidade que serão discutidos no desenvolvimento do trabalho etnográfico, mas, de forma generalizante resume-se, como sendo pela sua: extensão, diversidade de usos propostos pela estrutura física e diversidade de usos praticados pelo usuário.

Embora as políticas de intervenção urbanística tendam a alterar os usos desenvolvidos num determinado espaço, eliminando seus antigos usuários e demarcando práticas possíveis, mesmo que se reapropriando do passado, Rogerio Proença Leite assegura a possibilidade de “repensar a construção desses lugares no contexto urbano contemporâneo a partir dos usos e contra-usos que se fazem dos espaços enobrecidos” (LEITE, 2007, p. 213:214). Caracterizado pela sua polissemia espacial, um determinado espaço é capaz de abarcar tantas quantas forem as suas variações, mesmo que retenha para isso graus elevados de conflito (SIMMEL, 1992), decorre também da própria projeção da estrutura física, que retém certa rigidez no “estriar” (DELEUZE; GUATTARI, 1997) de um espaço, como por exemplo, a construção de espaços privados no conjunto de um espaço “público”.

Algo que se torna recorrente na análise da Orla de Atalaia é de certo a expressão de um uso que não compatibiliza com as noções desenvolvidas acerca de prática urbana, que são as práticas no espaço da praia, por ora reluta-se em compreender como uma cultura praiana. Embora entendido como espaço enobrecido capacitado a abarcar tais variações, que estão dispostas em sua própria diversidade no espaço público em estudo, parecendo encaixar-se nos entendimentos construídos acerca do “urbano”, compreendidos em suas próprias variações.

Logo, parece-me ser este um “espaço” que se coloca em meio aos outros “espaços”, de duas práticas distintas: de um espaço urbano e de um espaço praiano, e que se forja a partir dessas mesmas práticas, tanto comportando elementos de ambas, quanto estruturando suas próprias práticas. Precisa-se, pelas observações, que é possível verificar usos que derivam de uma prática urbana – tais como um jantar com os requintes exigidos em roupas finas; os que derivam de uma prática praiana – as caminhadas contemplativas em

roupas de banho; e as que derivam da superposição de variadas formas e, obviamente, comportadas pelas estruturadas físicas e simbólicas como de uma Orla Marítima Enobrecida – entre tantos outros exemplos, a turista que segue ao almoço no restaurante especializado em massas com saída de praia, mesmo que não siga à praia.

A noção de “espaço” (LEITE, 2007) comporta de forma abrangente “lugares” (Ibid.) urbanizados, tentando teoricamente suprimir as lacunas necessárias à compreensão do objeto: a não ida à praia, nem à cidade, mas a um espaço que permite o sentido de “estar” na praia e na cidade – à Orla de Atalaia. Apresenta-se em um mix que relaciona rotinas e modos de vida que se diferenciam, em práticas, mas que se reproduzem na subjetividade do ator social, revelando e permitindo questionamentos acerca do próprio sentido de estar na praia, que seja abordado posteriormente.

Por ora atenta-se a exposição elementos que configuram tal espaço urbano a partir da configuração arquitetura-uso. A arquitetura deste espaço solapa o tempo da praia enquanto espaço praticado, ao tempo em que assegura simbolicamente o sentido de estar na praia.

A ideia de não ser possível pensar a Orla como apenas mais um espaço da cidade, obviamente que não se pode negar sendo um espaço que deriva da cidade, mas a orla não é centro de cidade, não é patrimônio histórico. A orla não é rua, praça ou bairro, retendo em si imaginariamente o elemento praia, levando também a não negar que ela também deriva do ambiente natural da praia. A Orla marítima é patrimônio ambiental, mesmo com toda a arquitetura que a envolve ela ainda está nos limites geográficos do litoral, com legislação específica, tal como o patrimônio histórico, cujo conteúdo assegura elementos da natureza na composição praia. Longe de elementos legais fundamentarem a defesa de ser este um espaço que comporte apenas as práticas típicas do espaço urbano, mas para além dele, as próprias possibilidades práticas praianas que comporta.

Compreendê-la como um espaço urbano, pois liga-se a cidade com seus hotéis, restaurantes e moradias, afinal, é esta uma extensão do Urbano, não estaria por outro lado negando a marca indelével de um uso estético próprio da praia. Ao contrário estaria fomentando uma discussão que é, ainda, pouco abordada no âmbito das ciências sociais: o uso e as sociabilidades desenvolvidas nos espaços praiais.

Contudo, são estas as formulações teóricas que possibilitam o aporte necessário à compreensão do objeto ora estudado, a robustez das categorias formuladas no âmbito da teoria sócio-antropológica urbana apresentam-se em elasticidades suficientes às ponderações

sem perder sua capacidade explicativa. Às reflexões utilizadas na busca de uma ideia considerável acerca da análise, partem de uma concepção urbana, patrimonial, do consumo cultural, turística e de enobrecimento urbano.

Portanto, pretendendo compreender como são estabelecidas as sociabilidades em uma zona litorânea enobrecida: O que retêm uma Orla Marítima além de mediar o continente e o mar? Quais as práticas estabelecidas em um espaço que envolve sentidos diferenciados de noções do estar em público? Qual o sentido de estar na Orla de Aracaju?

Entre estas e outras questões é iniciada uma reflexão acerca da Orla de Atalaia, atentando à possibilidade de correlacionar análises de objetos outros que contribuam à compreensão do fenômeno estudado.

Assim, busca-se compreender as sociabilidades desenvolvidas neste espaço, tornando inteligíveis as relações que se configuram na complexidade “pedra” e “areia” (SENNETT, 2001). Neste capítulo, a presente reflexão expõe uma compreensão acerca das abordagens teóricas no âmbito das discussões sobre a cidade, com enfoque nos processos denominados “*Gentrification*”, perpassando pelas ideias desenvolvidas acerca dos usos da cidade, e atentando à compreensão que remete ao uso da praia, cuja limitação bibliográfica levou a uma revisão do estado da arte deste objeto.

Primeiro expõe-se sobre os espaços que circundam a Orla, pois, esta nada pode ser sem tais espaços. Uma Orla Enobrecida não tem práticas próprias, mas, sim, que foram desenvolvidas a partir desses dois outros espaços.

## 1.1 Enobrecimento Urbano: pistas para uma compreensão

A Lei Orgânica do Município de Aracaju, que entrou em vigor em abril de 1990, no artigo 34, assegura que “não será permitida a urbanização que impeça o livre e franco acesso a público às praia, ao mar, rios e canais” (PMA) <sup>2</sup>. A citada lei antecede as intervenções urbanísticas que proporcionaram a atual paisagem da Orla de Aracaju, o que parece contras-senso, já que, em alguns trechos, é impossível chegar à praia - não por uma

---

<sup>2</sup> Sita da Prefeitura Municipal de Aracaju (PMA), acesso em 22/julho/2011.



exigência monetária, mas pela própria estrutura física montada, contudo justifica-se pelos propósitos que motivam a construção da atual configuração.

A praia de Atalaia é visualmente escura, o que contrasta com a difusão da ideia comparativa das praias nordestinas com as caribenhas, informação que atualmente pode ser facilmente encontrada em blog de viajeros e em site especializados em viagens<sup>3</sup>. Esta característica, consequência de um processo natural, foi determinante para a difusão de conceitos negativos acerca da região. À época, relata seu mentor, ex-governador João Alves Filho<sup>4</sup>, as praias de Aracaju, em especial a praia de Atalaia, eram entendidas como “feias” e “sujas”. Esta informação é compartilhada por muitos aracajuanos que diziam se incomodar com os comentários feitos por Baianos e Alagoanos sobre Aracaju. Não faltaram adjetivos negativos às praias, o que comprometia a inserção de Aracaju no *trade* turístico nordestino, deixando-a longe de se constituir como um produto turístico.

Estas informações tornam-se indispensáveis na medida em que a elasticidade conceitual da categoria analítica *Gentrification* ou Enobrecimento Urbano desdobram-se nas pistas compreensivas necessárias ao entendimento do fenômeno Orla de Atalaia. Valendo-se ainda da compreensão de Silvana Rubino, quando afirma acerca do significado do termo, que “apenas a história de ocupação de cada cidade pode dar pistas, estejam elas imersas ou não em processos mais amplos de globalização” (RUBINO, 2003, p. 29) é que pode sinalizar à conceituação do processo de Enobrecimento Urbano.

A autora faz uma reflexão sobre as variadas conceituações que o termo recebe ao longo de 50 anos, caminho correlato que guia uma reflexão sobre a compreensão que comporta elementos capazes de abarcar a análise da Orla.

Inicialmente conceituado por Ruth Glass em 1964, designava um fato ocorrido em Londres, onde a classe média passara a habitar áreas desvalorizadas da cidade, contrariando uma ordem anterior, sendo que eles ocupavam bairros habitacionais preparados com uma estrutura residencial (RUBINO, 2003, p. 288), o que teria ocasionado “transformação na composição social de certos bairros centrais” (Ibid., p. 288).

O Processo é então entendido como sendo de natureza diferenciada, cuja compreensão perpassa pelo investimento, o que proporciona a reabilitação do bairro e consequentemente uma compreensão do espaço além da aceitação, cujo “morador sente-se

---

<sup>3</sup> skyscrapercity. viajeaqui. clicrbs.

<sup>4</sup> Entrevista concedida em junho de 2011

dono, sugerindo assim uma apropriação dos espaços gentrificados” (BIDOU-ZACHARIASEN, 2003, p. 22).

Para alguns autores, o conceito tornou-se limitado, sendo criticado e novas compreensões conceituais foram surgindo, tornando sua aplicação cada vez mais ampla:

A gentrificação é um fenômeno ao mesmo tempo físico, econômico, social e cultural. Ela implica não apenas uma mudança social, mas também uma mudança física do estoque de moradias na escala de bairros; enfim, uma mudança econômica sobre os mercados fundiários e imobiliários. É esta combinação de mudanças sociais, físicas e econômicas que distingue a gentrificação como processo ou conjunto de processos específicos. (HARMNET, 1984 apud BIDOU-ZACHARIASEN, 2003, p. 23).

A categoria foi também utilizada para definir “os segmentos superiores das classes médias residindo nos condomínios de luxo no centro das grandes cidades” (BIDOU-ZACHARIASEN, 2003, p.23). Para Bidou-Zachariasen (2003), a sociologia seguiu por duas vias distintas: a primeira optou “por um quadro explicativo derivado do estrutural” (Ibid., p. 23), e a outra como sendo uma “estratégia de atores” (Ibid., p. 23).

Segundo Leite, que também estabelece limites conceituais à categoria quando analisa o Bairro do Recife, atenta à amplitude conceitual atribuída por Niel Smith, em que “gentrification tanto pode referir-se à reabilitação de casarios antigos como pode englobar construções novas” (LEITE, 2007, p. 62).

Os processos de Enobrecimento Urbano, expressão que utilizo a partir de então, se expõem diante do processo de urbanização das cidades. Tal escolha é justificada a partir de Rubino (2003) que opta por esta terminologia não por “uma mera tradução para evitarmos anglicismos, trata-se de um reconhecimento da orientação anglo do termo e do quanto ele precisa ser adjetivado para explicar o que acontece em outros mundos” (RUBINO, 2003, p. 37:38).

As construções novas das quais fala Smith, referencia a Orla enquanto espaço enobrecido. A noção de urbanização difere da noção de urbanismo, para Louis Wirth, o primeiro significa “o desenvolvimento e as extensões destes factores” (1997, p. 49), referindo-se ao urbanismo enquanto “complexo de traços que configuram o modo de vida típico das cidades” (Ibid., p. 49),

E, nesse sentido, tomando como referência a LOM, anteriormente citada, quando se refere às limitações alocadas sobre os processos de urbanização é passível o entendimento da intervenção urbanística na orla como uma extensão dos traços que configuram o modo de vida urbana, enquanto traços típicos da vida na cidade.

Resguardado o aspecto anterior, segue-se às motivações que servem de estímulo à produção do espaço, cujas definições de Sharon Zukin revelam-se contribuintes à análise. Em Zukin, os processos de *Gentrification* têm como objetivo a inserção de determinados espaços em uma lógica de consumo, percebidas como necessárias às “pressões para ajustes às normas do mercado global” (ZUKIN, 2000, p. 105), o que para a autora muitas vezes remete à “reestruturações urbanas surpreendentemente similares” (Ibid., p.105).

É indiscutível a pretensão de inserção da praia de Atalaia em uma lógica global de mercado, no entanto, a noção de similaridades retém em parte pertinência ao espaço, ou seja, é possível compreender a similaridade do espaço em relação ao outros, conquanto é passível ressaltar as particularidades que configuram o espaço, que serão elencados no trabalho etnográfico. É impossível negar a reprodução de determinados componentes que o configura, da mesma forma que não se pode negar características próprias do espaço. Assim, esta noção surge como complementar na percepção total sobre Orla de Atalaia.

A autora levanta uma preocupação com a imprecisão do termo “paisagens urbanas pós-modernas”, ao ponderar que não há critérios que separe as cidades modernas das pós-modernas, afirma que a mudança se estabelece “na maneira como organizamos o que vemos” (Ibid., p. 81), e conclui: “o consumo visual do espaço e do tempo, que está ao mesmo tempo acelerado e abstraído da lógica da produção industrial, obriga à dissolução das identidades espaciais tradicionais e à sua reconstituição sobre novas bases” (Ibid. p. 82). Esta consideração de Zukin tornar-se-ia contemplativa à presente análise, e não de todo um desengajamento, se a última parte de sua afirmação não fosse questionável.

Como é possível reconstituir, senão constituir, identidades tradicionais sobre novas bases? Se há uma mudança nas bases, haveria uma constituição, uma vez que, entende-se que reconstituir retém valores de uma base anterior. Do ponto de vista filosófico pode-se justificar o entendimento de quando a leitura rememora à dúvida hiperbólica de René Descartes, cujo entendimento das verdades só seria possível ao colocar em dúvida as bases de determinado conhecimento. Esta base possivelmente é capaz de desmoronar um entendimento equivocado, construído sobre algo, mas é a partir dessas bases que se reconstrói novo

entendimento (DESCARTES, 1983). Por outro lado, do ponto de vista sociológico, não se pode creditar o entendimento de que às bases, sejam elas motivacionais ou estruturais – lógica de consumo ou a própria arquitetura, sejam capazes de pura e simplesmente constituírem identidades espaciais. Assim, é entendido que se por um lado às bases das quais fala Zukin proporcionam a dissolução de uma identidade, em sendo novas, não comportariam um processo de reconstrução, mas sim, de uma própria construção. A não ser que, como bem se apresenta o objeto em análise, as bases sejam uma abstração, ou seja, como resultado dessa mesma operação, no sentido de reter em si elementos componentes de uma estrutura anterior que em sua diluição, utilizando um termo da autora, não se constitui necessariamente como nova, mas como parte abstrata componente de uma ação anterior. No caso específico detém a noção praiana, enquanto noção substrato de uma composição urbana.

Corroborar-se quando a autora afirma que “a genialidade dos investidores imobiliários, nesse contexto, consiste em inverter a narrativa da cidade moderna, tornando-a um nexó fictício, uma imagem que uma larga faixa da população pode comprar, um panorama onírico de consumo visual” (ZUKIN, 2000, p.81). A palavra “nexó” utilizada pela autora ratifica o entendimento construído acerca das paisagens pós-modernas, o que não elimina o caráter pós-moderno do entendimento, ao contrário coloca e complexifica a noção abstraída do texto de reconstituição de novas identidades espaciais.

Embora não se pretende adentrar em discussões referentes às identidades construídas nos espaços, esta breve compreensão a partir de Zukin confere o entendimento da possibilidade de relações específicas serem constituídas em um espaço específico, tomando como referência a noção de lugar apresentada por Leite, enquanto “demarcações físicas e simbólicas no espaço, cujos usos os qualificam e lhes atribuem sentido de pertencimento, orientando ações sociais e sendo por estas delimitados reflexivamente” (LEITE, 2007, p. 35), é que posteriormente assegura-se compreender as relações socioespaciais desenvolvidas na Orla de Atalaia.

Repousam em Zukin e Leite os contributos necessários à presente análise, comportando os elementos mais abstratos que asseguram as devidas considerações na compreensão da Orla de Atalaia enquanto espaço Enobrecido. Complementam-se a isto a noção retida destas políticas de transformação de um espaço em uma “centralidade” (ZUKIN, 2000), explica Leite, que “refere-se à reapropriação de certos espaços da cidade, a partir da concentração de atividades que refazem usos e impõem uma visão que culmina com a apropriação do espaço” (LEITE, 2007, p. 61), sendo estas políticas “formas de

empreendimentos econômicos que elegem certos espaços da cidade como centralidades e os transformam em áreas de investimentos público e privado” (Ibid., 61).

Ambos trabalham como expressões que possibilitam destaque dos textos e dos contextos que os compõem. Assim, subsidiam a compreensão da orla na medida em que não deixa de ser àquele um “espaço” – que em Leite (2007) tem uma compreensão mais abrangente do que a noção de lugar, independente da discussão que se constrói adiante acerca do encaixe sócio-geográfico do espaço em análise. Contudo, os aspectos aos quais se alude na apresentação deste tópico, ficariam resvalados na compreensão do fenômeno. Atentando aos limites da abordagem que não abarca uma prática praiana.

Por um lado, quando Leite afirma serem essas áreas de investimento público e privado nos espaços, precisa pistas à compreensão primeira da divergência na composição de certos espaços, entende-se que o autor fala de um espaço enquanto composição total, que resguarda investimento público e privado em sua produção. Contudo, sugere-se, a partir do objeto, que o reflexo dessa composição binária nas bases econômicas de produção do espaço produz tensões sócioespaciais na medida em que visões e interesses são engendrados em um próprio espaço, atende-se aos retornos com previsões diferenciadas – é possível compreender que o investidor proporciona a produção de um espaço de vivência não tem as mesmas expectativas do empreendedor que investe em uma churrascaria.

Por outro lado, as pistas apontadas por Zukin, perpassam pelo entendimento de que “sítios específicos da cidade moderna são transformados em espaços liminares pós-modernos, que tanto falseiam como fazem a mediação entre natureza e artefato [...]” (ZUKIN, 2000, 82). Tal compreensão conforta a noção de práticas distintas na composição de um espaço, valendo de David Harvey, para esclarecer tal entendimento, enquanto parte, que tende a perceber como peculiar do tecido urbano, que para o autor revela-se fragmentado, um “‘palimpsesto’ de formas passadas superpostas umas as outras e uma ‘colagem’ de usos correntes, muito dos quais podem ser efêmeros” (HARVEY, 1992, p. 69).

Mais ainda, por forjar uma paisagem pós-moderna, ou seja, dissonante, fragmentada, conflitiva, disputada, um ambiente construído que “constitui um elemento de um complexo de experiência urbana que há muito é um cadinho vital para se forjarem novas sensibilidades culturais” (Ibid., p.69).

Obviamente os autores estão preocupados com o processo de Gentrification ou de Enobrecimento Urbano quando atribuem a estes espaços a noção de “Paisagem Pós-

moderna”, nos elementos chave à esta definição parece comportar as generalidades necessárias à compreensão do objeto.

Tais pistas então permitem compreender a intervenção urbanística da Orla Marítima de Aracaju como um processo que a transformou em um espaço que possibilita momentos de uma condição pós-moderna (HARVEY, 1992). Em sua composição total como um espaço liminar, que medeia práticas distintas, ao que Zukin chamou de natureza, toma-se a praia, ao que chamou de artefato, entende-se o urbano. E, em suas partes, entre os usos que estabelecem “lugares” e “espaços”, além dos espaços públicos intersticiais, ou seja, “as zonas de deslocamento entre as abstenções e os lugares identitários” (2010, p. 200).

A noção de “uso” faz-se necessária compreensão, a recorrência na utilização do termo durante o trabalho remonta a uma categoria capaz de abarcar “relações de indivíduos com objetos, com grupos sociais ou com espaços” (FREHSE, 2009, p. 153). Segundo Fraya Frehse, no primeiro caso remete a uma conotação de utilidade, no segundo suscita a ideia de costume, por último uma ideia mais “vaga”, de relação dos indivíduos. Para fins desse trabalho a expressão assume a categorização capaz de “sintetizar comportamentos corporais e formas de sociabilidade ali” (Ibid., p. 153).

Ao entender que o uso de um espaço “remete à movimentação física, ali, de tipos urbanos vários – com destaque, nas últimas décadas, para transeuntes, multidões, comerciantes de rua e andarilhos [...]” (Ibid, p. 153) é que se insere a figura do banhista, como expressa do uso típico do espaço praiano.

Estes devem ser apresentados a partir das próximas reflexões, quando se busca demonstrar os principais usos e usuários que transitam nos espaços da orla, tornando-se diversificado, considerando a ideia central desenvolvida no presente trabalhos de ser o objeto em estudo um mediador de práticas distintas, que resguardam em si particularidades espaciais e temporais.

Para concluir, pensando na paisagem enquanto elemento emblemático percebido na Orla de Atalaia, é compreendido a partir da definição de Sharon Zukin de “paisagens de poder”, que dá forma a uma “assimetria entre o poder e o cultural” (ZUKIN, 2000, p. 84). E, ainda, que “se opõe claramente à chancela dos *sem poder* – ou seja, à construção social que escolhemos chamar *vernacular* -, ao passo que a segunda acepção de paisagem combina esses impulsos antitéticos em uma visão única a coerente no conjunto” (Ibid., p. 84).

Mais especificamente, compreendida como uma “paisagem dos sonhos” – “um cenário, uma fantasia particular compartilhada e um espaço liminar que faz parte a mediação entre natureza e artefato” (Ibid., p. 91), como já mencionado, mas que se preenche enquanto mediação de “função e símbolo” (Ibid.,). Quando a autora apresenta uma paisagem do complexo Disney, a partir das motivações dos “imagenheiros”, cujo resultado “purifica a paisagem material: ‘É assim que a rua Principal deveria ter sido sempre’, afirma uma imagenheiro que trabalha na Disney” (Ibid., p. 92) revela a intenção inicial desta reflexão quando é apontada a compreensão da praia enquanto “suja”, atentando que os elementos que fundamentam tais intervenções resguardam a noção de composição de um cenário, que acaba por promover algo que era particular em uma fantasia compartilhada, mediada pelas práticas urbanas e praianas.

Comportando desses aspectos o sentido “extra-urbano da paisagem pós-moderna” (JAMES apud ZUKIN, 2000), que, ao contrário da paisagem da Disney “substituía a narrativa de um lugar socialmente construído por um nexo fictício derivado dos produtos de mercado do estúdio Disney” (ZUKIN, 2000 p.92), sobressai uma (re) significação das narrativas do estar na praia em uma estrutura fictícia construída, cujos nexos são estabelecidos com os símbolos envoltos do sentido de estar na praia, configuram um espaço extra-urbano liminar entre a natureza e a cultura.

Entendendo o processo de intervenção da Orla Marítima de Aracaju, enquanto um espaço forjado em suas funções e símbolos, com o objetivo de inseri-la em uma lógica de consumo, que se desenvolvem para além das delimitações das intenções governamentais, e mais, que medeiam práticas distintas, buscar-se-á nos próximos itens revelar práticas entendidas como característica dos espaços que a circunda, e posteriormente, elucidar no trabalho etnográfico reproduções destas práticas, bem como a composições de práticas outras a estrutura física comporta, ou seja, o presente objeto de pesquisa apresenta-se como peculiar paisagem construída que é capaz de formar combinações específicas de práticas comuns.

## 1.2 Práticas Urbanas: o sentido público de estar na cidade

Distante de pensar em uma definição de Cultura Urbana, a intenção da presente reflexão repousa nos pressupostos analíticos que fazem da cidade objeto de análise sócio-antropológico, mais ainda, em expressões peculiares que se desenvolvem no espaço urbano, ou a partir dela. Talvez a delimitação no campo de uma ciência já aponte às suas especificidades, se é possível falar em Antropologia Urbana, tem-se a antropologia à cultura como foco analítico, sendo permitido falar na delimitação de uma configuração específica: a cultura urbana.

Mas distante ainda é a intenção de demarcar fisicamente tal fenômeno, como assegura Louis Wirth: “[...] o urbanismo, enquanto modo de vida, encontra-se caracteristicamente em lugares que preenchem os requisitos que estimularemos para a definição da cidade, mas, por outro lado, não se restringe a tais locais e manifesta-se, em graus variáveis, onde quer que cheguem as influências da cidade” (WIRTH, 1997, p.49).

Obviamente que a cultura urbana desenvolve-se na cidade, a observação clichê ganha relevo no desenvolvimento do presente trabalho na medida em que determinadas características pertinentes a este espaço (a cidade) permitem o reconhecimento do espaço outro, forjado sobre a areia e a praia em suas próprias adversidades (ao urbano). Não que isso represente uma delimitação rígida e impenetrável, mas ao contrário fluída e permeável, tomando pontualmente composições linguísticas capazes de compreender teoricamente um fenômeno.

Antes de falar de uma Prática Urbana, seguindo ao próximo item acerca de uma Prática Praiana, anteriormente será apresentada a noção de “prática” que preenche ambas as análises a seguir, neste item, a uma breve apresentação da ideia de cidade, considerando que é antes na cidade que se configura o sentido de urbano.

O entendimento de que o comportamento é uma ação simbólica, que referenda os signos e os significados, permite certa flexibilidade no entendimento das ações, que se desenvolvem neste trabalho, e ainda, que serão identificados a partir da observação e interpretação dos espaços, entendendo o espaço como “um lugar praticado” (DE CERTEAU, 1994). Lembrando que é nos passos dos que frequentam a Orla de Atalaia que persiste essa análise.



Por ora retém-se a expor nas próximas linhas uma noção teórica constituída em torno de uma “prática urbana” e posteriormente de uma “prática praiana”, nos próximos capítulos, pretende-se revelar as intervenções que resultam no espaço a ser praticado, seguido dos passos dos que caminham na Orla de Atalaia sob a ótica de ambas as práticas aqui expostas.

Detém-se agora à noção de cidade, que promove um longo debate acerca da abordagem teórico-metodológica, bem como do próprio reconhecimento da cidade como objeto de análise das ciências sociais. Pretendendo por ora apenas percorrer um breve caminho sobre a construção dessa disciplina, não sendo objeto desse trabalho desenvolver uma análise da retrospectiva da mesma, mas apenas apresentar elementos subjacentes às categorias trabalhadas no desenvolvimento da análise da Orla de Atalaia.

No âmbito de construção de uma percepção desta, é possível considerar que é recente a instituição da disciplina Antropologia Urbana, ou mesmo da Sociologia Urbana, com tamanha robustez que se apresenta na atualidade. O reconhecimento da cidade como elemento de análise das Ciências Sociais sempre foi recorrente, mesmo não sendo como objeto central, mas como parte de uma compreensão de uma totalidade: a sociedade.

Carlos Fortuna (1997) apresenta de forma satisfatória um breve percurso pelas noções apresentadas por autores das correntes sociológicas, alguns com notório reconhecimento na produção da teoria social, outros nem tanto, mas que nos possibilita o entendimento das mudanças ocorridas nas abordagens acerca da cidade no âmbito das Ciências Sociais.

Em 2002, Fortuna, ao organizar um livro que resultou de um encontro na cidade de Coimbra sobre “Cultura Urbana, Estilos de Vida e Prática de Consumo” faz uma introdução apresentando fragmentos de autores que, obstatente às suas investigações, percorriam o universo das cidades e das culturas urbanas, sempre como um elemento subjacente ao objeto em análise. E, ainda, adentra no universo das análises delimitadamente voltadas à compreensão da cidade e dos modos de vida nela estabelecidos.

A primeira abordagem feita pelo referido autor é sobre uma afirmação de Robert Park de 1915, no qual sugere que a cidade deveria ser o laboratório de análise da natureza humana, equivalendo a cidade à sociedade. Fortuna direciona todo o seu texto a partir dessa afirmação. Inicialmente aponta a ambiguidade da mesma, ao refletir sobre a possibilidade de pensar a sociedade ao pensar a cidade.

Dir-se-á que sim, se se entender que é da cidade e da cultura urbana que irradiam as diferentes forças que mantêm, reproduzem e complexificam a sociedade no seu todo. [...] Ao contrário, dir-se-á que não, se se julgar que a actual expansão da cidade e da cultura urbana, em vez de torná-las homogêneas, as distingue e diversifica entre si, ao ponto de, conjugadas no plural, não poderem constituir-se em eventual e único critério de aferição da sociedade em geral. (FORTUNA, 1997, p. 01)

A ambiguidade é apontada como algo positivo, considerando que o confronto pode ser assumido pelas disciplinas do campo das Ciências Sociais, ou mesmo no interior delas. Assim, segue sua reflexão afirmando que a mesma desenvolve-se não no intuito de buscar uma convergência, mas um alinhamento de diversos campos de conhecimento.

Após situar na abordagem sociológica o âmbito inicial de análise das cidades, em textos considerados clássicos, tem seu espaço autores consagrado pela produção que delimita epistemologicamente a sociologia, que não deixaram de abordar e perceber a cidade em sua importância analítica. E, afirma ser longa a tradição sociológica sobre a Cidade e a Cultura Urbana (FORTUNA, 1997).

O ponto crucial ao desenvolvimento da disciplina, assinala o autor, é além do processo de urbanização, pós-revolução industrial, que “passou a alterar a fisionomia do mundo ocidental e continua hoje em dia a modificar as geografias, as mentalidades e as práticas sociais” (FORTUNA, 1997, p. 03), mas também “o movimento de concentração populacional em aglomerados urbano que faz da sociedade ocidental uma sociedade fundamentalmente urbana” (Ibid., p. 02). Mesmo que esta crescente urbanização não possa ser confundida com a história do urbanismo, nem mesmo com a formação e proliferação da cultura urbana, pode ser compreendida como “a evolução linear do crescimento das cidades corresponde à constituição hesitante, feita de avanços e recuos, daquilo o que chamamos cultura urbana” (Ibid., p.03).

Cultura Urbana é então definida “como um campo teórico, centrado em redor de um conjunto específico de práticas sociais mentalidades e estilos de vida que se forjam, comunicam e reproduzem na cidade” (Ibid., p. 04). A orla retém tais características na medida em que as práticas nela desenvolvidas também reproduzem um estilo de vida urbano, cujos sujeitos e identidades são “construídas nas práticas discursivas e nos atos interativos” (LEITE, 2008, p. 189). Entre as possibilidades de compreensão dos estilos de vida, apresentam-se “diferentes recursos visuais: roupas, tipos de cabelo, adereços e inscrições corporais [...] a

forma de se vestir sempre se constituiu e um importante fator de diferenciação social” (LEITE, 2008, p. 190). Outros aspectos sobressaem, tais como o tipo de relação que insinua o outro como estranho e o distancia do “lugar” que se sente “próprio” (LEITE, 2007; DE CERTEAU, 1994)

Ao delimitar o campo de análise, a sociologia positivista, segundo o autor, ao “coisificar” a cidade, buscava compreender as raízes históricas e os constrangimentos que recaíam sobre ela, sempre com enfoque econômico, paralelamente elementos políticos, arquitetônicos, geo-espaciais, entre outros, foram expurgado da cidade (FORTUNA, 2000). Dir-se-ia mais sobre os “mentores de tal estratégia do que sobre o fenômeno cultural em si” (FORTUNA, 2000, p.04).

A observação feita pelo autor delimita na atualidade dois campos de atuação da Teoria Urbana e consequentemente da própria Antropologia Urbana. Ao contrario do que se apresenta, entre os positivistas - a transformação de uma cidade-sujeito em uma cidade-objeto, na atualidade, correntes analíticas possibilitam a análise de ambas. Havendo, assim, duas correntes distintas na formulação do pensamento Teórico Urbano, sendo eles: primeiramente um enfoque mais político, partindo dos agentes estrategistas da cidade, os atores que forjam a cidade; por outro lado, a possibilidade de uma análise mais culturalista, que parte dos atores sociais que no cotidiano constroem a noção de urbano.

O autor afirma ser de Henri Pirenne uma das teses sobre a natureza da cidade medieval mais divulgada na Europa, cuja análise faz depender a dinâmica urbana das relações mercantis. Max Weber, por sua vez, mesmo ao limitar-se às cidades medievais, não a compreende apenas em suas relações econômicas e mercantis, mas já apresenta uma noção plural de cidade. E, o mais importante, a compreensão do sentido da crescente autonomia da esfera urbana, reconhece-a como “uma entidade multifacetada, dotada de instituições políticas e associativas, jurídicas e burocrático-administrativas, relativamente autônomas” (FORTUNA, 1997, p. 07). E, ensaia, segundo Fortuna, “uma explicação para o surgimento de três tipos-ideais de sociabilidade urbana, protagonizados pelo cidadão, pelo estranho e pelo empresário capitalista” (JONAS apud FORTUNA, 1997, p. 07).

Posteriormente, uma análise que merece destaque na apresentação de Fortuna é a realizada por Friederich Engels, em 1845, cuja compreensão acentua a cidade industrial enquanto “produto directo do capitalismo industrial e, como tal, é cenário aberto da luta de

classes” (FORTUNA, 1997, p. 07). Em que a classe operária torna-se invisível, a cidade de Manchester é então compreendida como um cenário da segregação de classes.

A possível resposta da “classe média” teria sido a fuga para o subúrbio, contribuindo para um processo de “suburbanização”. E, assim, diferentemente da cidade Medieval, que se desenvolve num centro, a industrial “cresce a partir do centro saturado para as margens em expansão” (Ibid., p. 8).

Entre tantos elementos negativos, fruto da monetarização das relações sociais, a cidade é então compreendida como promotora da degradação cívica e moral dos seus moradores, além de “precarizar a sua condição física a intelectual e instigar a desordem, o vício e a doença” (Ibid. p. 08).

Em síntese, a hegemonia do pensamento decorrente desse período é compreendida como um momento do “pessimismo urbano”, que contrastava com a visão de uma cidade cujos subúrbios seriam capazes de oferecer segurança ao indivíduo, “onde a família, a estabilidade e a comunidade de valores podiam desenvolver-se a coberto dos ricos da grande cidade” (Ibid., p.08).

Após o momento em que se instaura a bifurcação do pensamento a partir das críticas anti-urbanas, por um lado, e pensamentos em defesa do subúrbio, pelo outros, o entendimento da hegemonia de ambos, os escritos de Georg Simmel e Ferdinand Tönnies apresentaram um estudo contundente e voltado à especificidade da cidade.

O pensamento apresentado por ambos revela uma cultura urbana, fazendo assim emergir segundo o autor, um novo objeto de análise em que “ressaltam práticas políticas e comportamentos sociais, valores culturais e universos mentais que [...] no entanto, não se confundem com a cidade, a sua morfologia e a sua estruturação” (FORTUNA, 2000, p.8).

Fortuna destaca Simmel entre os pensadores da cultura urbana moderna, que

não procede a uma análise histórico-comparativa e a sua preocupação com o que é novo e moderno na sociedade da viragem do século XIX desenrola-se em exclusivo pelo recurso às representações mentais, aos modos de percepção/apropriação e à experiência vivida dos sujeitos (FORTUNA, 2000, p.9)

Distante da compreensão que a vida monetária sempre teve como sede a metrópole, Simmel interessa-se pelos “efeitos indelévels decorrentes da violenta ruptura

espaço-temporal que se opera na metrópole, a correspondente alteração das relações das relações de causalidade social e a resposta sociopsicológica e emocional dos sujeitos” (FORTUNA, 1997, p. 09), secundarizando a análise histórica.

O contraponto de Simmel é a cidade pequena e não mais o campo. Buscava em suas análises sobressaltar elementos da natureza e a originalidade da metrópole, a partir das noções metodológicas do contraste, no qual percebe o microuniverso e o sensível. Obstante a necessidade de sociabilidade nas grandes cidades, apontada por Simmel, como um espaço propício à intensificação e à multiplicação das relações sociais, que a partir de Weber, resulta na plenitude urbana, sendo esta uma condição deplorável ao sujeito urbano, caso as reações na cidade fossem as mesmas da pequena localidade. Assim, para Simmel, o sujeito busca, antes disso, como mecanismo de autodefesa, a individualização, criando distâncias sociais e vivendo no anonimato. Quando o sujeito da metrópole busca dissociar-se surge para Simmel, segundo Fortuna, a socialização, não sendo apenas constituída sob essa perspectiva, mas sendo esta uma das formas elementares.

A teoria durkheimiana, posteriormente, atenta a possibilidade de anomia social, e assim a compreensão da teoria de Simmel é submetida a novo entendimento. Isto porque, este entendimento, no sentido objetivo, levaria à compreensão de uma desorganização institucional e, no sentido subjetivo, à desorientação pessoal. Para Fortuna, essa noção não pode corresponder a ideia apresentada por Simmel, considerando que para o mesmo, as relações estabelecidas num espaço extenso e denso, como o espaço urbano, só são possíveis a partir da preponderância do espírito objetivo sobre o espírito subjetivo.

A partir desses marcos iniciais, a compreensão da cidade reclama um espaço no âmbito da análise antropológica, ao considerar que o objeto em discussão constrói a possibilidade de inteligibilidade de uma das aéreas mais demograficamente densas. Tornando assim, possível a compreensão da própria sociedade, cujas relações são multiplamente estabelecidas na cidade.

No âmbito antropológico, a disciplina começa a consolidar-se a partir da Escola de Chicago (FORTUNA, 2000; VELHO, 1999). As noções apresentadas por Simmel são frutíferas entre seus expoentes, tais como, William Thomas, Robert Park, Louis Wirth, sendo os dois últimos utilizados de forma sistemática neste trabalho. A corrente analítica desta escola não se furtava a delimitação de objetos, apresentando-se em abrangência uma corrente

múltipla, no qual se buscava compreender uma gama de temáticas entre as quais se encontrava a antropologia urbana.

Em Louis Wirth, embora criticado pela oposição cidade e campo (FORTUNA, 1997), a cidade é definida como “um agregado relativamente extenso, denso e estável de indivíduos socialmente heterogêneos” (WIRTH, 1997, p. 50), uma compreensão propositalmente generalista que deixa a cargo das próprias experiências o entendimento da natureza urbana das cidades. Nesta cidade da qual fala Wirth, “os contatos podem ser face a face [...] na verdade, continuam a ser impessoais, superficiais, transitórios e segmentados” (1997, p. 53)

É, como base nesse mesmo entendimento, que os autores contemporâneos que serão utilizados neste trabalho desenvolvem suas análises em busca de entendimentos sobre o modo de vida urbano, que se sintetiza em uma cultura urbana. Assim, o cotidiano da cidade, que é inicialmente percebido como uma forma de demonstrar as regularidades urbanas, revela um espaço multifacetado em sua estrutura e em seus usos. Posterior ao entendimento da Orla de Atalaia enquanto espaço enobrecido, cuja reflexão leva a sustentar a terminologia Enobrecimento Urbano enquanto categoria explicativa do objeto, inicia-se um entendimento acerca do espaço, enquanto contributo a pensar o modo de vida do aracajuano a partir das práticas desenvolvidas no espaço da Orla.

Os usos e a arquitetura que se apresentam na Orla Marítima, assim como a estrutura física erguida, são fundamentais na compreensão das sociabilidades estabelecidas nesses espaços. Os usos que ressoam lá são percebidos do lado de cá, do urbano, que confere um sentido rotidianizado às práticas. As rotinas se inserem a noção de cotidiano, enquanto processo mais amplo que engloba rotinas distintas, para fins deste trabalho, a ideia de cotidiano perpassa por uma compreensão fragmentada e contingencial, o que possibilita uma análise total do fenômeno.

Segundo José Machado Pais, o cotidiano das cidades ou as “rotas”, entendidas a partir da etimologia da palavra, que se formula do “latim *via*, *rupta*, donde derivam expressões ‘rotura’ ou ‘ruptura’: acto ou efeito de romper ou interpretar; corte rompimento, fractura” (PAIS, 2007, p. 31), são “caminhos de encruzilhada entre rotina e a ruptura” (Ibid., p. 31). O que tonifica a noção de complexidade da análise das culturas urbanas a partir do seu cotidiano. Complementar a este entendimento ressoa a noção apresentada por Leite, em que “a experiência urbana contemporânea, é contingente na normatividade e imprevisível na

rotinização” (2010, p. 738), e completa: “mais do que uma configuração fluída [...] refiro-me à existência de condutas deliberadamente ambíguas que são fugidias ao enquadramento conceitual binário, do tipo conduto normatiza, ou ação desregrada” (Ibid., p.31).

E, assegura ainda, que não pretende com isso,

negar inteiramente o caráter recursivo das ações cotidianas que asseguram certas regularidades sociais necessárias. Pretendo tão-somente reafirmar que certas rupturas reincidentes que ocorrem nos interstícios da vida pública não põe em risco a cotidianidade – embora a desafiem -, mas, ao contrário, garantem certas dinâmicas necessárias às práticas sociais geradores da contestação e da mudança” (Ibid., p. 31)

Tais noções revelam o caráter particular da vida pública nas cidades, com quantos elementos sejam possíveis o vislumbrar de uma vida pública no espaço urbano, revertido de um contato com o outro, deflagrado nas primeiras observações sobre a vida na cidade em virtude de seu adensamento (WIRTH, 1997).

Atitudes foram observadas como singular da vida urbana, Georg Simmel do “Blasé” e Walter Benjamin do “Flaneur” acentuam atitudes do homem em meio à cidade, particularizando ações e sentidos em meio às “pedras” (SENNETT, 2001).

Simmel admite que “os problemas mais complexos da vida moderna decorrem da vontade do indivíduo de preservar a sua independência e individualidade perante os poderes supremos da sociedade (1997, p. 31). Isto porque “a base psicológica que sobre a qual se constrói a individualidade metropolitana é a intensificação da vida emocional decorrente da mudança brusca e continuada dos estímulos internos e externos” (Ibid., p.31). O espaço urbano caracteriza-se pela densidade de estímulos, principalmente os visuais, fazendo com que o indivíduo busque uma reserva mental que inconscientemente traduz na sua individualidade. Os contextos urbanos, em Simmel, são perturbadores ao “espírito”, isto porque a “metrópole promove estas condições psicológicas contrastantes - em cada atravessar de rua, no ritmo e na variedade da vida social, econômica e ocupacional” (Ibid., p.31).

O homem moderno de Simmel, em meio a uma cultura urbana, constitui-se do que ele chama de “atitude blasé”, sendo esta “a incapacidade de reagir a novos estímulos com a energia adequada” (1997, p. 35). A reação do homem neste universo diversificado e perene configura-se como uma reação típica desse espaço:

Não existe provavelmente nenhum fenômeno psíquico tão condicionalmente reservado à metrópole como a atitude blasé. Ela é, em primeiro lugar, a consequência dos estímulos nervosos que, em acelerada mudança, emergem com todos os seus contrastes e dos quais a intensificação da racionalidade metropolitana parece resultar (SIMMEL, 1997, p. 35).

Walter Benjamin constrói uma análise correlacionando dois elementos que julga importante, de um lado uma personalidade da época, seja um estudioso, um poeta ou um inventor; do outras arquiteturas que surgem com a cidade moderna, os panoramas, as galerias, e a própria Paris.

As relacionar Baudelaire com as ruas de Paris, intitulado em tom questionador: “Baudelaire ou as ruas de Paris“, busca no gênio de Baudelaire o olhar do “flâneur”. O “gênio” que se “alimenta da melancolia, é um gênio alegórico” (BENJAMIN, 1997, p. 74), esse olhar alegórico, segundo Benjamin, faz Baudelaire mergulhar na cidade com olhos de um homem alienado. Assim, consegue vislumbrar um olhar além dos traçados de Paris, mas de qualquer cidade que se deparava com mudanças ocasionadas pelos processos modernizadores.

Com o Flâneur, Benajmim consegue descrever como o homem sente-se diante de tantas diversidades e adversidades que a modernidade proporcionava. Encontrava-se, pois, no “limiar; no limiar da cidade e da classe burguesa. Nem numa nem noutra ele se sente à vontade” (BENJAMIM, 1997, p. 74). É um homem que consegue se desvencilhar das amarras impostas pelas sociedades modernas, as quais são percebidas por Benjamin e transita sem pressupostos por todos os lugares.

O flâneur “procura refúgio na multidão [...] é o disfarce através do qual a cidade familiar atraia o flâneur como fantasmagoria” (BENJAMIM, 1997, p. 74), no sentido de parecer uma “Paisagem” ora um “quadro”. Representa aquele indivíduo que embora esteja na multidão, não quer ser visto, e consequentemente pouco se importa com o que vê, é um alguém que usa a cidade sem se preocupar com o que ela tem a lhe oferecer. As atitudes reverberam ações individuais, que alavanca seu entendimento a uma coletividade. Contudo, enfoques outros apontam uma cultura urbana do ponto de vista do coletivo.

Mike Featherstone contribui para discussão ao assinalar que a sociedade estruturava-se em princípios mercadológicos, definindo-se no âmbito de uma “cultura de consumo”, o que envolve um foco duplo: “em primeiro lugar na dimensão cultural da economia [...] os bens como comunicadores e não apenas como utilidades; em segundo lugar na economia dos bens



culturais [...] que opera dentro da esfera dos estilos de vida” (FEATHERSTONE, 1997, p. 122).

Contribui então com a análise na medida em que entende e apresenta que o consumo “não deve ser compreendido apenas como consumo de valores de uso, de utilidades materiais, mas primordialmente como consumo de signos” (Ibid., p. 122), entendendo signos como “determinado arbitrariamente por sua posição num sistema auto-referenciado de significantes” (Ibid., p. 122). A cultura de bens de consumo associa-se ao “luxo, exotismo, beleza, e fantasia” (Ibid., p. 122), e nos atenta que cada vez mais, “fica difícil em decifrar seu uso original ou funcional” (Ibid., p. 122).

Estes são alguns aspectos que estimulam pensar a cultura urbana centrada em determinados valores e ideias constituídas em torno da pedra e do cal, muito além da areia da praia, que embora não os compreenda como determinantes, ou muito menos busque explorar tais elementos físicos como determinantes aos usos, mas apenas evocar os significados desenvolvido pelos indivíduos nestes e para estes espaços, em teias com fios que se entrecruzam e revelam muito além das estruturas físicas e naturais, mas que se expressam em rotinas que referendam seus próprios signos. Assim, o urbano é sintetizado como um “lugar”, que para fins deste trabalho, o modo de vida urbano apresenta-se para a Orla de Atalaia como um dos seus lados, o do “lugar da cidade”, com um ritmo próprio, uma rotina própria e indumentária específicas.

### **1.3 Práticas Praianas: o sentido de estar na praia**

Um espaço sem arquitetura não é urbano, que para Louis Wirth é o “complexo de traços que configura a cidade”, logo, uma espaço sem o urbano não é cidade. Pensa-se a praia sem estruturas urbanas, sem os traços da arquitetura. Questiona-se entre tantas reflexões Por que atribuir a areia, a praia e ao mar, a categorização de espaço urbano? Como pensar o espaço da praia no conjunto da cidade? Estaria a praia distanciando-se ou aproximando-se da cidade?

Dir-se-ia que entre ambos há uma relação mútua e flexível, a partir da cidade a praia se estabelece socialmente, ela passa a moldar-se a um jeito urbano de estar na cidade, ao tempo em que a sua consolidação espraia à cidade e revela um modo de vida específico.

A discussão estende-se mais ainda quando a denominação “praia da cidade” (LYKOUROPOULOS, 2006) surge no sentido de delimitar a praia que interessa. Quando Milena Lykouropoulos utiliza a expressão, embora não a defina, está demarcando a praia que fala, ou seja, praias que margeiam a cidade. Surge então o seguinte questionamento: em que medida a praia representa o/um sentido público de estar na cidade? É possível pensar a praia enquanto espaço que reproduz o sentido que envolve as práticas urbanas? É a praia urbana?

Obviamente que não se pretende responder a tantas perguntas, entendendo que merecerem atenção especial, considerando que muitos trabalhos utilizam-se de tais expressões sem as devidas análises. A teoria urbana contemporânea ensaia os primeiros passos a consolidar a beira-mar como objeto de estudo das Ciências Súcias, cabendo para este trabalho considerar a característica de ser a Praia de Atalaia uma praia que se desenvolve a partir do urbano, o processo de povoação da região, apresentado no próximo capítulo, dar-se posteriormente a consolidação do centro da cidade de Aracaju. Assim, a praia de Atalaia reproduz características do modo de vida urbano da cidade de Aracaju em suas configurações socioespaciais e em estilos de vida, contudo a prática praiana resguarda-se de particularidades, apresentadas neste item, que se diferenciam das práticas típicas do urbano, resguardando características próprias, como a “moda praia”, aceita no espaço praia e negada em outros espaços da cidade.

Contudo, referente aos primeiros questionamentos, poderia responder a todas as perguntas com um sim. Sim, não só por isso, mas ainda mais, poder-se-ia considerar a praia urbana. Não apenas a que é moldada pela cidade, solicita, desenvolve um estilo de vida específico, entre suas arquiteturas e sentidos, não é possível resvalar a praia ao urbano, acoplá-la ao modo distinto de praticar um espaço, ou até mesmo de estilizar um modo de vida.

Mas, antes mesmo de tentar responder estas perguntas, vale o entendimento acerca da importância desta discussão para a compreensão da Orla de Atalaia, além de margeá-la. Primeiro, porque o local onde hoje se encontra a Orla de Atalaia era antes uma praia; segundo, porque a arquitetura-orla resguarda simbolicamente o sentido de estar na praia; e, por último, porque os frequentadores da praia também estão na Orla.

Inicialmente buscou-se trabalhos que fizessem referência a praia enquanto prática distinta, enquanto uma “cultura de praia”. Foram encontrados alguns que citam uma “cultura da praia” como uma composição lexical que parece conter toda a complexidade necessária a uma categorização, sem uma definição acerca da prática distinta. Como colocado, a insipiente inclinação ao estudo da praia pelas Ciências Sociais, não possibilitou tal compreensão. Fala-se comumente no Brasil de uma cultura de praia, que se percebe envolver o entusiasmo do pesquisador em enquadrar um estilo de vida a um léxico sem maiores reflexões.

Antes de adentrar nas discussões realizadas no Brasil, cujas particularidades dos usos revelam-se contundentes à análise, faz-se necessário citar o historiador francês Alain Corbin (1989), cuja recorrência de citações em trabalhos brasileiros revelam a tentativa de compreender o arquétipo sentido ocidental de ir à praia, a partir do século XVIII. Além de ressaltar as visões negativas atribuídas ao mar, o autor atenta-se as mudanças de valores atribuídos ao mar:

O banho de mar deve ser tomado durante o outono, um pouco antes do pôr-do-sol e à sombra; nunca no cáldo e fétido Mediterrâneo, mas nas águas geladas do mar do Norte e do canal da Mancha. O prazer nasce da água que flagela e, mais sub-reptício, da contemplação proibida dos cabelos soltos, pés nus e quadris marcados por calças justas das moças que se escondem em carruagens de banho. Assim começa, no século XVIII, a história do desejo da beira-mar, dos prazeres da infinitude marinha e da invenção do veraneio, com a organização da natureza litorânea em balneários, marinas e belvederes (CORBIN, sinopse, 1989).

Além de Corbin, outro francês interessa-se pela temática, Jean-Didier Urbain, que volta sua análise ao turismo, e não deixa de elencar a praia como um espaço turístico. Em, *Sur la Plage: Mœurs et Coutumes Balnéaires (XIX-XX Siècles)*, o autor, segundo Claudino Ferreira, “interroga-se sobre a condição paradoxal do veraneante, esse estranho personagem moderno que se desloca anualmente do seu território para reencontrar, numa atmosfera nova, um espaço de *sedentarização temporária*” (FERREIRA, 1995, p. 94).

Joana Freitas constrói uma reflexão a partir de André Lespagnol para iniciar uma discussão sobre as relações construídas entre o indivíduo com o litoral, adentrando às transformações provocadas ao longo de anos:

a percepção que temos do litoral não é natural, imanente ou intemporal. É uma construção social que se inscreve num quadro geral de mentalidades e que se modifica com a passagem do tempo, em função da complexa teia de relações que se estabelece entre aquele espaço e os actores sociais (FREITAS, 2007, p. 106).

Isso leva a pensar duas proposituras sobre a praia: primeiro a possibilidade do desenvolvimento de teias de significados particularizados ao seu ambiente; e segundo, embora uma construção social que se envolve do sentido urbano, o litoral resguarda características próprias, que se particularizam ao longo do tempo, cuja dinâmica resguarda elementos configurando uma rotina própria.

Tais proposituras sustentam-se a partir do entendimento de que “o olhar de um indivíduo ou de uma sociedade sobre a ‘paisagem litoral’ é sempre uma apropriação subjacente, conferindo-lhe um significado simbólico que traduz uma perspectiva sobre o mundo envolvente” (FREITAS, 2007, p. 106).

A autora segue a uma exposição de sentidos atribuídos a este espaço:

território do vazio, último vestígio do divino bíblico, fronteiras entre o caos e a ordem, cais de embarque para o novo mundo, porto de chegada de riqueza e produtos maravilhosos, ermo povoado de dunas áridas, área para estender redes e atracar os barcos da pesca, local de busca do “eu” para o espírito romântico, paisagem de pura contemplação estética, estação balnear com fins terapêuticos, lugar de fruição lúdica e veraneio – que reflectem a variabilidade de práticas, comportamentos, sensibilidades, formas de sociabilidades, que se desenvolveu que se desenvolveram em torno deste espaço, constituindo um verdadeiro código de leitura e interpretação da apreciação e utilização econômica, política, científica, estética, terapêutica e/ou lúdica, que cada grupo humano faz dele (FREITAS, 2007, p.106)

Entre tantos sentidos, alguns, além de ocuparem-se deste espaço, delimitaram-se no tempo. Interessa para esta pesquisa compreender a praia como um espaço de sociabilidade pública, cujo entendimento data tais investidas a partir de 1750, quando o banho de mar é “descoberto”. Contrapondo-se ao ambiente poluído das cidades industriais, o mar torna-se o lugar da higiene, do limpo, da saúde, relações que perduram em nexos, em práticas que desenvolvem até a atualidade (Ibid., p. 106).

A invenção social da praia, tal qual temos hoje, sugere ser o que antes foi o uso terapêutico do banho de mar. A elite passa a frequentar o local, que não demora ser

considerado “civilizado”, já que frequentar a praia passou a ser um referencial de distinção social (FREITAS, 2007): “[...] o arranjo do espaço, as distrações, as obrigações e os prazeres criados estavam sujeitos a códigos de conduta pré-estabelecidos e conhecidos apenas por estes grupos restritos, condicionando fortemente as formas de usufruto daquele território” (Ibid, p. 110).

Não demora muito para “a moda da praia” se difundir, “quer pelo desejo de imitar a aristocracia, quer pelo desenvolvimento dos transportes, a melhoria das condições de vida, instituição do dia de descanso semanal e das férias pagas” (Ibid, p. 110). O jeito de ir a praia vai mudando, dos banhos frios de mar, em vestimentas elegantes, despindo-se poucos minutos para o choque térmico com a água do mar como se proporcionasse saúde, passando pela apreciação distante da praia, deixando-se de lado o uso da areia. O banho demorado, em águas quentes, em meados do século XX, “com a edificação da praia lúdica é que o ‘prazer do ar livre e do contato com os espaços naturais vai ser canalizado para o espaço da praia em si mesmo” (Ibid, 111). O litoral passa a ser frequentado nas horas mais quentes, as pessoas demoram mais à beira do mar, fazendo surgir outras atividades além do banho (Ibid., p. 111).

Esta é uma possibilidade de compreensão do uso da praia, européia, mas que nos faz importante ao considerar a possível influência européia na formação do modelo brasileiro de ir à praia, necessitando de maiores investigações, pois, no Brasil, a temática segue iniciando tais discussões, embora sempre tenha sido um espaço citado e muitas vezes definidor de condições.

No Brasil, em 1933, Gilberto Freyre publica “Casa Grande e Senzala”, uma obra que inova ao incorporar a vida cotidiana em uma análise (CARDOSO, 2003), e em vários fragmentos revela um pouco da praia do Brasil Colonial, da “*sifilização*”, a partir do contato de portugueses com índias nuas na beira da praia, ao descarte de corpos e pedaços de corpos de homens negros após a morte (FREYRE, 2003). E, em “Sobrados e Mocambos”, assegura que tais restos mortais tinham seus destinos finais dados pelas marés quando subia, e pelos urubus que vinham “pinicar os restos de comida e de bicho morto e até os corpos dos negros que a Santa Casa não enterrava direito, nem na praia nem nos cemitérios” (FREYRE, 1977, p. 195).

A praia diferenciava-se das vilas e freguesias por ser este um lugar de dejetos, do sujo. Na praia não se caminhava, não se contemplava o mar, “as praias, nas proximidades dos muros dos sobrados do Rio de Janeiro, de Salvador, do Recife, até os primeiros anos do século XIX eram lugares por onde não se podia passear, muito menos tomar banho salgado.

Lugares onde se faziam dejetos; onde se descarregavam os gordos barris transbordantes de excremento, o lixo e a porcaria das casas e das ruas [...]” (Ibid., p. 195).

A compreensão da praia como lugar de excrementos começa a mudar a partir do fim do século XIX, do lixo à saúde a praia incorpora o sentido terapêutico do banho (CORBIN apud FARIAS, 2006), “nessa ascensão do modelo terapêutico de praia, a aristocracia tem papel fundamental. É Ela quem, na Europa, legitima os locais onde o banho curador se dará” (FARIAS, 2006, p. 39).

No Brasil, a passagem do entendimento da praia como lugar de lixo à terapêutico, embora não problematizado por Patrícia Farias (2006), que objetiva entender a relação da praia com a cidade do Rio de Janeiro, a partir dos sentidos atribuídos à “cor da pele”, dar-se a partir de uma construção da praia do Caju, datada de 1817, instalada para D. João VI tratar uma doença de pele.

A discussão sugere aprofundamento, devendo tornar-se temática relevante ao estudo das sociabilidades públicas na atualidade. Para esse trabalho, tem-se o intuito de garantir uma noção de construção de um uso da praia no sentido atribuído atualmente, a partir do que se tem elaborado, embora pareça ser esta uma visão européia e “branca”, pois como aponta o próprio texto Gilberto Freyre, a praia já era utilizada pelos índios.

Contudo, mais do que estabelecer um uso, a praia torna-se um símbolo da identidade brasileira, tendo como ícone o calçadão de Copacabana, que influencia o Brasil, através dos meios de comunicações, intensificado na década de 70, do jeito urbano de estar na praia.

A referência feita ao Rio de Janeiro e ao calçadão de Copacabana é exatamente pela sua exposição midiática e a concentração de desenvolvimento de trabalhos sobre as praias cariocas. Não que seja apenas esta a temática que envolve a praia, trabalhos outros trazem à tona a praia enquanto lugar de morada e não de lazer, lugar de trabalho e não de prática esportiva.

Por ser este um patrimônio ambiental alguns trabalhos, principalmente de geógrafos, atentam ao uso “desordenado” do solo (CELESTINO, DINIZ, NASCIMENTO, 2006); outro enfoque analisa a sobreposição das culturas pesqueiras pelo turismo, que “empurram” as vilas com urbanizações que estruturam o turismo (AGUIAR, 2003; BRASIL, 2003; LYKOUROPOULOS, 2006; MARINHO, 2008; DIEGUES, 1999), entre outros trabalhos.

Buscando compreender as sociabilidades desenvolvidas na praia, entender os usos que se estabelecem na areia, poucos foram os trabalhos que proporcionaram fundamentos. Contudo, revelam elementos que subsidiam o entendimento da praia enquanto prática e simbolismo diferentes da cidade.

Roberto DaMatta, sem problematizar, em “O que faz o Brasil, Brasil?”, desenvolve uma reflexão sobre o que é ser brasileiro, recorrendo aos jeitos de ser do brasileiro para compreender o Brasil. Entre tantos outros jeitos, está o de ir à praia, e afirma que é brasileiro por que: “vou à praia para ver e conversar com amigos, ver as mulheres e tomar sol, jamais pra praticar esporte” (DAMATTA, 1986, p. 11-12); “[...] no dia 31 de dezembro vamos todos à praia vestidos de branco, festejar nosso orixá ou receber os bons fluido de esperança da atmosfera que lá se forma” (Ibid., p. 78).

A necessidade de DaMatta enfatizar a não prática de esporte, dá-se pelo fato de ser esta uma prática recorrente nas areias da praia. Além de a praia ser compreendida como um espaço para o banho de sol e de mar, para o lazer, o esporte e a recreação. Um banhista que caminha na Orla de Atalaia, diz sentir-se “à vontade” na praia, seja pela possibilidade de usar roupas leves, ou por estar próximo da natureza.

A noção de estar à vontade geralmente contrapõe a noção de estar na cidade, o que difere muitas vezes da casa e do trabalho. Obviamente que é esta uma noção exposta de um ponto de vista, afinal a praia também é lugar de trabalho e contém suas próprias regras. O estar à vontade é seguir um determinado entendimento de estar na praia que diferencia muitas vezes de um cotidiano urbano, mas, nem por isso, menos complexo.

Considerando o aspecto do objeto estudado é que se propõe a inserção da Orla em uma sistemática de consumo, propõe-se pensar a praia enquanto espaço de lazer, tanto pela recorrência de práticas que se apresentam como lazer, bem como pela própria motivação dos usos, além de ser este um espaço comercializado midiaticamente com este mesmo sentido.

Nesta perspectiva, o lazer desenvolvido na praia comporta o banhista – que envolve o cidadão, o turista e os esportistas<sup>5</sup> – praticantes (amadores ou profissionais) de vôlei de praia, surf, futebol, futevôlei, squash, Windsurfe, entre outras. Esta breve reflexão nos permite pensar em um uso específico da praia, e ainda mais, pensar em uma “prática praiana” que se cerca da noção de uma teia de significados socialmente construída, traduzindo

---

<sup>5</sup> Entendendo para fins deste trabalho esporte como sendo uma “prática esportiva, individual ou coletiva, de jogo ou qualquer atividade que demarque exercício físico e destreza, com fins de recreação, manutenção ou condicionamento corporal e da saúde e/ou competição.” (Versão eletrônica do dicionário Houaiss)

um espaço ambientalmente natural enquanto práticas tecidas na noção de culto ao corpo – estética corporal e higiene mental. Assim é possível sintetizar a complexidade desse espaço, como anteriormente feito com as práticas urbanas, enquanto um lugar, que compartilha similaridades práticas e simbólicas, sendo este o “lugar da praia”.

#### **1.4 O sentido de estar na orla: entre a praia e a cidade**

Pensar o termo Orla em sua viabilidade prática enquanto síntese que possibilita uma comunicação revela certas inconsistências. Os trabalhos que se dedicaram ao estudo da praia às vezes tomam a orla como praia, às vezes como o calçadão que margeia a praia, outras a própria estrutura urbana que segue o litoral.

O espaço Orla foi definido, quando da elaboração do Projeto Orla, como “uma unidade geográfica da zona costeira que representa a estrutura entre a terra firme e do mar” (Projeto Orla, p.28), em uma espacialidade que compreende 10 metros a 50 metros em áreas urbanas e 200 metros em áreas não urbanas, podendo ser ampliada. A definição de Orla Marítima representa uma inovação na gestão da zona costeira, estimulada pela crescente comercialização deste espaço, que muitas vezes acaba por comprometer o ambiente natural (Ibid., p. 193).

Do ponto de vista geográfico, a Orla Marítima parece estar bem delimitada. Contudo do ponto de vista antropológico, a mesma comporta variadas reflexões. O espaço que a geografia traduz como orla, pra a antropologia pode ser o próprio espaço da praia, pode ainda ser o espaço onde está localizada uma comunidade de pescadores, pode ser um calçadão que beira a praia, entre outras formas de apropriação cultural desse espaço que se inicia na praia.

Para fins deste trabalho, a Orla Marítima será compreendida como a área que comporta uma intervenção urbanística, ou seja, o espaço estruturado arquitetonicamente, cuja finalidade propõe-se ao lazer – bares, lanchonetes, quadras de esporte, bancos, calçadão, diferentemente de espaços urbanos de moradia e de trabalho. Especificamente a Orla Marítima de Aracaju será definida enquanto o espaço que se delimita pela Avenida Santos Dumont e à areia da praia, não podendo ser metricamente delimitada em consequência de sua



forma arquitetônica. Assim, a Orla compreende o espaço litorâneo enobrecido, cujos usos refletem as práticas desenvolvidas nos espaços que a margeia.

A areia da praia, por um lado, permite usos que muitas vezes se extingue na “orla” – roupas são sobrepostas, no caminhar que segue até Orla - outras vezes as práticas se estendem e reproduzem-se no espaço Orla. Do outro lado, os usos do espaço urbanizado, chegam a orla e se moldam ao mar - roupas são (des)sobrepostas, ou, mais uma vez, seguem a um ritmo da própria orla, que nem sempre é o mesmo da cidade.

A Orla de Aracaju enquanto espaço enobrecido busca a valorização turística de um espaço que se fixa como de lazer. Compreender a categoria lazer pressupõe uma discussão, considerando que as compreensões têm variado ao longo do tempo. Para tanto, articula-se a discussão de lazer com a noção de cotidiano, pois, Norbert Elias, ao distinguir lazer das ideias postas anteriormente como sendo o lugar diferente do trabalho e da casa, aponta ser a ausência ou diminuição da rotina.

Assim, inseri-se neste contexto o cotidiano da Orla como contingência de um cotidiano Urbano. Conquanto, retém seu próprio cotidiano, na medida em que se configura como uma rotina própria, diferente da rotina urbana.

Portanto, é este um espaço que não se sustenta sem as práticas que o circunda, ele não é a não ser um espaço que medeia práticas, no sentido já exposto, não se pode afirmar a existência de práticas específicas de uma Orla, mas se pode afirmar ser este um espaço que se diferencia de um espaço público urbano e de um espaço público praiano.

Assim, em busca do entendimento das sociabilidades desenvolvidas numa Orla Marítima Urbanizada e Enobrecida, voltada ao lazer, cuja categoria turismo se insere, sobressaem as sociabilidades desenvolvidas neste espaço a partir das demarcações socioespaciais.

Ao afirmar que este espaço se configura a partir de práticas de espaços distintos, não estará elencando tais práticas a partir das noções de “gostos”, que reflete em “diferentes posições no espaço social [que] correspondem estilos de vida” (BOURDIEU, 1983, p. 83), não que os espaços da orla não representem tais “habitus”, enquanto “sistema de disposições duráveis e transponíveis que exprime, sob a forma de preferência sistemática as necessidades objetivas das quais ele é o produto” (Ibid., p. 83), mas para não naturalizar tais experiências como representação latente em cada espaço, o que, deixaria à parte o entendimento do próprio espaço enquanto expositor de práticas distintas, porém representativas, mas que por ora atem-

se às práticas em si e neste espaço. Comportando assim, uma questão mais abrangente: “de que modo estratégias de apropriação cultural se articulam com padrões de produção e consumo” (ZUKIN, 2000, p. 88).

Portanto, verificar-se-á como as práticas se expressam em um espaço voltado ao consumo compreendendo seus agenciamentos, que antes necessitam de um território, que “é feito de fragmento decodificado de todo tipo, extraídos dos meios, mas que adquirem a partir desse momento um valor de propriedade” (DELEUZ; GUATTARI, 1997, 193).

Feliz Guattari e Gilles Deleuze (1997) argumentam que o território cria o agenciamento, mesmo assim estes continuam sendo um “estrato”, que é a “condição de constituição do pensamento como princípio ou forma de interioridade”, compostos de “formas e substâncias, códigos e meios” (Id, p.191), conquanto, os agenciamentos fazem-se nos estratos, e “operam em zonas de decodificação do meio” (Ibid., p. 191), e prosseguem afirmando que “mesmo territoriais os agenciamentos continuam pertencendo aos estratos” (Id, p.193) e é, “graças a ele, que se pode distinguir o conteúdo e a expressão” (Ibid., p. 193).

Para os autores, os estratos não formam signos nem pragmata, mas sim agenciamentos, pois “nele a expressão torna-se um sistema semiótico, um regime de signos e o conteúdo, um sistema pragmático, ações e paixões”. Assim, a compreensão dos sistemas semióticos enquanto agenciamento torna possível a análise das demarcações socioespaciais da Orla, entendidas como territorialidades, que são divisões dos agenciamentos.

Para tanto, os agenciamento forjam-se em três expressões distintas, que se articulam e se socializam na Orla de forma linear, enquanto usos: o esportista e o banhista – turista, cidadão e caminhante. O esportista por ser esta uma das expressões mais latentes do uso urbano da orla, em sua maioria está o “nativo”, os moradores da cidade de Aracaju, que frequentam os mais variados seguimentos esportivos, além de expressar o culto ao corpo, enquanto exposição ao outro. O banhista por ser uma expressão do uso da praia, e neste caso, entende-se por banhista o nativo e os turistas, que além de ir a praia, utilizam o espaço da orla. E, por último, o caminhante, uma figura que trilha os caminhos da Orla independente destas categorias, expressando os mais variados sentidos, que por ora não comporta características regulares, mas inserem-se num conjunto maior de caminhante. Estes estão transitando entre as praças, entre os bares, pelas calçadas, pelas praças da Orla, por todos os cenários possíveis, visitando monumentos, paisagens, restaurantes, bosques.

Por outro lado, transversal a esta linearidade, percebe-se os “contra-usos”, enquanto demarcações de um espaço a partir da deliberada presença entre os detentores de “poder”. São os “guardadores de carros” e os pedintes, além dos vendedores ambulantes que nem sempre é bem visto e as prostitutas, que além de não serem bem vistas, são motivo de disputa legal pelo espaço. Sistemáticamente os moradores da região solicitam por meios legais o deslocamento das prostitutas da avenida principal para as ruas secundárias, que geralmente são escuras e vazias. Além da prostituição menos visível que acontece entre os lavadores de carros, no período da tarde, que se deslocam do local de trabalho com clientes que pagam pelos momentos íntimos.

Na busca desses agenciamentos, enquanto expressões práticas, expõem-se itinerários que vislumbram o cotidiano da Orla. A noção de cotidiano, como já expressei, perpassa pela compreensão lúdica e cênica do espaço. Lúdica porque é este um espaço em que se revela contingencial ao cotidiano da cidade, em que pressupõe o prazer não necessariamente estruturado, não deliberadamente próprio, podendo estar revertido de sentido ao outro, enquanto um jogo de exposição para os outros e de preservação (defesa) entre os seus.

A noção de cênico abarca ideias desenvolvidas no âmbito da sociologia urbana e da arte cênica, não apenas da noção de Erving Goffman da equipe de representação, enquanto “grupo de indivíduos que cooperem na encenação de uma rotina particular” (GOFFMAN, 2002, p. 78), estando “de um lado o indivíduo e sua representação, e, do outro, o conjunto inteiro de participantes e a interação como um todo” (Ibid., p. 78), que centra a análise na ação do ator social: “as estruturas são apenas cenários de um processo interativo” (LEITE, 2010, p.249). Elemento que se apresenta relevante à presente análise, porquanto considerar-se-á ainda a noção de que “esses espaços instigam a proliferação de usos díspares que incorrem em processos interativos tensos e conflitantes, na medida em que não suportam os diferentes usos e contra usos [...] levados a cabo por diferentes atores, que neles interagem” (Ibid. p. 249:250).

Os espaços de que fala Leite são espaços espetaculares, pois segundo o autor sua criação “é eficaz em sua conformação estética e visual, mas não em sua configuração social” (Ibid. 254) Revelando um espaço que embora estilize usos, é também demarcado por contra-usos, cuja “paisagem urbana *stricto senso* é que foi cenografada, mas não as ações sociais que [...] continuam escorregadias de qualquer enquadramento rígido em papéis sociais

determinados, sejam esses papéis ou referenciais de conduta formatadas por estruturas objetivas, seja pela definição subjetiva do ator no jogo da cena cotidiana” (Ibid., p. 254).

Portanto, no âmbito dessa compreensão será destacado desenvolvimento de espaços liminares, estabelecidos entre as territorialidades, além dos limites de permeabilidade social dos lugares observados e descritos no trabalho etnográfico. Demonstrando um fluxo frenético que faz da Orla um espaço dissonante e capaz de agregar diferentes atores.

A compreensão dos usos e contra-usos do espaço será percebida em suas territorialidades, delimitadas pela análise de lugares, enquanto relação de pertença (LEITE, 2007). Tais demarcações serão percebidas pela linguagem visual expressa no espaço, enquanto “manifestações práticas da vida pública cotidiana, que informa diferentes estilos de vida, demarcações corporais de identidade, modos de consumo e apropriação simbólica dos espaços urbanos” (LEITE, 2008, 189).

A noção de prática, na concepção pós-estruturalista, admite, na medida em que rejeita as ideias construídas em torno da pré-existência de identidades, que “os sujeitos e suas identidades são construídas na prática discursiva e nos atos interativos” (Ibid., p.189). Tais práticas são demarcações da diferença, marcadamente constituída através de recursos visuais: “roupas, adereços e inscrições corporais” (Ibid., p.190).

Ao passo que essas diferenças são postas, deliberadamente precisam do outro para reafirmá-las como diferente, configura-se um dissonante espaço, com disputas simbólicas, que Antonio Arantes atentou ser uma “guerra de lugares” (ARANTES, 1997).

É no cerne desta discussão que a sociabilidade se inscreve, configurada em seus sutis simulacros, formando o que Georg Simmel chamou de jogo interativo. Para Simmel, a própria sociedade significa “interação entre os indivíduos [...] sempre a partir de determinados impulsos ou da busca de certas finalidades” (2006, 59), ou ainda, como uma “interação psíquica entre indivíduos” (Ibid, 1983, 82-83). E, assegura que “instintos eróticos, interesses objetivos, impulsos religiosos, objetivos de defesa, ataque, jogo [...] e inúmeras outras fazem com que o ser humano entre, com os outros, em uma relação de convívio, de atuação com referência ao outro, com o outro e contra o outro, em um estado de correlação com os outros” (Ibid., 60). Assim, o autor sustenta dois elementos componentes da “sociação”: conteúdo e matéria, 1) “tudo que existe no indivíduo”; 2) e , “nos lugares concretos de toda realidade

histórica como impulso, interesse, finalidade, tendência, condicionamento, psíquico e movimento nos indivíduos” (Ibid., p. 60).

O entendimento é que a sociação, diferentemente da associação, é

a forma (que se realiza de inúmeras maneiras distintas) na qual os indivíduos, em razão de seus interesses – sensoriais, ideais, momentâneos, duradouros, conscientes, inconscientes, movidos pela causalidade ou teleologicamente determinados – se desenvolvem conjuntamente em direção de uma unidade no seio da qual esses interesses se realizam (Ibid, p. 60)

Como admite o próprio autor, por mais rápida que seja uma ação, como o fortuito olhar de cumprimento, não se pode dizer que estas pessoas estão sociadas, mas que se pode falar em uma sociação (SIMMEL, 2006). Que não necessariamente se configura por uma ação duradoura, anterior, já objetivada em formas, congrega a possibilidade fortuita das relações sociais.

Tais proposituras são pertinentes ao estudo, na medida em que o processo de “sociação” comporta as manifestações “práticas” dos atores sociais, que inscrevem o “cotidiano” da orla em ações práticas e simbólicas, correlacionadas à imagem arquitetônica forjada naquele espaço que simbolicamente se entende praia (SIMMEL, 1997; 2006; LEITE, 2007; DE CERTEAU, 1994).

Assim, considerando os itens anteriormente trabalhados, segue ao entendimento deste espaço, a Orla de Atalaia, enquanto espaço que medeia duas práticas distintas, que são consideradas, dadas as devidas ponderações, lugares que resultam de práticas distintas. Estando, pois, a orla meio a estas práticas, resultando a sua dissonante relação socioespacial, que congrega práticas distintas, restando questionar em que medida este é um espaço público, não restando dúvidas de ser este um espaço urbano.

E, é no bojo da discussão sobre as socioespacialidades que será construída uma reflexão apontando a possibilidade de ser este um espaço capaz de abarcar a categorização de “espaço público”.

No próximo capítulo serão apresentados os processos de formação e as intervenções urbanísticas que resultaram no espaço orla. Pretende-se, portanto, apresentar como um espaço que nem existia geograficamente, passa a se formar enquanto praia, e depois enquanto Orla, fornecendo pistas que servem para pensar a Orla como um palimpsesto de

formas superpostas, que refletem na diversidade socioespacial na atualidade. Além, de iniciar uma discussão em torno do sentido público de estar na Orla, que seguirá ao trabalho etnográfico fundamentando as considerações finais. Serve ainda como pressupostos que sustentam a noção de espaço de lazer, demonstrando as motivações que estimulam a produção do espaço, todas gravitam em torno da inserção da Praia de Atalaia no circuito turístico brasileiro, o que a torna um espaço de consumo e de disputas simbólicas.

## CAPÍTULO II

### O PROCESSO DE INTERVENÇÕES URBANÍSTICAS NA ORLA MARÍTIMA DE ARACAJU: DAS CRÔAS À ORLA *MARKETING*

De um passado recente de crôas, passando pela vilegiatura, chega-se a orla marítima *marketing*, turística, comercializada nos meios de comunicação como atrativo turístico, tornando-se iconográfico à cidade de Aracaju, e ao estado de Sergipe, na concorrência entre cidades na disputa por turistas.

Considerando que estas mudanças estabelecem-se em um processo, é que se busca desenvolver neste capítulo uma exposição da historicidade do mesmo, revelando compreensões diferenciadas do mesmo ao longo de sua formação, isto em consequência de mudanças ambientais naturais e físicas, que, consequentemente, alteram os usos estabelecidos no espaço.

Obviamente esta análise centra-se nas mudanças físicas que alteram diretamente o uso do espaço, não que seja considerado no desenvolvimento do trabalho o determinismo do físico na fixação de usos, mas sim, com o intuito de compreender a atual configuração paisagista da orla, cujos usos constroem-se numa relação muito mais complexa do que uma imposição físico-espacial. Tais processos são compreendidos como políticas de requalificação do espaço que

aposta no desenvolvimento de lugares de urbanidade que propiciem a reflexividade, a emergência de novos valores e sociabilidades, a criação de um espaço cénico de fruição estética e sensível e a afirmação de uma identidade caracterizada pelo espírito de lugar (PEIXOTO, 2000, p. 222).

Para tanto, fez-se necessário o levantamento de dados concernentes à história de constituição deste espaço no sentido de entender cada fase e as mudanças ocorridas em cada período, sendo posteriormente fragmentada a partir das compreensões relativas a cada etapa da história da região marítima de Aracaju.

Considerando sua história recente, a escassez de informações sobre algumas das fases de sua história aqui trabalhadas, prejudicou a compreensão total de alguns substratos.

Contudo, entende-se contemplar a proposta analítica do trabalho, uma vez que permite compreender as mudanças que propiciam a formação do espaço capaz de ser inserido em uma lógica de consumo.

## 2.1 Um Espaço Vazio: Formação das “Crôas”

O vazio pode ser considerado como espaços não construídos e não qualificados, como áreas livres de sentido, cuja inexistência de usos não permite uma qualificação do mesmo. Assim o espaço litorâneo da cidade de Aracaju é compreendido em sua formação inicial para este trabalho.

As zonas praias<sup>6</sup> de Aracaju podem ser consideradas uma indexação recente a cidade, não apenas por considerar os usos e os fluxos de pessoas nesta região, mas também pelo processo natural de sua formação. Assim, a construção de uma narrativa que verse sobre a constituição sendo reconhecida contemporaneamente como “Orla de Atalaia” perpassa pela compreensão inicial do que se entende por orla, do ponto de vista dos processos naturais e antrópicos<sup>7</sup>, considerando que a orla está inserida em uma área de complexo desenvolvimento natural, abarcado por desdobramentos sócio-ambientais.

Embora não seja foco analítico ou delimitação temática elementos constituintes da formação geomorfológica ou mesmo de degradação, ou não, ambiental, faz-se necessário considerações a estes aspectos, pois foram os caminhos percorridos ao que chamara, primeiramente de orla<sup>8</sup> e posteriormente de “Orla de Atalaia”.

Assim, inicia-se a compreensão do processo de formação da “orla marítima”<sup>9</sup> com um retorno ao século XIX, em paralelo ao processo de formação urbanístico da cidade de Aracaju.

---

<sup>6</sup> “Praias são feições deposicionais no contato entre terra emersa e água, comumente constituídas por sedimentos arenosos, podendo também ser formadas por seixos e por sedimentos lamosos” (MUEHE, 2004, p.11)

<sup>7</sup> “relativo à humanidade, à sociedade humana, à ação humana” (PROJETO ORLA/MMA, 2002, p.29)

<sup>8</sup> O termo orla será grafado neste trabalho sempre com Orla Marítima, considerando que o termo orla remete a faixa de terra que ladeia um rio, lago ou lagoa.

<sup>9</sup> “constitui a faixa de contato da terra firme com um corpo de água e pode ser formada por sedimentos não consolidados (praias e feições associadas) ou rochas e sedimentos consolidados, geralmente na forma de escarpas ou falésias de variados graus de inclinação” (MUEHE, 2004:11)

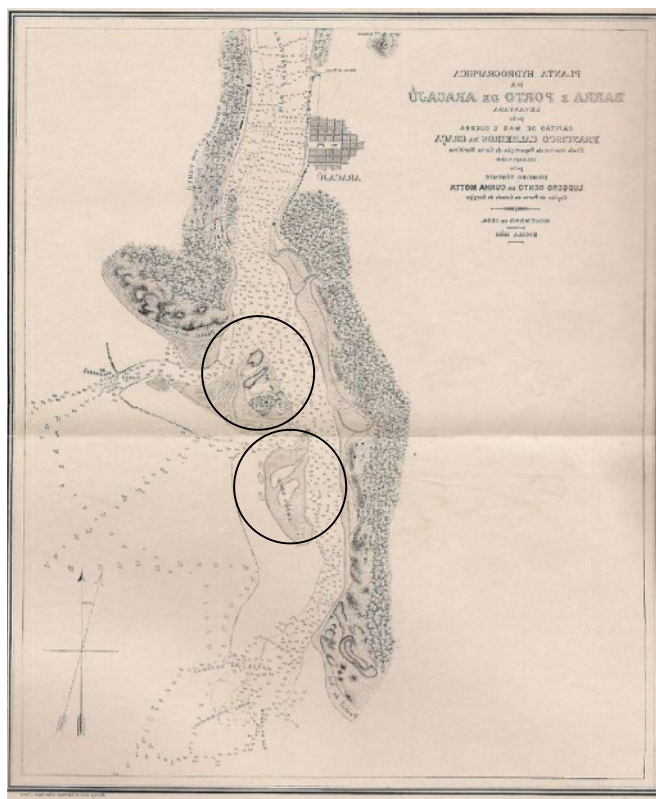


As informações iniciais acerca da região em que o atual bairro Atalaia e Coroa do Meio estão localizados datam de 1889, são relatos de quatro anos após o processo de transferência da capital do Estado.

Tais relatos estão disponíveis em um estudo<sup>10</sup> realizado em 1963, que versa sobre o processo de formação da região da “Coroa do Meio” do ponto de vista geográfico e sobre a disposição geomorfológica do local. A autora se debruça ao entendimento do processo de continentalização das coroas, bem como da instável estabilidade das ondas do mar, o que se configuraria em praia, e posterior compreensão desta região como zona praias.

Distante dos elementos técnicos trabalhados no livro, tais como a força da água do rio e a confluência com o fluxo da maré, ressalta-se o processo de formação de dunas que possibilitaram a existência da faixa de terra, bem como o processo de desgaste dessas mesmas dunas pela força das ondas do mar, que seguiu planando a região, culminando no surgimento da paisagem natural denominada praia (MONTEIRO, 1963).

Utilizando-se da “Planta Hydrographica da Barra e Porto de Aracaju”, de 1894, apresentada pelo Capitão de Mar e Guerra Francisco Calheiros da Graça, então chefe interino da “Repartição da Carta Marítima”, a autora analisa o processo geomorfológico de formação das coroas, serve como ilustração ao vazio que antecede o processo de intervenção urbanista, que será relatado adiante, pelo qual a região passou, podendo ser verificadas as alterações ocorridas na paisagem natural.



As dunas, então denominadas **Figura 58: Mapa da Crôa e Crôa Nova.**

de “Crôa do Meio” e de “Crôa Nova”, sendo esta última assim denominada por ter surgido posteriormente a Coroa do Meio, tornam-se então parte do continente e inicia-se o processo

<sup>10</sup> O estudo foi realizado por Maria da Glória Monteiro, cuja tese intitulada “A restinga da Atalaia” foi defendida no concurso de cátedra de Geografia do Colégio Estadual de Sergipe em 1964, com posterior publicação.

de junção de ambas, tecnicamente explicado pela autora, que viria a formar o que temos hoje por bairro “Coroa do Meio”.

Este processo de formação das crôas ou coroas é também corroborado por estudos realizados no ano de 2003 por técnicos contratados pelo governo do Estado, cujo objetivo atentava ao processo de formação da região, denominado Relatório Ambiental Simplificado (RAS),

A formação geológica-geomorfológica da Atalaia [...] que resultou na construção de uma planície de restinga, fundamentada em cordões litorâneos tipo faixas arenosas depositadas paralelamente à praia, alongadas e soldadas com base nas duas coroas. Na sua evolução, a restinga sobrepôs o nível normal das marés e sua forma paralela e sucessiva foi formando a planície de marés que evoluiu para o sul, barrando a embocadura e dificultando o livre acesso do rio Sergipe e do rio Poxim ao mar pelo canal sul, [...] se consolidando dessa forma a posição atual da Barra do rio Sergipe que é hoje entre a Coroa do Meio e a Atalaia Nova. Com a degradação natural e fechamento da embocadura sul, a Coroa do meio foi sendo, por processos morfológicos, incorporada à margem direita desse rio (RAS, 2003, p.28).

Assim, é possível considerar o longo processo de formação da área marítima da cidade, bem como o estabelecimento de zonas praias com o nivelamento das dunas, o que viria possibilitar o processo de povoamento da região.

## **2.2 A qualificação do espaço: do processo de povoamento à vilegiatura**

Fazem-se necessárias considerações perenes a este período no contexto da ocupação do bairro Atalaia, onde está localizada a Orla de Atalaia, pois este não foi objeto de intervenções urbanísticas nas primeiras décadas de formação da cidade de Aracaju, principalmente pelo fato de ser esta uma área isolada da cidade, circundada pelo rio Sergipe, pelo mar e pelos manguezais. Embora, haja também relatos de que este fato não teria impedido o povoamento da região.

É sabido que a cidade de Aracaju tem a sua urbanização planejada, sendo esta uma cidade preparada para ser a capital de Sergipe, fato concretizado em 1885, quando São Cristóvão perde o status de capital do Estado.

Antigos moradores da Atalaia sustentam o entendimento do povoamento anterior à transferência da capital do Estado, afirmam que o fato de esta região estar isolada não seria motivo para que não houvesse povoamento. Segundo relatos<sup>11</sup> de moradores antigos do bairro, antes mesmo da transferência da capital de Sergipe, já existiam moradores na região.

Relatam que o local era conhecido como povoado “Saquinho”, a iluminação artificial era através de candeeiros, as famílias de pescadores viviam em palhoças construídas sobre as areias, os alimentos eram preparados em fogões à lenha. Os supostos moradores de então se utilizavam dos recursos naturais e viviam da pesca. O acesso a este povoado seria através de canoas - que cruzavam a maré, ou mesmo à cavalo - quando a maré estava baixa. A

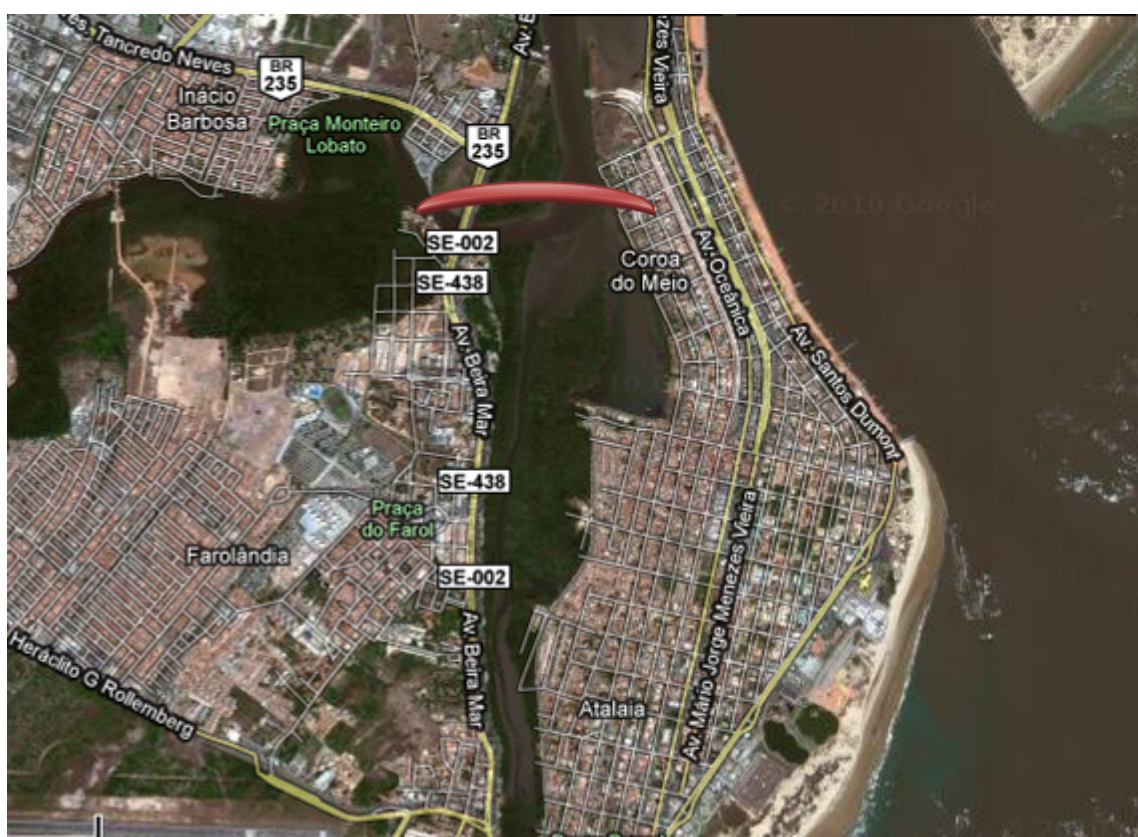


Figura 59: Destaque em vermelho ao local de acesso ao povoado Saquinho.

travessia era na região onde hoje se localiza o “Parque dos Cajueiros”, até chegar ao povoado seguia-se ainda por “uma entrada no meio do mato que dava aceso a aldeia.”<sup>12</sup>. Sendo estas as possibilidades de acesso, do povoado Saquinho, ao então centro do povoado do Santo Antonio do Aracaju.

<sup>11</sup> Fragmento de matéria publicado no Jornal da Cidade, 1998, assinada por Valéria Mendonça, cuja moradora Vitalina Rodrigues de Souza afirma ter nascido no então povoado localizado na praia de Atalaia.

<sup>12</sup> Relatos de D. Vitalina.

Outro relato, que sugere a possibilidade de antigos moradores na região, está no livro “Roteiro de Aracaju”, datado de 1948, do escritor sergipano Mário Cabral. Sendo este uma narrativa de caráter poético que intercala elementos históricos, não é possível considerar o caráter científico ou comprobatório do mesmo. No tópico denominado “As Praias”, o autor relata a praia de Atalaia a partir, também, de João Quebra Santo, momento em que revela a existência de antigos moradores na região.

Na praia de atalaia existiu um sujeito com o nome de João Quebra Santo. Era um folião. Sua casa era sempre o centro de diversões da gente pobre da região: domesticas pescadores, soldados e marinheiros. Quebra Santo é nome de família. Antigamente, essa praia era, apenas, um deserto imenso, com um grupo de palhoças batidas pelo vento do mar, havia um homem chamado Manuel que vivia com a mulher e os filhos. Certo dia, porém, estando ele no mar e a mulher na roça, verificou-se, ninguém sabe como, um pavoroso incêndio que destruiu completamente a sua palhoça e os seus haveres. Ao regressar da pesca Manuel ficou aturdido. No local da casa, existia, apenas, um punhado de cinzas. Mas – seria um milagre?- uma mesa restava incólume, e, sobre ela, os santos da devoção da família: um crucifixo, uma Santa Luzia e um São José. Manuel ficou indignado. Apenas os santos haviam escapado à destruição, eles que, afinal de contas, estavam ali para proteger seus bens. Esse deveria ser o raciocínio de Manuel. E decerto o foi, porque, tomando de um cacete, quebrou os santos, um a um, em um gesto de vingança, de um homem que foi traído e para que o seu prejuízo fosse total e absoluto. Dessa data em diante ficou sendo Manuel Quebra Santo. Morreu Manuel. Mas o seu filho, João Quebra Santo, tornou, por muito tempo, mais famoso e mais popular o nome do seu genitor. Morreu, recentemente, João Quebra Santo. Mas o nome continua (CABRAL, 2001, p.81).

Dando continuidade a história, relatada por Manuel, adepto da poligamia, teria tido 66 filhos, logo, moradores da atalaia no período que antecede a década de 30.

Contrário a estes relatos, o historiador sergipano, Luiz Antonio Barreto<sup>13</sup>, morador da cidade de Aracaju, que pode acompanhar atento o processo de urbanização da cidade de Aracaju, cuja bibliografia escassa referente a esta região permite apenas fragmentos textuais que revelam limites da zona sul da cidade, que ainda não atingem a região da coroa ante dos anos 60, faz referência às tentativas de povoamento da região em três fazes distintas.

O estudioso aponta inicialmente que não há vestígio algum de pescadores ou moradores outros na região das coroas, afirmando que durante o processo de escavação e aterramento nas regiões da Treze de Julho e Coroa do Meio, no qual o mesmo teria

<sup>13</sup> Historiador, membro da Academia Sergipana de Letras, entrevista concedida em 13/04/2010.

acompanhado, só conteria vestígios de alguma possível colônia na região da Treze de Julho, que não seria nem de pescadores, mas sim de marisqueiras, pescavam à margem do rio Tramandaí, e reafirma que nada havia nas coroa. Consoante a isto, os estudos referentes ao processo de urbanização da cidade de Aracaju delimitam a zona sul da cidade até a “Fundação, no extremo da Rua Aurora (atual Av. Rio Branco), o ‘arrabalde’ Presidente Barbosa, com suas ruas ‘elegantes’ nas imediações de onde hoje se encontra a sede do Clube Cotinguiba” (LOUREIRO, 1983, p. 56).

Embora o processo de urbanização refira-se necessariamente a construção ordenada do poder público, ou até mesmo de forma “espontânea” como sugere Loureiro (1983), referindo-se a ocupação do solo pela iniciativa privada, este não abarca os processos de povoamento das regiões que estão, então, à margem do centro da cidade. Mas, sugere a percepção da tardia urbanização da região que só começa a ser foco de grandes intervenções a partir da urbanização dos bairros circunvizinhos.

Registros mais antigos da região sugerem ser de 1920. Os primeiros usos teriam sido de banhistas, cujas fotos, datadas à caneta, registram em seus versos serem de 1920. Sabe-se apenas que a praia já era utilizada por alguns poucos aracajuanos, pelo menos a partir da década de 20, mesmo que esse acesso tenha sido em barcos - como demonstra a foto, ou



**Figura 03: Banhista na Atalaia/1920. Foto: Autor desconhecido. Fonte: Acervo ITBEC.**



**Figura 04: Banhistas na Atalaia - 1920. Foto: Autor desconhecido. Fonte: acervo do Instituto Tobias Barreto**

em cavalos - quando a maré baixava segundo relato de antigos moradores publicado no “Jornal da Cidade”. Neste período não havia nenhuma infra-estruturar para os banhistas, nem mesmo acesso, como relatado.

Luiz Antonio sugere com base em suas leituras e vivência, que o povoamento da região deu-se em três momentos distintos, que os define como “tentativas de povoamento”. Tem como marco a construção de três pontes, em momentos distintos, que tinham como objetivo ligar Aracaju à, então contornada “Coroa do Meio”.

A primeira tentativa teria sido com a construção da primeira ponte que ligava Aracaju à Coroa do Meio, sendo esta construída em 1937, diante de um contexto social que exigia a construção de um aeroporto na região onde hoje se localiza o bairro Santa Maria. O rio Sergipe, que servia de área de pouso para os aviões anfíbios, não mais comportava a demanda, bem como a necessidade de pousos em terra, não apenas em água.

Esta ponte teria sido construída onde hoje é o DIA - Distrito Industrial de Aracaju, ligando Aracaju a uma região conhecida como Barreto. Mesmo sem informações oficiais desta construção, Loureiro compartilha do mesmo entendimento quando afirma que o bairro Grageru “suruiu em função da antiga estrada para a Atalaia” (LOUREIRO, 1983, p.64).

A ponte construída favoreceu a compreensão desse espaço como um lugar para a vilegiatura marítima, que segundo Jean-Didier Urbin (1996) é uma distinção importante para o fenômeno turístico. Ao distinguir *vacance* de *turismo*, em que o primeiro deve ser considerado um termo genérico e o segundo um termo específico, sendo este uma atividade que preenche o elemento *vacance*, o autor atenta à generalização provocada pela compreensão do turismo relacionado a férias.

Nesse sentido, a região da Atalaia começa a ser entendida como um local para a vilegiatura, neste caso uma vilegiatura marítima, ou seja, como uma região de veraneio cuja atração é a praia, a partir do acesso desta antiga estrada que seguia pela região onde atualmente está localizado o bairro Grageru.

O Palácio de Veraneia do Governo do Estado quando o autor cita palácio, refere-se também ao mesmo, que foi construído na região em 1937, concomitante a construção da primeira ponte de acesso ao povoado Atalaia.

Assim, o Bairro Coroa do Meio começa a ser estruturado, como também a bifurcação que culmina no bairro Atalaia. Segundo acervo on-line da Prefeitura Municipal de Aracaju (PMA), em

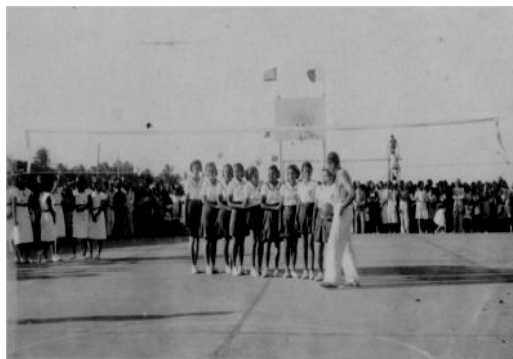


Figura 60: Inauguração da Praça Alcebíades. Foto: Autor desconhecido. Fonte: Acervo eletrônico PMA.

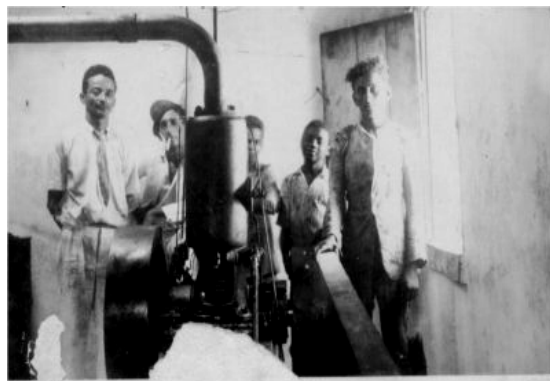


1932 a prefeitura teria inaugurado uma praça que foi construída no bairro Atalaia, o espaço foi denominado de Praça Alcebíades Paes, a comemoração de inauguração teria sido com regata, festa e com a presença de representantes do governo municipal.

Anos depois, em 1938, o então povoado Atalaia, teria sido iluminado através de um motor movido a diesel que foi instalado na região, ainda segundo o mesmo *site*. Mesmo com esse equipamento o acesso ainda era limitado, como vimos anteriormente, e as ruas não tinham calçamento.

Em relação à região das coroas que mais interessa - a praia de Atalaia - era uma região típica de zonas litorâneas, com áreas, dunas e vegetação característica, o acesso neste período limitava-se a estradas de areia.

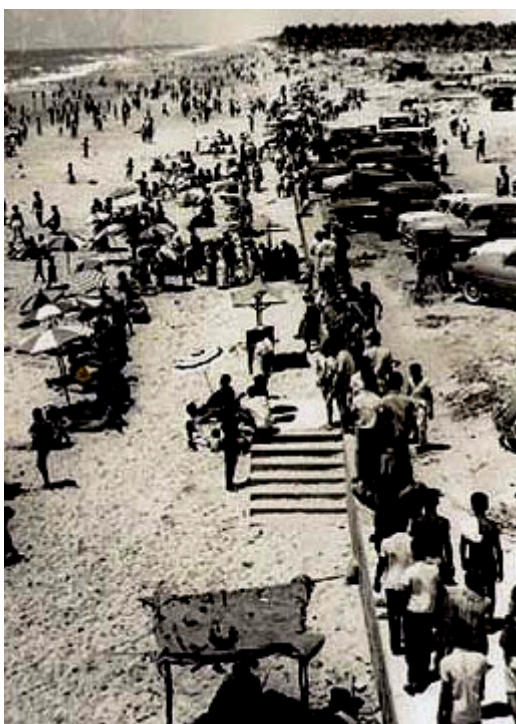
Segundo reportagem publicada no Jornal Cidade de 1997, a praia só começa a ter maior fluxo de banhistas a partir de 1940. A região era vista como um balneário, e os Aracajuanos “veraneavam” em sítios e passavam o dia inteiro na praia.



**Figura 61: Motor a diesel. Foto: Autor desconhecido. Fonte: Acervo eletrônico Prefeitura Municipal de Aracaju.**



**Figura 62: Pista da Atalaia. Foto: Autor desconhecido. Fonte: Acervo eletrônico Prefeitura Municipal de Aracaju.**



**Figura 08: Mureta de Proteção.** Foto: Autor desconhecido. Fonte: Acervo eletrônico.



**Figura 09: Ponte Presidente Juscelino.** Foto: Autor desconhecido. Fonte: Acervo eletrônico Prefeitura Municipal de Aracaju.

Nesse período havia muitos acidentes, segundo Luiz Antonio, em decorrência da falta de delimitação entre carros e banhistas, o que teria motivado a construção de uma mureta para conter o fluxo de carro na areia da praia, diminuindo, assim, os acidentes. Tendo sido esta a primeira estrutura física erguida na praia de Atalaia, que se tem registro, uma pequena mureta, a qual continha escadas para acesso dos banhistas à praia.

O processo de construção do Aeroporto, que trouxe infra-estruturar à região, só teve início na década de 50, quando os recursos destinados a construção é liberado (LOUREIRO, 1983). E, somente em 1958 é inaugurado, juntamente com a construção da Ponte Juscelino Kubitschek, hoje é a Avenida Beira Mar, próximo ao Parque dos Cajueiros, sendo esta a via de acesso ao aeroporto. Segundo Loureiro “a Atalaia tem seu crescimento motivado em parte, pela construção do aeroporto Santa Maria. Mas ainda é um núcleo urbano sem configurações de continuidade com a zona urbana de Aracaju” (1983, p.67).

É possível, ainda, perceber neste relato como se davam os usos e as sociabilidades na Atalaia na década de 50, mesmo em tom poético é possível perceber como os atores sociais ocupavam aquele espaço.



Uma pequena praça de esportes vive repleta de moças e de rapazes para os alegres torneios de vôlei e de basquete. À noite há música. E os veranistas e visitantes, no magnífico salão do cassino municipal, dançam animadamente, ao som de conjuntos musicais da cidade. Mais adiante está à praia, estão as ondas e as espumas do Oceano Atlântico. Aos domingos e feriados a praia fica formigando de gente. Dezenas de automóveis, de marinetes, de caminhões transportam, para as areias douradas da praia imensa, toda uma multidão que foge ao calor asfixiante da cidade. O mar levanta ondas verdes. Ao longe, as dunas de areia branca. Praia do povo. Praia de burgueses e de proletários, de funcionários, de negros e de mulatos. [...] A praia se estende por longos quilômetros, praia de areia dura e fina, prestando-se, ao mesmo tempo, à prática de futebol e do automobilismo. (CABRAL, 1954, p. 80).

Os anos que compreendem as décadas de 50 e 60 seguem a essa rotina, com muitos frequentadores aos domingos, sendo uma região não muito visitada por aqueles de baixo poder aquisitivo, considerando a distância e a necessidade de transporte para a locomoção.

Um fato marcante ao processo de urbanização da cidade de Aracaju dá-se no final da década de 60 quando “ocorre a descoberta do petróleo [...] na Plataforma Continental do litoral sergipano, bem defronte a Aracaju” (LOUREIRO, 1983, p. 76), bem como a “instalação do Distrito Industrial de Aracaju (DIA) que gerou novos empregos na periferia sul desta cidade e estimulou a urbanização para esta direção da cidade” (Id, p. 76).

Ambos fomentadores do desenvolvimento urbano na cidade seguem a zona sul, segundo Loureiro na década de 70 a expansão da cidade dá-se fundamentalmente de algumas formas específicas, dentre elas, importando ao desenvolvimento do presente trabalho, “pela expansão da zona sul, em direção do povoado do Mosqueiro, onde o ‘fator proximidade à praia tende a elitizar a área’” (LOUREIRO, 1983, p. 81).



**Figura 63: Ponte Godofredo Diniz, sobre o rio Poxim. Foto: Autor desconhecido. Fonte: Acervo eletrônico Prefeitura Municipal de Aracaju.**

Ainda no final da década de 70, a região da Atalaia dispõe de três loteamentos, que perfazem uma área total de 527.648,00 m<sup>2</sup>, fenômeno que ocorre em toda a cidade, tem seu processo de crescimento aprofundado, “Aracaju vive o fenômeno da terceirização, numa

conjuntura econômica recessiva e inflacionária” (LOUREIRO, 1983, p. 82), que busca neste processo oferta de emprego.

No início da década de 80 entra em operação a Unidade de Processamento de Gás Natural (UPGN), no bairro Atalaia (LOREIRO, 1983). Nesse contexto é construída a Ponte Godofredo Diniz, em 1986, mais próximo ao centro da cidade<sup>14</sup>. Que consolida o processo de ligação entre Aracaju e a Coroa do Meio, não restando mais nenhuma dificuldade de acesso às coroas.

A delimitação do bairro Atalaia é definida pela lei municipal nº 873 de 1982, que traz a seguinte redação:

Art. 2º - Fica estabelecida as seguintes delimitações para os Bairros de Aracaju:

I – ATALAIA – Toda a área situada dentro do seguinte limite:

- Trecho da margem do Oceano Atlântico iniciando na linha imaginária prolongamento da rua Atalaia até a rua que passa ao lado da PETROBRÁS (TECARMO);
- Toda a rua que passa ao lado da PETROBRÁS (TECARMO);
- Trecho da Av. Melício Machado prolongando-se em linha imaginária até a rua do Saquinho;
- Linha imaginária prolongamento da Av. Melício Machado;
- Toda a rua do saquinho;
- Linha imaginária prolongamento da rua Atalaia;
- Toda a rua Atalaia;
- Linha imaginária prolongamento da rua Atalaia até a margem do Oceano Atlântico.

Embora a Orla de Atalaia compreenda dois bairros, Atalaia e Coroa do Meio, segundo estudo de impacto ambiental da obra, encomendado pelo Governo do Estado, a maior incidência é sobre o Bairro Atalaia, que acaba por compreender maior parte da orla marítima.

Segundo o censo de 2000 o bairro Atalaia possuía 8.597 habitantes e 2.246 domicílios particulares permanentes. A renda dos moradores neste período é relativamente alta, comparado a outros bairros de Aracaju, e com a média da própria cidade. Enquanto a capital apresentava uma renda média mensal dos chefes de domicílio de 779,80, a dos moradores da Atalaia era de R\$ 1.590,39.

<sup>14</sup> Informações fornecidas na CEHOP em abril de 2010.

No ano de 2007, o Lincoln Institute of Land Policy, através de engenheiros brasileiros, realizou um estudo denominado “Análise espacial do impacto do Projeto Orla sobre os preços dos terrenos na Praia de Atalaia”. E, concluíram que houve um acréscimo no preço do terreno não só da Atalaia, mas em toda a cidade, proporcionalmente os terrenos da Atalaia tiveram valorização maior do que os demais bairros da cidade.

O modelo clássico de regressão, que identificou a componente global, apresentou poder explicativo de 63%, mostrando variação positiva crescente dos preços dos terrenos tanto no bairro de Atalaia, quanto no restante da cidade. Comprovou-se também maior valorização de Atalaia em relação aos demais. A afirmação de que a componente global foi controlada nesse modelo deve-se ao fato de que nele estão incluídas as coordenadas dos centróides dos terrenos. (PORTUGAL, DANTAS, PRADO, 2007, p. 17)

O bairro é provido em suas vias axiais de boa infra-estrutura e saneamento, o que não reflete necessariamente em ruas secundárias. Possui saneamento básico, posto de saúde, escolas e terminal de ônibus, além de contar com uma frota extensa com rota por toda a cidade.

Por outro lado, o bairro de Atalaia, recebeu junto com os benefícios, um intenso tráfego de carros, poluição visual e auditiva, para muitos moradores acrescenta-se o incomodo de conviver com prostitutas em suas calçadas, que alegam estar nesta região em decorrência dos turistas que visitam a Orla.

Após estas considerações acerca do fluxo e das possibilidades de acesso às coroas, inicio uma reflexão sobre o processo de urbanização da Atalaia e Coroa do Meio, deixando a questão acerca do período inicial de povoamento em aberto. Contudo, considera-se ao desenvolvimento deste trabalho a década de trinta como início do processo de urbanização dos bairros, sem prolongar a discussão acerca da existência ou não de pescadores na região, considerando a existência de alguns registros fotográficos que supostamente remetem a esta época.

Servindo-se ao reconhecimento do sentido atribuído ao espaço entorno do veraneio, da vilegiatura, atraídos pela praia, na medida em que o qualifica com o sentido praiano ao lugar, diferentemente ao vazio que o antecede, bem como o sentido urbano que estrutura o bairro.

## **2.1A (re)qualificação do espaço: da Praia de Atalaia à Orla de Atalaia.**

O bairro segue estruturando-se em torno da orla marítima, seu crescimento também perfaz pelo crescimento da Praia de Atalaia, ao desenvolvimento do que temos na atualidade compreendida como Orla de Atalaia.

Maiores investimentos públicos não foram realizados na região até a década de 70. Isto porque, até 1978, Aracaju não tinha praia, no sentido burocrático e também no sentido de uso de muitos moradores de Aracaju, considerava-se uma cidade ribeirinha, a praia era duas enseadas de rio, onde os aracajuanos davam-lhes o sentido de “ir à praia”, como relata Luiz Antonio.

Somente em 1978 é que a União doa a região das crôas à prefeitura Municipal, período em que se iniciam as grandes intervenções urbanísticas na região, bem como na Orla de Atalaia.

É neste período também, que é criada a EMSURB – Empresa Municipal de Serviços Urbanos, justificada pela necessidade de intervenções nesta área, a empresa, portanto, tem a obrigação de transformar toda região da Coroa do Meio e da Atalaia.

Diferentemente de outras regiões da cidade, que não possuía nenhuma lei de uso e ocupação do solo, a Coroa do Meio possuía (Loureiro, 1983), “essa lei resguardava o caráter elitizado da área” (Id, p, 90). Embora a legislação da Coroa do Meio proibisse a construção de prédio com mais de 8 metros de altura, segundo Vera França, estrategicamente foi construído “um novo farol [...] localizado na Coroa do Meio, com cerca de 20 metros de altura [...] o novo farol amplia as possibilidades de verticalização da Atalaia e da Coroa do Meio e da Avenida Beira-Mar” (FRANÇA, 1997, p 204)



**Figura 65: “Nova Atalaia”.** Foto: Autor desconhecido. Fonte: Jornal da Cidade, 1980.



**Figura 64: Quiosque e iluminação da Nova Atalaia.** Foto: Autor desconhecido. Fonte: Jornal da Cidade, 1980.

O processo de urbanização desta região, que evidenciava o turismo, foi considerado um dos fatores que contribuiu ao processo de urbanização da cidade, durante a década de 70 no qual houve incentivos financeiros da Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste (SUDENE) e do Banco do Nordeste ao desenvolvimento turístico da região, “o turismo deixava a desejar [...] não possuía infra-estrutura adequada para receber estes turistas, visto que além de não ter uma quantidade de hotéis bem localizados, na orla marítima também não havia uma atuação do Governo do Estado de modo a promover esta atividade” (Ibid., p.116)

Mas, somente na década de 80 a orla marítima de Aracaju começa a ser alvo de intervenções urbanísticas que tem como intuito de inseri-la no circuito turístico do nordeste. Assim, em 1980, o então prefeito de Aracaju, Heráclito Rollemberg, juntamente com o então governador do estado Augusto Franco, inaugurou o calçadão da praia de Atalaia. É o início das longas e inacabadas transformações que esse espaço abarcou nos últimos 30 anos.

A inauguração do calçadão contou com a presença dos prefeitos de outras capitais brasileiras e do governador do estado. Inaugurado em 11 de abril de 1980, ao som de Nelson Gonçalves, os aracajuanos poderiam desfrutar da “Nova Atalaia”.

O jornal da Cidade de 12 de abril de 1980 relata a inauguração e descreve os “benefícios” recebidos pela Orla:

Na obra do novo Calçadão da Atalaia foram gastos cerca de Cr\$ 28.000.000,00 (Vinte e oito milhões de cruzeiros). Conta com uma extensão de 2.400 metros por 8 metros de largura. 51 postes de iluminação com 17

metros de altura, equipados com luminárias circulares Siemens com 06 lâmpadas de 400 watts cada, além de quadras para prática de futebol e outros esportes. (Jornal da Cidade nº. 2.260 - 12/04/1980.)

A praia de Atalaia recebe então um calçadão com poucos quiosques, que não dispunha de lugares adequados ao assento de visitantes, apenas para consumo em pé, junto às barracas. Contendo uma calçada de 2,4 quilômetros e iluminação, como relata a matéria de jornal.

Nos anos seguintes o fenômeno natural de recuo de água, constante na região, é acentuado nas décadas de 80 e 90, o que possibilita o surgimento de uma extensa faixa de terra ao longo da praia de Atalaia, como é possível observar no cartão postal datado de 1990. Segundo o RAS, “a regressão marinha e a deposição de sedimentos permitiu que a faixa do supra litoral se estendesse em muitos pontos em quase mil metros.” (RAS, 2003)

Em 1992, o então governador do Estado de Sergipe, João Alves Filho, interessado no desenvolvimento turístico do Estado, resolve fazer novas intervenções urbanísticas na Orla.

Em entrevista fornecida ao Jornal Gazeta de Sergipe, em novembro de 1992, após retornar de viagem institucional, do qual visitou os Estados Unidos, o então governador aponta o objetivo que teria sido discutido, juntamente com outros governadores de outros estados do nordeste, um projeto apresentado pelo Banco Internacional do



**Figura 66: Cartão Postal de Aracaju, 1990. Foto: Autor desconhecido. Fonte: Acervo do Instituto Tobias Barreto.**

Desenvolvimento (BID), cujo conteúdo apontava a uma “integração turística de toda região nordestina” (Jornal da Cidade nº. 2.270 - 12/04/1992). Os investimentos, segundo esta mesma matéria, seriam tripartidos entre o BID – que financiaria o montante de US\$ 750 milhões, os Estados – também com US\$ 750 milhões e a Iniciativa Privada - com US\$ 1,5 bilhão.

O então governador afirmou ser este um projeto ambicioso e que o objetivo seria “transformar o nordeste, em médio prazo, num grande pólo de atração turística, chegando a um novo Caribe” (Id. 1992). A expectativa era que a assinatura dos contratos não demorasse, e até o final de 1993 os projetos já estivessem encaminhados.

Antes de adentrar aos aspectos específicos do processo mais recente de urbanização da Orla de Atalaia, faz-se necessário compreender o cenário nacional, e até mesmo internacional, em que este projeto vincula-se direta ou indiretamente. O cenário pode ser referencia para uma compreensão mais ampla do processo que Aracaju e a Orla de Atalaia, estavam sendo inseridos. Podendo,



**Figura 67: Orla de Atalaia. 1986. Foto: Autor desconhecido. Fonte: acervo eletrônico.**

assim, contribuir na reflexão acerca da lógica de consumo de zonas litorâneas, que se torna uma crescente na década de 90, no âmbito da noção de patrimônio costeiro.

Os aspectos legais que correspondem à natureza jurídica das zonas litorâneas sobressaem elementos de sua raridade e fragilidade (RUFINO, 2004). Tais zonas foram conceituadas pela primeira vez num texto internacional em 1972, no Plano de Ação pelo Meio Ambiente, na Conferência de Estocolmo, em seguida o Conselho Econômico e Social da Organização das Nações Unidas (ONU), definiu as zonas costeiras como “bien national de grand valeur” (RUFINO, 2004, p.63).

Nesse sentido a ONU vem desenvolvendo ações com objetivo de regionalizar a proteção do ambiente marinho, incluindo em 1981, na Conferência do Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente, em Montevideu, a conservação do litoral entre os dez temas que são considerados suscetíveis de coordenação e de efetiva cooperação mundial e regional. Assim, em 1985, é lançado o programa para os oceanos e zonas costeiras, consolidando o trabalho de acompanhamento da gestão de zona costeira, no intuito de preservação ambiental.

E, então, na Conferência da ONU sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento (Rio-92), é reforçado a proteção do litoral, um dos temas capitais a serem tratados pelos países membros.

O Brasil, ratificando as recomendações da ONU, elabora leis específicas de proteção ao meio ambiente, como preconiza a Constituição Brasileira de 1988, no artigo 23, ao elencar as competências da União, dos Estados, dos Municípios e do Distrito Federal, prevê, então, no inciso VI: “proteger o meio ambiente e combater a poluição em qualquer de

suas formas” (CF: 1988); bem como no artigo 225, no capítulo V, do Meio Ambiente, ao indicar que

Todos têm direito ao meio ambiente ecologicamente equilibrado, bem de uso comum do povo e essencial à sadia qualidade de vida, impondo-se ao Poder Público e à coletividade o dever de defendê-lo e preservá-lo para as presentes e futuras gerações (CF, 1988).

Inicialmente foram feitas apenas algumas alterações ao já existente Plano Nacional pelo Meio Ambiente, lei 6.938/1981, ajustando algumas determinações da Carta Magna. Com posterior publicação da lei, a qual justifica a exigência de fiscalização dos usos destas áreas.

Em 2002, a União começa a conceber o “Projeto de Gestão Integrada da Orla Marítima” - PROJETO ORLA – desenvolvido pelo Ministério do Meio Ambiente (MMA), Ministério de Planejamento, Orçamento e Gestão (MOG) e Secretaria de Patrimônio da União (SPU), cujo título é “Roteiro de Plano de Intervenção da Orla Marítima”.

Assim, a União pretendia regular a exploração das zonas litorâneas, descentralizando as competências, e esclarecendo pontos importantes a serem respeitados pelos governantes locais nos processos de intervenções urbanísticas.

Diante desse contexto nacional de exploração de áreas litorâneas é que o governo do estado insere-se nessa lógica, possibilitando a inserção de Sergipe no circuito turístico do nordeste.

Uma das pessoas que integra a equipe de projetistas da Orla marítima, à convite do governador, não havendo processo licitatório, é o arquiteto porto-alegrense Eduardo Carlomagno, que ficou com a incumbência de pensar e projetar as novas intervenções da Orla.

O Arquiteto é formado pela Faculdade de Arquitetura da Universidade Federal do Rio Grande do Sul e recebem o convite do governo do Estado, em virtude de sua expressão nacional, do reconhecimento em apresentação de trabalhos no âmbito da arquitetura e dos traços arrojados impressos em suas obras.

O objetivo geral do projeto da Orla de Atalaia, segundo o próprio autor, é mesmo de higienização do espaço, e quando perguntado sobre a manutenção de aspectos regionais



que estivessem impressos na praia de Atalaia, afirmou claramente que o objetivo era não valorizar nada, era de fato mudar o jeito dos que estivessem ali.

Consciente dos processos de intervenção tecnológica que aniquila o tempo mediante acessos rápidos a espaços outros, o arquiteto busca imprimir em suas obras elementos capazes de possibilitar o ator social a multífaces da sua relação com o espaço. No memorial descritivo<sup>15</sup> da orla o autor expõe sua compreensão e possibilidades expostas em suas obras.

Vivemos de uma forma múltiplice, muitas de nossas atividades se fazem simultaneamente a outras. À velocidade mecânica se incorpora uma nova perspectiva temporal, com novos elementos, não necessariamente físico e muitas vezes midiáticos ou tecnológico-digitais, que não tem a base física e material como suporte cultural. Mudança de paradigma. A produção arquitetônica também tem seu interesse como resposta a esta nova condição contemporânea. (CARLOMAGNO, 1993).

Pelas palavras do arquiteto<sup>16</sup>, “o nada” – como percebe a praia de Atalaia em seus primeiros contatos, viria a se transformar em um pedaço californiano no nordeste brasileiro. Afirma que apenas em Aracaju e na Califórnia é possível encontrar uma obra litorânea com essas dimensões, não que ele tenha proporcionado cópias, mas entende como sendo sua principal influência, entre tantas outras<sup>17</sup>.

### **2.3.1 A primeira intervenção da última configuração**

A primeira grande intervenção que começa a configurar a orla ao que se tem atualmente, dar-se a partir de 1993, durante a primeira gestão do então Governador João Alves Filho, desta época o único documento adquirido foi o memorial descrito. Considerando ser este sucinto, consistindo em apenas uma página, poucas foram às informações sobre a primeira intervenção que altera completamente a paisagem da Orla Marítima. Qualquer outro documento, seja projeto, licitações, ou informações sobre a execução da obra, não estão disponíveis em nenhum órgão estadual contatado ou com o próprio projetista.

---

<sup>15</sup> Parte componente do projeto arquitetônico, cujo conteúdo busca elucidar a concepção teórico-ideológica do autor do projeto.

<sup>16</sup> Entrevista concedida em 16/04/2010

<sup>17</sup> O Arquiteto visitou e morou em Paris, na Alemanha, em Tóquio, no Togo, na Itália, entre outros países.

Várias tentativas foram feitas no sentido de compreender as fases do processo de construção da Orla, além de visitas a órgãos da administração pública, houve a tentativa de construir uma cronologia a partir das placas inaugurais de alguns espaços da Orla, mas estas foram substituídas por placas de inaugurações de reformas, portanto não permitindo tal reconstrução.

Há muitos relatos sobre esse período, que não se pode dar o caráter fidedigno, sendo impossível mensurar a validade da informação, como por exemplo, o fato do então governador não ter feito o devido processo licitatório, convidando 4 empresas distintas para a execução da obra, sendo estabelecido um acordo entre as partes, nenhum nome dessas empresas foi localizado, entre outras informações. Apenas o relato jornalístico, que segue, faz menção ao período:

O Projeto Orla foi concebido no início da década de 90 pelo então governador João Alves cuja primeira etapa foi inaugurada no fim do mandato dele, em agosto de 1994. As barracas sem nenhuma padronização dispostas ao longo da calçada deram lugar a coqueiros transplantados, quadras esportivas, calçadões, uma iluminação voltada para o mar e o famoso portal de entrada da orla, conhecido como Arcos da Atalaia.([www.jornaldacidade.net/2008/noticia.php?id=20180](http://www.jornaldacidade.net/2008/noticia.php?id=20180), 30/11/2008).

Assim, todo o material coletado refere-se ao processo de intervenção do segundo mandato governamental de João Alves filho, em 2001.

O nome apresentado no RAS<sup>18</sup> – Relatório Ambiental Simplificado é “Projeto Orla”, o mesmo utilizado pela União, não sendo possível fazer nenhuma referência a isto por não ter acessado a este projeto.

O RAS (2003) relata ser este “um importante passo para o desenvolvimento turístico sustentável da Cidade de Aracaju, visando atender o turismo interno e o externo, [o que] passa pela imprescindível revitalização e expansão da Orla de Atalaia”.

O texto informa ainda que o governo acompanhava e interessava-se pelas pesquisas relacionadas ao desenvolvimento turístico e reconhecia o aumento do número de turistas que procuram áreas naturais, principalmente as praias, o que garantiria o sucesso dos investimentos e colocaria Sergipe diante da “crescente indústria do turismo, uma das maiores atividades econômicas do mundo” (RAS, 200).

---

<sup>18</sup> Relatório Ambiental Simplificado foi finalizado em 2003, após o final da última etapa de construção da Orla de Atalaia.

O relatório expõe uma foto antes das intervenções na Orla de Atalaia e justifica a intervenção pela necessidade de criação de novos empregos e de transformá-la em um dos principais atrativos turísticos de Sergipe.



**Figura 68: Orla Marítima de Aracaju, início da Urbanização dos bairros Coroa do Meio e Atalaia, antes da intervenção urbanista. Foto: Autor desconhecido. Fonte: RSA**

Ressalta ainda que a Orla não é uma área de proteção ambiental, embora justifique a obra como de relevância para proteção e preservação do meio ecológico, sustenta a ênfase no pleno desenvolvimento econômico do estado pautado em um “turismo sustentável explorando os recursos naturais com a intenção formal não só de preservá-lo, como também de melhorar continuamente as condições ambientais, [além de] permitir à população usufruir desse excepcional atrativo turístico de forma segura e salutar” (RAS, 2003).

O aspecto do caráter sustentável do empreendimento é demonstrado em entrevistas e relatórios relacionados a construções e reformas da Orla. Utilizam-se do conceito de ecodesenvolvimento<sup>19</sup> para expor o respeito aos parâmetros legais da legislação de zonas costeiras e ambiental. Assim, a obra teria respeitado todos os limites ambientais, inclusive proporcionando melhorias ao ambiente com o saneamento da região.

---

<sup>19</sup> Visão moderna do desenvolvimento consorciado com o manejo dos ecossistemas, procurando utilizar os conhecimentos já existentes na região, no âmbito cultural, biológico, ambiental, social e político, evitando-se assim a agressão ao meio ambiente. (RAS, 2003)

Seguindo às obras, que se justificam pelos objetivos, ou de atividades como prefere o texto, que podem estar associados ao projeto, são elencadas de forma a englobar todo o sistema de serviço público voltado ao “sucesso” do empreendimento, sendo eles:

- Meios de hospedagem: hotéis, pousadas, hospedarias, ...;
- Entretenimento: clubes, parques de diversões, quadras esportivas, feiras de artesanato, praças, jardins, forró-dramas, boates, discotecas, ...;
- Alimentação: restaurantes, cafês, bares, lanchonetes, sorveterias, cervejarias, ...;
- Serviços: operadoras turísticas, agências de viagem, bancos 24 horas, centros comerciais, centros de informações turísticas, ...;
- Sistemas de transporte;
- Unidades de segurança: móveis e fixas (proteção à população e aos turistas). (RAS, 2003)

O primeiro espaço a ser construído foram os Arcos da Orla. Este espaço, segundo Carlomagno, tinha *a priori* três objetivos. Inicialmente demarcar um momento de mudança, de uma nova orla, seria um marco entre o passado e o presente. Segundo, constituir-se em um símbolo para a cidade, algo que entendia não haver, ainda, na cidade de Aracaju. E, por último, a propositura de ser este um espaço democrático, “algo simbólico que significaria a democratização do espaço público [...] seria uma espécie de púlpito, onde as pessoas, sindicalistas, artistas... um espaço popular que qualquer um teria acesso” (CARLOMAGNO, 2010).



Figura 69: Arcos da Orla. Foto: Autor desconhecido. Fonte: [www.orladeatalaia.com.br](http://www.orladeatalaia.com.br).

Os Arcos seriam um marco para o desenvolvimento da cidade, os Arcos simbolizariam a Orla, e esta por sua vez, seria simbolicamente o marco do desenvolvimento de Aracaju, e como acredita seu idealizador técnico:

A Orla mudou o costume das pessoas, mudaram os hábitos, a cidade ficou mais cosmopolita, a auto-estima do sergipano melhorou muito com essa Orla. Ele começou a admirar mais a sua cidade, se sentir mais importante perante outras cidades com essa orla, não foi só a mudança do espaço físico, a mudança do espaço físico provocou uma mudança psicológica no sergipano. Era algo muito feio (a Orla), teve que se fazer uma maquiagem ali, teve que criar um cenário que apagasse a cor marrom do mar. Eu utilizo ali muito azul, e o azul meio que confunde o mar, o primeiro plano, aqueles

azuis todos confunde com o mar, dá uma sensação de amplidão e até de mudança de cor do mar, essa foi a intenção (CARLOMAGNO, 2010).



**Figura 70: Primeiras Intervenções. Foto: Autor desconhecido. Fonte: Acervo eletrônico.**

A partir de então o Projeto Orla começa a ser executado, iniciando do atual prédio do corpo de bombeiros (Ver destaque vermelho - figura 16) da Atalaia até o hotel Celi, obra que compreende também os arcos. Posterior a esta obra, o projeto foi dividido em quatro partes, considerando que o então governador, João Alves, afastar-se-ia em outubro deste mesmo ano, para concorrer às eleições. Assim, a partir dos Arcos da Orla, inicia-se o processo de construção do que viria a ser a Orla de Atalaia. É construído o calçadão e uma grande estrutura de paisagismo.

### **2.3.2 A reforma e consolidação de uma estrutura inacabada**

Em 2003 foi feita uma reforma e ampliação da Orla de Atalaia, neste momento o espaço recebe uma série de equipamentos e adornos com o objetivo de torná-la mais “bonita” e mais atrativa aos usuários e, principalmente, aos não-usuários. Esta obra foi divulgada em todos os meios de comunicação e o acesso a todos os projetos é facilitado, inclusive pelo processo de informatização do mesmo.

Denominada em alguns momentos como reforma e em outros de revitalização, a intervenção tinha como objetivo recuperar as obras realizadas anteriormente, além de implantar nova infra-estrutura, que é justificada pela construção de novos espaços de entretenimento e pela possibilidade de geração de novos empregos.



O governo afirma, em matéria publicada no *site* do próprio, que esta reforma vai “dar cara nova” a prédios públicos, aos equipamentos comunitários e a pavimentação da Orla, com a implementação de nova iluminação e alteração de todo o paisagismo.

Entre as principais obras realizadas neste momento estão: “O Mundo da Criança”, quadras esportivas, ampliação da área para eventos, ampliação da ciclovia, ampliação do calçadão, um caramanchão, entre outras.

A Orla é então dividida em quatro partes, essas compreendem situações distintas de uma totalidade que é a Orla de Atalaia. Buscar-se-á descrever a partir de projetos e reportagens, como foi pensado e estruturado cada trecho.

O primeiro trecho da Orla começa no Hotel Parque dos Coqueiros e termina na Passarela do Caranguejo. O projeto arquitetônico foi finalizado em abril de 2003 e desenvolvido pela empresa “Eduardo Carlomagno Arquiteto e Associados”. Este projeto previa a construção de 1.035 metros de ciclovia, 6,3 mil metros quadrados de calçadão, 240 metros de caramanchão, 7 quadras de vôlei de praia, 370 vagas para estacionamento de veículos, mesas de jogos e bancos, e ainda, reforma de toda a iluminação.

A obra foi inaugurada em setembro de 2004, o investimento nesta região foi de aproximadamente 11 milhões de reais.



Figura 71: Foto aérea da 2ª etapa da Orla. 2003. Fonte: Eduardo Carlomagno Arquiteto e Associados



Figura 72: Foto aérea da 2ª etapa da Orla. 2003. Fonte: Eduardo Carlomagno Arquiteto e Associados

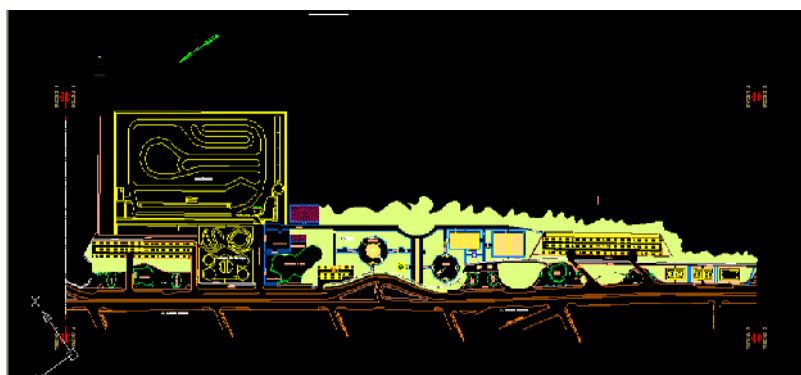


Figura 73: Projeto da 3ª etapa da Orla. 2003. Eduardo Carlomagno Arquiteto e Associados

A segunda etapa da Orla é iniciada na Praça dos Caranguejos seguindo até a Praça dos Arcos. Neste trecho o projeto previa a construção de 736 metros de ciclovia, 5,7 mil metros quadrados de calçamento, parque infantil, 170 metros de caramanchão, duas quadras poliesportivas, um campo de beach soccer, equipamentos de ginástica, mesas de jogos e bancos, 6 mil metros quadrados de jardinagem, incluído transplante de coqueiros, além da reforma dos muros da Praça dos Arcos e do prédio do Corpo de Bombeiros. Esta fase da obra foi inaugurada em 30 de janeiro de 2005, contou com a presença do governador e após a solenidade houve shows com bandas de forró e axé music.

O terceiro trecho da Orla, que se inicia na Praça dos Arcos e termina no Oceanário, previa em seu projeto a construção 7,3 mil metros de calçada, 1,3 mil metros ciclovia, caramanchão, mesas de jogos e bancos, 467 vagas para veículos e quadras poliesportivas. Posteriormente outros projetos foram apresentados para esta região, como por exemplo, o kartódromo.

O Kartódromo viria a substituir um existente no bairro Siqueira Campos, próximo ao centro da cidade. A justificativa do projeto dá-se pelo viés de mais atrativos turísticos, além de ser considerado uma obra de “imprescindível infra-estrutura, principalmente assegurando que não afetará negativamente a população e o meio ambiente” (RAS, IV, 2004). Além dos



**Figura 74: Planta Kartódromo. Fonte: CEHOP**

objetivos diretos, havia a compreensão de que poderia “trazer mais oportunidades de negócios em diversas áreas distintas, o que sem dúvida atrairá[ia] investidores de outros estados e também de outros países, contribuindo sobremaneira para os ingressos financeiros necessários à melhoria da qualidade de vida da comunidade” (RAS, IV, 2004).

O quarto e último trecho inicia-se no Oceanário e termina no estacionamento da Orlinha, o governo do Estado considerava este trecho como o mais frequentado da Orla, onde eram encontrados restaurantes, hotéis e pousadas. O projeto para este setor previa a construção do Centro de Artesanato, que compreenderia uma área de 1,4 mil metros

quadrados e disponibilizaria 72 boxes para comercialização de produtos artesanais produzidos por artesãos sergipanos. E ainda, 941 metros de ciclovia, parque infantil, 4,2 mil metros de calçada, reforma de quatro quadras existentes e construção de mais quatro – com previsão de ser construídas com piso macio e camada amortecedora, o que previne lesão muscular, 22 rapas de skates e parede de escalada. O projeto ainda contemplava o paisagismo, sendo toda área reformada com previsão de ter palmeiras imperiais e coqueiros.



**Figura 75: Projeto da 4ª etapa da Orla. 2003. Eduardo Carlomagno Arquiteto e Associados**

Este último trecho do projeto da Orla foi dividido em duas partes, a segunda tinha como objetivo ampliar a já existente praça de eventos, a construção da Casa do Forró, que compreenderia uma área de 1.600 metros quadrados, toda projetada em madeira e vidro e com capacidade de receber mil usuários. A Praça de Eventos recebe a denominação de “Praça de Eventos José Augusto Cantor Sergipano”, a partir de lei municipal de maio de 2004.

### **2.3.3 A Orlinha da Orla**

Após a última etapa da orla inicia-se a Orlinha. Espaço construído na reforma de 1980, cuja intervenção previu bares e pavimentação de ruas, isto porque a organização e preservação desta parte da Orla são de competência do município.

A Orla marítima de Atalaia é administrada pelo governo municipal e estadual. Esta divisão deu-se em consequência de dois momentos distintos, um burocrático e outro natural, ambos já citados neste trabalho. A região da Coroa do Meio é doada à prefeitura de



Aracaju em 1978, que então constrói o calçadão, alguns bares na região da Orlinha e a Avenida Santos Dumont, onde os carros trafegavam nos dois sentidos.

Com o recuo do mar, acentuado após a primeira intervenção na Orla, sobressai uma área que até então não pertencia a nenhuma instituição, já que a doação da união compreendia toda a faixa de terra até então existente, com o alargamento desta faixa, não havia órgão com competência jurídica para administrar.

Assim, o Estado resolve assumir essa competência.



**Figura 76. Área a ser administrada pelo Governo Estadual. Foto: Autor desconhecido. Fonte: acervo eletrônico**

Então o governo estadual mantém a avenida, duplicando-a, ficando a já existente com o tráfego sentido sul, e constrói outra, com o tráfego sentido norte. O antigo calçadão passa a ser o canteiro da nova estrutura erguida sobre as areias da praia de Atalaia.

Assim, a administração divide-se entre o município de Aracaju, cuja competência compreende a Orlinha, a extensão de areia - onde



**Figura 77. Projeto conceito para a Coroa do Meio. Fonte: [www.agencia.se.gov.br](http://www.agencia.se.gov.br)**

estão os bares, parte da Avenida Santos Dumont - apenas no sentido sul e o Canteiro. Já o Governo do Estado, compete administrar a parte, sentido norte, da Avenida Santos Dumont e a extensão da orla que compreende o trecho que se inicia na Passarela dos Caranguejos seguindo até o restaurante *Famiglia Santa'Ana*.

Mesmo assim, o governo do Estado, tem proposta de um projeto a ser executado na região da Coroa do Meio - Orlinha. Diante de um conceito ecológico o Governador Marcelo Déda, entende a necessidade de "construção de uma consciência ecológica dentro da cidade de Aracaju" (Déda, 2008). A ideia é construir um ecoparque, um espaço ecologicamente correto, que avança ao mar em uma estrutura arrojada, numa proposta diferente das já implementadas na Orla de Atalaia.

## 2.4 Um prática praiana sobre a pedra, ou uma prática urbana sobre a natureza?

De um espaço vazio, em suas práticas, chega-se à Orla de Atalaia. Estruturada em torno de um ideal turístico, que objetiva disputar com outras cidades brasileiras e estrangeiras os turistas que buscam áreas costeiras e preferem experiências naturais, mesmo que esta não tenha sido valorizada na revitalização da Orla.



Figura 78: *Laguna Beach* . Foto: Autor desconhecido.  
Fonte: wildnatureimage

Sharon Zukin, ao apresentar três temas principais que regem a produção da paisagem, atenta que tais turistas influenciam na formação de paisagem mesmo que na perspectiva de uma “cultura da natureza”. A autora atenta que àqueles que desejam “ter uma experiência mais espiritual, talvez selvagem – mas não desconfortavelmente selvagem [...] que pode ser encontrado pelas pessoas, por um lado, nas áreas urbanas históricas e, por outro lado, nas praias desertas” (ZUKIN, 2000, p. 110) acabam por influenciar na estruturação do espaço que são adequadamente modificados para recepcioná-los. Os agentes que modificam os espaços para atender a este público “devoram a paisagem natural que se desenvolveu ao longo do tempo, [...] e estabelecem uma nova inserção de lugares ‘naturais’ na economia mundial e na cultura de consumo” (Id, p. 110).

Reforçando este entendimento, em suas devidas adequações, pois não é esta uma praia deserta, mas que também aspira atingir uma experiência natural, percebe-se que ao mesmo tempo em que a Orla de Atalaia se favorece dos elementos praianos na sua valorização, desloca-se dos mesmos na medida em que, diferentemente de construções feitas em orlas marítimas, como, por exemplo, na própria Califórnia – busca-se esta por ter sido citada durante a coleta de dados, suas estruturas físicas são erguidas de costas para o mar. O visitante que estiver em algum ponto dessas estruturas terá tanto a visão como o acesso a praia prejudicados, uma vez que se estrutura de frente para a Avenida Santos Dumont, em alguns trechos da Orla não é possível visualizar ou ter acesso ao mar.

No entanto, como saliente Zukin, novos lugares naturais são inseridos, como a região dos lagos e o “bosque das nações”. E, para além de uma experiência natural, a Orla constrói-se, acima de tudo, em “pedras” (SENNETT, 2001), em suas calçadas, pistas de skate e patinação, quadras, restaurantes, salão de festas, quiosques, estacionamentos e prédios públicos.

A recente construção da Orla de Atalaia é genuinamente diversificada e fluida em suas próprias estruturas, que são mudadas, ampliadas, desgastadas pelo tempo e pelo homem e, também, destruídas. Mas, mesmo assim, já inicia um processo simbólico de imagem de uma Aracaju “moderna” a partir de sua estrutura física. O simbolismo construído em torno da Orla reforça a centralidade de décadas passadas, não com as mesmas práticas e usos. O aracajuano não vai mais somente ao Barreto, à praia de Atalaia, à Cinelândia ou simplesmente à praia, hoje ele vai a “Orla de Atalaia”.

A Orla Marítima de Aracaju, portanto, começa a estrutura-se em torno de si mesma e não diretamente ligada a algo natural, utilizando de seu marketing, que é a praia. Inicia-se um processo de deslocamento de suas práticas, diferenciado-se apenas daqueles frequentadores que usam a praia, numa experiência mais natural, envolto de práticas praianas, ou apenas dos que usam a cidade, numa experiência mais citadina, envoltos de práticas urbanas.

Sendo este o aspecto central da pesquisa, compreender os usos estabelecidos numa zona litorânea enobrecida, turisticamente estruturada, para contemplar o desejo do turista que vai além de uma experiência natural, ou de uma vilegiatura, mas de consumir o espaço enquanto colecionadores de lugares (PEIXOTO, 2000).

O presente item objetiva ressaltar parte dos elementos constitutivos da Orla de Atalaia no que tange as suas peculiaridades arquitetônicas e organizacionais, tendo como pressuposto metodológico o entendimento de que o exercício etnográfico revela “fatos etnográficos” (PEIRANO, 1995).

Tais fatos permitem o entendimento das limitações das teorias universalizantes, que percebem as zonas litorâneas apenas como espaço de lazer e entretenimento voltados ao turismo, na medida em que possibilita uma compreensão analítica de particularidades que se mostram complexa ao suscitarem problematizações, estas por sua vez serão analisadas neste trabalho a partir da teoria urbana contemporânea.

Ao se pensar sobre o consumo enquanto característica que envolve as relações desenvolvidas no espaço da Orla. As propagandas que comercializam a orla, o turista que consome a paisagem e produtos, o próprio sergipano que consome a paisagem, todos se utilizando de bens consumíveis como comunicadores sociais. Seja de forma macro em políticas de consumo e lazer à micro-relações que são determinadas pelos signos que envolvem uma noção de um “eu estilizado” (FEATHERSTONE, 1997). Assim, no próximo capítulo, pretende-se compreender tais relações de consumo a partir das espacialidades da orla, e consequente sentido público, pensando em que medida pode ser considerada como um espaço público.

### CAPÍTULO III

#### AS DIFERENÇAS DE UMA UNIVERSALIZAÇÃO LITORÂNEA: ETNOGRAFANDO A ORLA DE ATALAIA.

Invariavelmente as mudanças espaciais nem sempre refletem uma demanda latente da sociedade. Dificilmente tem-se uma intervenção que resulte do contínuo desenvolvimento de uma cidade, ou mesmo siga em seu cotidiano um determinismo estrutural. Mesmo que os processos de Enobrecimento Urbano tendam a homogeneizar o espaço, estes estabelecem uma dinâmica própria, que conflui entre arquitetura e uso.

Como descrito no primeiro capítulo, a Orla de Atalaia é entendida como um espaço enobrecido, cujo espaço físico foi submetido a uma espécie de “revitalização urbana” (LEITE, 2008), ou como sugere o autor, “a composição estético-visual [...] é parte fundamental e constitutiva do planejamento urbano que intenta adequar as demandas de usos desses espaços da cidade às práticas de consumo visual” (Id., 179).

Tais processos criam novas “centralidades” na cidade (ZUKIN, 2000), e, mesmo considerando que a Orla de Atalaia sempre se estabeleceu como uma “centralidade” da Cidade de Aracaju, alguns problemas na década de 90 começam a sobressair no cenário praiano. Segundo jornais da época, a lotação de hotéis não passava de trinta por cento de suas capacidades, além da paisagem natural desfavorecida, barracas que comercializam irregularmente alimentos foram retiradas.

No contexto nordestino, que tem sua economia desacelerada a partir do processo de industrialização do Brasil, Aracaju nem é citada como cidade que detém o mínimo de estruturação turística, diferentemente dos estados Bahia, Pernambuco e Ceará, que tentam superar os altos índices de desemprego (PRODETUR, 2005)<sup>20</sup>.

Os recursos do Prodetur são, então, destinados a promoção do turismo na região nordeste, com foco em dois cenários distintos: as zonas litorâneas e os centros históricos.

---

<sup>20</sup> Relatório Final do Programa de Desenvolvimento do Turismo do Nordeste – I.

Enquanto no primeiro há um processo de “espetacularização da cultura”<sup>21</sup>, no segundo é a vez da espetacularização da natureza.

A tentativa de inserção da praia em um circuito turístico promove uma transformação paisagística que modifica o sentido de “estar na praia”, não apenas modificando como também rompendo com este sentido, e mais do que isto, criando um novo sentido para a cidade: o de “estar na orla”.

Aracaju passa a ter um espaço que desenvolve um cotidiano diferenciado da rotina urbana da cidade, do sentido de “estar na cidade”, que às vezes é reproduzido, às vezes ocultado – no sentido de que o ator social pode assumir vários papéis em um cotidiano, construído na prática interativa, e para isso, “oculta” sentidos, ao tempo em que outros sentidos são “revelados”. Entre esses, estão o de “estar na praia”, que parece perfazer todas as práticas dos atores na orla, mesmo que retenha apenas simbolicamente a noção de “contato com a natureza”: praia (ZUKIN, 2000).

A intervenção urbanística, que tende a homogeneização dos usos de um determinado espaço, é percebida de forma particularizada na orla. De um processo que tende a homogeneização, aqui revela ser este um espaço heterogêneo, em que os antigos usuários não foram banidos, mas sim, realocados em espaços específicos. Isto garante, entre outros aspectos, a dissonante disposição socioespacial que se estabelece na Orla de Atalaia.

Portanto, compreender a Orla enquanto criação de uma política de enobrecimento de áreas litorâneas, caracterizada pela urbanização que retém simbolicamente o sentido de “estar na praia”, perpassa pelo reconhecimento de “espaços”, “lugares” e “não-lugares” (LEITE, 2007; AUGÈ, 2005). Compreendendo seus “agenciamentos”, possibilita o entendimento das “territorialidades” (DELEUZE; GATTARI, 1997), e consequente análise da “sociabilidade” (SIMMEL, 2006) desenvolvida em um espaço litorâneo enobrecido.

Nas próximas linhas, pretende-se desenvolver traços que compõem um olhar sobre a Orla de Atalaia. Além dos seus agenciamentos, considera as suas temporalidades, entendendo que o “zoneamento espaço-temporal guarda relação intrínseca com as práticas sociais cotidianas” (LEITE, 2007, p. 241), que não se prende a dicotomia dia-noite, mas em temporalidades diversas durante o próprio dia e a própria noite. Além de comportar uma diversidade variante num contexto semanal, em que as segundas, terças e quartas, assumem

---

<sup>21</sup> Para mais informações ver Fortuna (1997), Leite (2007), entre outros.

um ritmo; as quintas e sextas, outro; os sábados e domingos também conseguem ainda ser diversos ritmicamente.

As temporalidades da Orla são comparadas ao movimento das ondas, tão dinâmicas como o ir e vir intenso da água do mar, que aqui são entendidas em rotinas, que compõem o cotidiano da Orla. Em vários momentos é possível perceber novos atores, novas dinâmicas, que embora se repitam em suas próprias temporalidades, são dinamicamente reorientadas pelo próprio ator, ou mesmo pela arquitetura, que, como já foi dito, está sempre sendo reformada, alterada ou inovada.

Assim, estabelecem-se temporalidades a partir da intensidade dos usos em determinados espaços, o que não implica afirmar necessariamente um vazio em outra temporalidade, sendo esta apenas no intuito de iniciar uma compreensão do objeto estudado.

Além das temporalidades, os usos desses espaços, embora variados, são aqui delimitados em três grupos: o banhista - o turista e o cidadão, o esportista e o caminhante – com já colocado, este é um grupo mais abrangente, que considera desde usuários a contra-usuários - os pedintes, os vendedores ambulantes, os flanelinhas.

Assim, é a partir do caminhar, dos passos, como inicia Michel de Certeau sua história sobre “A Fala dos Passos Perdidos” que é possível “ouvir” a Orla. Passos esses que não se pode contar, pois “cada uma de suas unidades é algo qualitativo: um estilo de apreensão tátil de apreensão cinésica” (DE CERTEAU, 1994, p. 176). A interpretação do ato de caminhar é o instrumento metodológico utilizado na percepção da Orla, cujos “jogos dos passos moldam o espaços [...] tecem os lugares” (Ibid., p.160).

O caminhar em espaços da cidade tem uma função “anunciativa” do sistema urbano, em uma possibilidade tríplice de compreensão, sendo elas: a “*apropriação* do sistema topográfico pelo pedestre”; “a realização espacial do lugar”; e, a “relação entre posições diferenciadas [...] ‘contratos’ pragmáticos sob a forma de movimento” (Ibid., p. 177). Assim, coloca-se também a caminhar, juntamente com os demais pedestres que trafegam pela Orla Marítima, sempre a observar sua relação com o espaço, buscando especificamente verificar as relações entre diferentes posições sociais.

Para que se possa compreender os usos estabelecidos na Orla juntamente com os significados atribuídos pelos atores em suas ações, faz-se necessário compreender o ambiente em que este símbolo é exposto, como salienta Joseph ao afirmar que “as regras e as normas, admitindo-se facilmente que elas não se aplicam da mesma maneira conforme as situações

[...] atenta [...] aos ambientes onde se desenvolve a linguagem corporal dos participantes” (2000, p. 39). Assim, a compreensão faz-se necessária na medida em que, posteriormente as interações desenvolvidas neste espaço, engendram-se símbolos com a estrutura física da orla.

Como dito anteriormente, a extensa faixa de pedra que compreende a Orla de Atalaia, situa-se entre dois espaços com diferentes práticas. De um lado a faixa de areia e o mar, do outro, o processo de urbanização que se alavancou durante as décadas de 80 e 90, embora as práticas sejam distintas, ambos se apresentam em uma dependência relacional.

Ao longo dessa descrição pretende-se apreender o espaço da Orla de Atalaia em sua diversidade arquitetônica, delimitando práticas e paisagens formando um todo em si mesmo, que ao mesmo tempo em que se forja a partir das paisagens que a circunda expõem-se às suas próprias experiências cotidianas.

Pretende-se, portanto, neste primeiro momento demonstrar alguns dos possíveis itinerários propostos pelos “sujeitos de querer e poder” (DE CERTEAU, 1994, p. 99), cujo resultado final possibilitará a compreensão da segunda parte deste trabalho, que se aterá ao desenvolvimento das práticas dos atores que compõem o cenário da Orla de Atalaia, percebido através dos caminhos percorridos pelos usuários.

Assim, neste primeiro momento, propõe-se um caminhar que segue demarcações físicas feitas pelo poder público na tentativa de delimitar o fluxo dos visitantes. Entende-se por ora como um Flâneur, apresentado por Walter Benjamin em “Paris, capital do século XX”, que na compreensão de Featherstone (1997), demonstra a construção de um indivíduo que busca, no que vê, a construção da coisa em si mesma. Ou seja, extraindo do próprio espaço a compreensão do que é a Orla de Atalaia.

Ao descrever o Flanar pelos espaços “estriados” (DELEUZE; GUATTARI, 1997), o que parece ser um contrassenso, já que o Flâneur não se permite guiar-se por caminhos prontos. Pode não ser um contrassenso na medida em que se furta à luz, não se deixando levar pelo lado que sob a luz se mostra, ao contrário deixa-se deliberadamente ir, e voltar às sombras, como salienta Leite (2008), ao afirmar que as intervenções urbanas intentam em criar cenários, para além dos mais visíveis usos.



### 3.1 A manhã: o azul que reluz além do verde-mar

Nos itens anteriores, tem-se afirmado que a Orla de Atalaia é uma zona litorânea enobrecida e que as categorizações apresentadas até então, no âmbito da teoria urbana contemporânea, estendem-se até certo limite na compreensão do presente objeto – até onde a orla comporta elementos de uma prática urbana, expressão enquanto cultura urbana. Seus limites, por outro lado, deixam de abarcar elementos outros que se expressam a partir de práticas desenvolvidas na praia, na perspectiva já apresentada.

Tais afirmações são assim colocadas considerando aspectos sobressalentes do cotidiano desenvolvidos neste espaço, e obviamente, que tais observações foram sendo guiadas pelas leituras realizadas no desenvolvimento do trabalho.

Embora as orlas e praias venham sendo tema de discussões no âmbito acadêmico, ainda não se sustenta uma análise robusta desses espaços. Alguns trabalhos em desenvolvimento, parecem querer adquirir este status, mas por ora, não consubstanciam uma análise por si só no âmbito dos mesmos. O que chama atenção é o fato de ser este um recorte empírico e teórico, que embora derive em muitos casos da teoria urbana, tomam suas próprias categorizações, imbuídos, obviamente, dos sentidos atribuídos a estes ambientes e, mais ainda, das práticas que comportam singularidades estéticas e simbólicas.

Por outro lado, a teoria urbana contemporânea, robusta em suas categorizações, valendo-se de clássicos, não se deu conta da praia, se é que a considere urbana – cabendo para isso uma investigação específica. Seus limites analíticos parecem colocar o mar como uma dessas margens e, conseqüentemente, a praia pouco foi lembrada.

Tal entendimento leva a sustentação da particularidade deste objeto, que no desenvolvimento do trabalho etnográfico, busca demonstrar os elementos empíricos que fomentaram a ideia de ser este um espaço que, nas palavras de Deleuze, nada é, se não for o que suas margens lhe fazem ser. Não é possível pensar a Orla como urbana, nem como praiana, mas como um lugar que se sustenta na mediação dessas duas modalidades práticas.

A estrutura física da Orla confere pistas, sustentam um simulacro de síntese entre o urbano e o praiano, além de apresentar estruturas tipicamente praianas e urbanas. Somem-se a isto os não-lugares, o que parece ser demarcadamente identitário, surgem inscritos em

marcas de espaços outros que serão apresentados neste tópico, mas que as práticas, em alguns casos, acabaram tornando-se parte desses mesmos lugares praticados.

Tenta-se, por ora, abarcar a maioria dos equipamentos públicos da Orla de Atalaia, sempre atentando as características que remontam a esta noção de um espaço *mix* das práticas praianas e das práticas urbanas, já em sua estratégia arquitetônica.

O período da manhã se demonstra interessante à apreensão deste espaço, a luz revela pontos escondidos pelas sombras ou pelas noites. A esta hora tudo se traduz natural, o azul do mar que no horizonte toca o azul do céu, é o pano de fundo ideal para se forjar uma natureza plástica.

Um dos primeiros problemas apresentados no etnografar da Orla foi exatamente comportar as variações de limites que se distribui. O lado que margeia a Avenida Santos do Dumont segue linear, mas o lado que é margeado pela praia, contrariamente, mas parecendo a onda do mar, com varias curvas.

Outro problema é a disposição dos equipamentos na Orla, entre calçadas e ciclovias, que ora se alargam, ora se estreitam, dificultam uma descrição fluida desse espaço. Contudo, tais variações têm um propósito, o de proporcionar a idéia de movimento, pois embora a praia devesse ser escondida por estas arquiteturas, não se podia estabelecer uma ruptura com a noção de praia existente, a qual colocaria Aracaju no circuito de praias “bonitas” do nordeste: a Orla de Atalaia, antes é comercializada como praia<sup>22</sup>.

A confusão em denominar este espaço não é mera distração, ressoa na estratégia de *marketing* da própria Orla, segundo as palavras do então Governador do Estado, João Alves Filho – “foi pra confundir mesmo”. Verifiquemos um texto publicitário sobre a Orla de Atalaia:

Mais movimentada praia de Aracaju, a urbanizada Atalaia reúne calçadão, quadras esportivas e grandes quiosques. O mar raso e a larga faixa de areia atraem famílias com crianças. O trecho conhecido como "Passarela do Caranguejo" tem agitada vida noturna, concentrando bares e restaurantes. (www.feriasbrasil.com.br)

Depois da Orla, a praia de Atalaia passou a ser uma das mais belas do nordeste. As publicidades geralmente associam a Orla à Praia. Praia de Atalaia, Atalaia é a praia mais

---

<sup>22</sup> Ver: “ferisbrasil”, “visitearacaju” e “ofertas”

badalada de toda orla sergipana e conta com opções de lazer como quadras poliesportivas, calçadão e barracas de serviços, além de centro de artesanato<sup>23</sup>.

A tentativa de descrever esse espaço, de forma que o leitor consiga acompanhar esse pensamento, toma como estratégia descritiva primeiramente os espaços “estriados” e posteriormente as delimitações dos usuários. Para tanto, propõe-se inicialmente três itinerários, a saber: espaços com serviços (bares e restaurantes), espaços com equipamentos esportivos e espaços de praças.

Entende-se, também, que um panorama geral da orla, pode ajudar a situar o leitor nesta caminhada e evitar a exaustão na repetição de alguns elementos que estão distribuídos por toda a Orla. Um panorama tem a pretensão de esboçar o primeiro plano, pouco tendo a dizer sobre o pano de fundo, que se propõe problematizado, como argumenta Walter Benjamin (1997).

Aos primeiros passos revela-se uma arquitetura que avulta a paisagem. Antes de voltar especificamente a este espaço, pode-se remeter a memória me remetia a filmes californianos que têm como pano de fundo as praias, com suas largas avenidas e coqueiros alinhadamente transplantados. Em seguida, desperta-se ao imaginário sobre a natureza, sendo esta incapaz de ceder aos desejos humanos da (in)voluntariedade de conceber coqueiros exatamente alinhados em canteiros, entre avenidas. A orla é um simulacro. Mas, um simulacro de que? O que pretende esta disposição arquitetônica?

Criar um falso aspecto de praia é a melhor definição ao simulacro Orla de Atalaia. O processo de urbanização da praia de Atalaia não podia perder seu filão comercial e turístico: a praia. Ou, tornaria difícil inserir o que se definiu por orla no *trade* turístico nordestino, se assim não fosse.

Nesta tentativa, de criar um espaço físico



**Figura 80:** Alguns equipamento e Muro ao fundo em tons de azul. Fonte: Acervo pessoal. Foto da Autora



**Figura 79.** A cor azul que predomina nos prédios da Orla. Fonte: Acervo pessoal. Autor: Foto da autora.

<sup>23</sup> Informação do site: [guiadearacaju](http://guiadearacaju.com.br)

capaz de atrair turistas e novos frequentadores ao espaço, sem que estivessem com o mesmo entendimento da “praia feia”, nem muito menos que a tivesse eliminado do seu imaginário - apenas o entendimento de “feia”, a orla é então pensada em excessivo colorido, que, em muitos prédios, em tons berrantes, contrasta com a predominância dos tons azuis.

Na figura é possível verificar o detalhe do banco em azul, o prédio com um colorido em forma de ondas, e ao fundo, o muro todo em azul. E, ainda, o prédio em que funciona o departamento de informações turísticas da Emsetur, no qual predomina, mais uma vez, a cor azul.

A paisagem da Orla é predominantemente azul, o que possibilita a percepção de “calmaria”, que remete a ideia de praia, de natureza, de retomada de uma percepção, de um ritmo próprio da praia.

Um panorama geral permite verificar a pertinência de uma paisagem “cor do mar”. O azul está nas pilastras, nos detalhes e em longos muros, que ao impedir a visibilidade do mar, remetem simbolicamente não apenas ao azul do mar, como também ao seu próprio movimento. Alguns prédios e muros são pintados em dégradé, em variados tons de azul e verde, que estimulam a ideia de movimento do mar: a intervenção urbanística da orla não é estática.

O que também está em movimento na orla são os coqueiros, que supõe o mesmo objetivo do uso da cor azul predominantemente. Os coqueiros transplantados, diferentemente das gramas, que se espalham por toda a orla, e que não compõe as paisagens praianas, reforçam o sentido praiano.

Antes, é possível verificar nas fotos da área, os coqueiros estavam onde hoje se localiza o bairro Atalaia. As casas e prédios comerciais foram extinguindo todas as palmeiras da região. Os coqueiros hoje estão artificialmente na Orla, alinhados entre bancos, quadras, praças e monumentos. O balançar das palhas dos coqueiros, típico das paisagens praianas, que, além de compor o ambiente, aguça os sentidos – seja vendo-as ou ouvindo-as, os sons podem possibilitar reconhecimentos outros que não exatamente o que se vê, como assinala Carlos Fortuna:

o som artificial [...]opera sobre o espectador e não sobre o objecto em exposição. Nestas circunstâncias, a sonoridade envolvente produz efeito de desfocagem e desrealização das aparências visuais. O indivíduo é reenviado para si próprio e, enquanto consumidor, é ele que se pretende atingir (FORTUNA, 1998).

O barulho das palhas dos coqueiros e o cheiro da brisa do mar, que persistem em romper as barreiras artificiais, fizeram deixar os filmes sobre a Califórnia e voltar ao nordeste brasileiro. A grandiosidade do mar chama à contemplação e, voltando-se a ele por entre as brechas da arquitetura, embora a intervenção não tenha impossibilitado a visibilidade do mar, em alguns pontos, é impossível vê-lo, ao sentar num banco e passar a refletir sobre o mar revelado pelos tons azuis, e só após algum tempo, é que se percebe o quanto é possível construir uma compreensão da Orla.

Os simples bancos, dispostos por toda a Orla, ora demarcando espaços, ora configurando um próprio espaço, são uma síntese do que é o universo Orla. A base de concreto remete à cidade, o encosto de madeira leva à praia, remontando-se a dois lugares distintos, ao tempo em que não é possível identificá-lo em sua totalidade, não se rememora identitariamente a algum outro espaço da cidade de Aracaju, isto porque é ele a reprodução de um modelo de bancos da cidade de Montreal no Canadá. Não se identifica o banco com nenhum desses lugares, não possibilita uma experiência marcadamente relacional, o que acontece em alguns lugares da orla, não que o banco seja, mas que faz pensar nos “não-lugares” (AUGÉ, 2005).

Assim é possível perceber a Orla panoramicamente, em cores e sons que possibilitam o aguçar do sentido de estar na praia, enquanto também é possível realizar novas experiências, a marca da contradição é expressão única da orla, que em sua composição, pretende confundir.

### **3.1.1 Um espaço em cenários**

Perceber a Orla em cenários, talvez seja o melhor panorama. O espaço é visivelmente dividido arquitetonicamente, embora alguns espaços recebam a denominação praça – como, por exemplo, a “Praça dos Arcos”. Utilizar este termo poderia remeter o leitor a um cotidiano bem distinto: alguns bancos, algumas árvores, a catedral, vendedores ambulantes, atos políticos, ou mesmo o vazio, que preenche muitas praças de cidades. Não que esses elementos não estejam presentes na Orla, mas não são apenas estes.

Ao contrário, pensar em cenários caracteriza a noção de cotidiano teatralizado, além de ser pano de fundo para uma das práticas que mais se repetem na Orla: o ato de fotografar. E, ainda, estimular o leitor a pensar na composição plástica que é a Orla, nesta tentativa de *mix* entre a natureza e a arquitetura.

Tem-se como auxiliar as fotos de satélites disponíveis no portal Google Maps, considerando que segundo a Secretaria de Estado da Infra-estrutura, as aerofotos disponíveis na secretaria são de 2000, data do último sobrevôo na cidade. As fotos de satélite foram realizadas entre a construção e a maior reforma que inseriu novos espaços. Assim sendo, as imagens sevem como guias, mas não como demonstrativos da atual paisagem.

Para iniciar uma caminhada pela Orla de Atalaia, tome como início a “Orlinha” (em destaque), embora não seja objeto de análise, pois se considera Orla para fins deste trabalho a área construída na execução do “Projeto Orla”, que se limita exatamente pela orlinha. Como se observa na foto, uma grande área asphaltada, que viria a ser o estacionamento é parte do Projeto Orla.



Figura 81. Início da Praia de Atalaia conhecida como “Orlinha” ou “Hawaizinho”. Fonte: Google Maps. Autor: Desconhecido.

A Orlinha é um espaço que, sem dúvida, revela todas as características de um espaço praiano já urbanizado. As barracas em madeira, sendo a maioria construída sobre a areia, sem calçamento, com mesas e bancos de madeira compondo o cenário praiano. Essa é uma área administrada pela Prefeitura de Aracaju, e não sendo administrada pelo governo estadual, não foi submetida às intervenções do Projeto Oral, motivo pelo qual se diferencia da



arquitetura e forma de organização de outras partes da Orla. Observando a foto, é possível ter a dimensão das mudanças que se estabeleceram no espaço, pois durante as décadas que antecederam o Projeto Orla esta seria a paisagem encontrada por aqueles que visitassem a praia de Atalaia. Contribuindo, assim, à construção do entendimento do espaço Orla como um espaço que retém elementos simbólicos, do que já fora um dia.

Os quiosques, as cadeiras para banho de sol, a areia da praia que não cessa, guiada pelo vento que brota do mar, os trajes de banho durante o dia, seguidos pelos trajes urbanos no cair da tarde e início da noite, são alguns dos muitos outros elementos que compunham a Orla antes da intervenção urbanística.

Como é possível perceber na imagem, um grande estacionamento, já do projeto Orla, divide o início da Orla de Atalaia, para fins deste trabalho.

O primeiro cenário que desponta é uma parte da orla que comumente se entende como área cultural, nele estão o Centro de Cultura e Arte de Sergipe, bares, restaurantes e a Praça de Eventos.

No próximo cenário, alguns passos à frente, compõe-se de bares e restaurantes, entre calçadas e plantas. Surge em uma segunda área o complexo de quadras de tênis, envolvendo este ambiente, há um estacionamento, e ao fundo, o processo de transformação da área que viria a ser a pista de MotoCross. Os equipamentos disponibilizados nesta região estão relacionados a uma prática urbana, são atividades tipicamente desenvolvidas no espaço da cidade.

O cenário dos lagos, uma



**Figura 82. Complexo poliesportivo.** Fonte: Google Maps. Autor: Desconhecido.



**Figura 83. Região dos Lagos.** Fonte: Google Maps. Autor: Desconhecido.

área destinada à contemplação, faz-se da vontade de um Governante em reproduzir, o que seus olhos percebem de belo na cidade de Madri na Espanha.

A reprodução fidedigna foi garantida com a contratação da mesma equipe espanhola que fabricou a de Madri. Apenas um detalhe faria diferença, lá a fonte luminosa ficava entre os lagos. Será que a beleza não se perderia em meio a concretos? Na dúvida, estudos foram feitos e detectado um lençol freático exatamente onde hoje se encontra os lagos. E, obviamente, a fonte luminosa reproduzida, meio à lagos artificiais, garantia o cenário ideal para as fotos dos turistas que passeiam pela Orla.

É neste cenário que está o oceanário, construído em parceria com a Petrobrás, a qual abriga o “Projeto Tamar”. O formato de tartaruga marinha simula os contínuos seguir ao mar das pequenas tartarugas, logo que o ovo eclode. A cabeça direcionada ao mar, o rabo está voltado para a avenida, talvez seja esta a única arquitetura que se volta ao mar.

O próximo cenário comporta alguns restaurantes, que divide espaço com o “Mundo da Criança” – ao centro. Mais uma área que pretende aos usos típicos da cidade.

Este espaço é reservado às crianças, entre estruturas circulares, uma chama a atenção, a menor, no centro. Sendo este um carrossel reproduzido da cidade de Paris, na França. Ao contrário da fonte, a reprodução foi toda feita por artesões do estado. Em viagem institucional, o então Governador do Estado João Alves Filho, avista um carrossel, que não duvida de querê-lo na Orla. Com uma



**Figura 84: Perspectiva aérea do mundo da criança e do Kartódromo. Fonte: Google Maps. Autor: Desconhecido.**

máquina fotográfica em punho não hesitou em fotografar toda a engrenagem e detalhes do carrossel, reproduzido em Aracaju, o qual se encontra em meio ao “Mundo da Criança”.

Posteriormente, encontra-se o kartódromo, que se limita à norte pelo “Bosque das Nações”, segundo a placa informativa, teria sido “plantado em comemoração a Cúpula Mundial da Família +1, realizada em Sergipe no período de 3 a 8 de dezembro de 2005”. No bosque estão dispostas plantas “adaptadas ao clima litoral e resistentes aos fortes ventos da



área”, afirma que “cada espécie foi plantada pelo membro da respectiva delegação dos países e organizações presentes”. E, à sul, o limite é dado pelo columbódromo.

O cenário é finalizado pelo “Espaço sobre as ondas”, um salão de festas, cujos usos se dão a partir da contratação de pessoas físicas ou jurídicas. Segundo o site da empresa “Sobre as Ondas”, apresentam-se como “clientes”, construtoras, shopping, órgãos da Justiça, o governo do estado, a prefeitura municipal, supermercados, fundações, associações, bancos, entre outros.



**Figura 85: Perspectiva aérea da Área de Ginástica. Fonte: Google Maps. Autor: Desconhecido.**

Após o “Espaço sobre as Ondas” chega-se a um estacionamento e então, à Praça de Convivência. Uma estrutura em forma de círculo, que ora com tom cinza lembra um megalítico, como o monumento inglês “Stonehenge”, em outra relembra um espécie de caramanchão circular, abriga o que seria um espaço para a prática de capoeira, cercado por bancos e mesas em madeira.

Passando por um caramanchão, que as plantas não resistem ao clima, como em todos os outros caramanchões da orla, chega-se a um círculo que remonta a um momento cívico ou de premiação esportiva, cercado por muretas e bancos formando um círculo com 4 acessos, há em uma das extremidades do círculo 4 hastes para bandeiras.

Um pouco mais à frente o movimento do calçadão agora se bifurca para dar lugar a um grande círculo, cuja placa anuncia “área de ginástica”. Aqui é possível encontrar uma série de equipamentos que compõe o circuito de ginástica artística, além da típica musculação.

Neste espaço ainda se encontra uma quadra, um campo de futebol society e um prédio, cujo uso é destinado a projetos do Governo Estadual.



**Figura 86: Perspectiva aérea do restaurante e do estacionamento. Fonte: Google Maps. Autor: Desconhecido.**

Um próximo cenário propõe-se a usos diferenciados, agora se chega, na primeira parte, a um restaurante, um quiosque e entre estes um “Monumento à Nacionalidade”.

Na parte de trás há um estacionamento que serve aos usuários da Orla e da Praia, servidos por uma passarela de madeira que os aproximam do mar. Ainda, um caramanchão alinha-se ao estacionamento, com bancos e mesas em cimento, cujos tampos são grafados com um tabuleiro para jogos.

Alguns passos à frente e chega-se a mais um cenário esportivo, agora com três quadras, é o “Complexo esportivo Alberto Menezes” como anuncia a placa. Duas quadras são demarcadas para a prática de Voleibol e de Basquetebol. O espaço atenta a usos que não são típicos da praia, ao contrário o voleibol de praia realiza-se na areia.

Após, dois restaurantes que apresentam uma arquitetura que mistura madeira e concreto, demonstrando a ideia de ser este também um espaço praiano, chega-se a um cenário que é iconográfico, criado para ser síntese da Orla. Quatro grandes arcos compõem o cenário da “Praça dos Arcos”, fontes luminosas aos seus pés abrilhantam e intensifica o azul das paredes dos longos arcos.

Mais um espaço de quadra se



**Figura 88: Perspectiva aérea do Complexo Poliesportivo Alberto Menezes. Fonte: Google Maps. Autor: Desconhecido.**



**Figura 87: Perspectiva aérea da praça dos Arcos. Fonte: Google Maps. Autor: Desconhecido**



**Figura 89: Perspectiva aérea do Complexo Poliesportivo. Fonte: Google Maps. Autor: Desconhecido**



**Figura 90: Perspectiva aérea do Complexo Poliesportivo. Fonte: Google Maps. Autor: Desconhecido**

apresenta, e dá lugar a suas quadras e equipamentos para a prática esportiva, o alargamento da calçada possibilita a disposição de barras e armações que estimulam a realização de movimentos os quais torneiam o corpo e pressupõe melhorar a saúde.

Por fim, o último cenário da Orla é a Passarela do Caranguejo, ao lado próxima a área dispõe de um quiosque, banheiro público, o único de toda extensão, uma pista de patinação e um estacionamento, que serve a outra parte da Orla.

Atravessando a Avenida Santos Dumont, chega-se aos bares e restaurantes que comumente servem a atrativa comida típica da região: o caranguejo. A sequência de bares mantém-se da mesma forma que antes da intervenção, sendo alteradas apenas suas fachadas e coloridos.

Pode-se perceber que a orla propicia um uso variado do espaço, ao ponto em que sugere ser um passo de passagem, guiando os frequentadores à praia, demonstra-se em espaços que sugerem práticas reconhecidamente urbanas, como nos cenários esportivos do basquetebol, ou ainda, no âmbito dos esportes do surf, um esporte praiano.

### 3.1.2 Praças da Orla

Um itinerário típico na Orla da Atalaia é seguir pelas praças, ao pensar que este é um espaço que se encontra nas cidades. Aqui elas se revestem de características próprias que sugerem os caminhos para pensar o problema de pesquisa colocado. As praças serão identificadas tanto pelos espaços que recebem esta descrição, bem como pela apreensão de um espaço que sugere usos similares.

É possível pensar que a “Praça dos Arcos” é principal da Orla de Atalaia. Afinal foi o primeiro espaço da orla a ser inaugurado como



Figura 91: Placa Informativa da Orla de Atalaia.  
Fonte: Acervo pessoal. Autor: Autora



marco de uma nova forma de pensar àquele espaço. É, a partir dela, o qual contém quatro arcos como símbolo, que as publicidades e propagandas voltadas ao turismo começam a divulgar a Orla.

A praça foi projetada para ser um espaço de mobilização, onde o “povo” pudesse reivindicar seus direitos, que, segundo o projetista, seria para a exposição das necessidades coletivas.

A placa descerrada na inauguração anuncia a “Nova Orla de Atalaia”, intitula “Projeto Capital”, tendo como subtítulo “Projeto Orla”. Além do ano de inauguração, 1994, não é possível retirar maiores informações. Esse é o período em que não foi possível o acesso aos projetos.

A área que envolve a praça é uma das mais movimentadas de toda a Orla. O fluxo nos arredores da praça é de pessoas que chegam de outros pontos da cidade através de vários meios de transporte. É possível chegar de carro, de bicicleta, de moto, ou mesmo à pé, mas há a predominância de usuários do transporte público urbano.

Os ônibus, em sua maioria, param no terminal rodoviário “Minervino Fontes” ou “Terminal Zona Sul”, que fica a 500 metros da Orla, cujo caminho de acesso à praia de Atalaia guia os usuários à região dos Arcos e logo são motivados a segui-la. Isto porque geralmente são banhistas que seguem a praia, atrás dos arcos há uma passarela de madeira que facilita o acesso à Praia, o que não é possível em toda extensão da Orla.

Chegando a praça é possível perceber os grandes arcos azuis, que adquirem um simbolismo considerável a análise, envolto por coqueiros transplantados, há ainda bancos e fontes luminosas, que iluminam os arcos no período noturno. As pedras do tipo portuguesa compõem o cenário articulando tons de cinza e branco, dando forma ao piso e diferenciando o calçadão que se estende por toda orla.

A Praça fecha-se em quatro estruturas físicas, que parecem desconexas ao cenário contextual da orla. Delimitada por uma mureta ou guarnição, recoberta de ladrilho azul, com esferas decorativas em amarelo, ambos com sinal de desgastes provocados pela exposição às intempéries, cujo início ou final não correspondem a uma explicação lógica, mas que reforça o sentido de



**Figura 92:** Mureta que delimita a Praça dos Arcos, predominância da cor azul. Fonte: Acervo pessoal. Autor: Autora.

deslocamento da praça.

Seguido por dois prédios em lados opostos, também recobertos por ladrilhos azuis, o prédio ao sul abriga o centro de informações turísticas, gerenciado pela Empresa Sergipana de Turismo (EMSETUR), órgão do Governo do Estado de Sergipe, cuja pretensão é de repassar informações turísticas de Aracaju, concentrando obviamente informações sobre a orla. A maioria dos serviços, legalmente institucionalizados oferecidos na orla marítima é apresentada aos turistas em uma pequena sala, que dispõe de prateleiras com folders contendo informações sobre os serviços de hotelaria, alimentação e locação de carros. Uma atendente busca esclarecer sobre os possíveis percursos a serem seguidos.

Olhando ao norte, vê-se o prédio que abriga um departamento da EMSETUR, que gerencia a Orla juntamente com a Superintendência da Orla (SUPEROMA), cuja placa informativa traz o *slogan*: “Sergipe: Um novo destino. Uma nova emoção”. Tal *slogan* reforça o entendimento da orla enquanto elemento que constitui o cenário turístico de Sergipe.

Esta seria a frente da praça, pois a parte de traz, que tem ao fundo a paisagem natural da praia, delimita-se por duas construções, também em lados opostos e recobertos de ladrilhos azuis, que sugerem ser jarros de plantas, sendo estes em proporção bem maior do que estamos acostumados a ver, os quais comportam, cada um, três coqueiros.

Esta é uma praça que quer marcar o sentido de estar na Orla, os tons de azul insistentes nas estruturas dão este aspecto, por aqui os aracajuanos vão à praia, os turistas tiram as fotos que levarão como recordação da Orla de Atalaia, pouco tem de uma praça da cidade.

Da Praça dos Arcos é possível ver outra, é o “Espaço de convivência cultural”, agora não recebe o nome de praça, mas na descrição o leitor atentarà a isto, vez que o espaço simula exatamente uma praça de outrora, com os seus cidadãos reproduzindo um cotidiano. Agora o espaço proporciona muito mais um sentido urbano.

Os bancos são logo notados, um convite ao uso da orla, dispostos em dois longos semicírculos, alinhados, comportando de forma alternada esculturas e bancos. A Placa de Identificação deste espaço expõe as motivações do gestor público à sua concepção:

O governador João Alves Filho, reconhecendo o grande valor de várias figuras sergipanas que doaram suas vidas e produções culturais ao engrandecimento do estado de Sergipe, resolveu reuni-las neste espaço de convivência culturais, homenageando seus vultos, contando com a criação estética do escultor Otto Dumovich. (Placa de Identificação do Espaço de Convivência)

O tom claro do amarelo dos bancos contrasta com o bronze das estátuas, que sugerem movimentos e o convívio em ruas e praças de cidades. Estes estariam a ler, pintar ou apenas a apreciar o movimento de uma paisagem que não perdura como eles agora imobilizados.

Os monumentos deste espaço buscam ressaltar e atribuir o status de “personalidades sergipanas” a indivíduos que se destacaram pelo exercício profissional ou mesmo aos que se dedicaram a construção do conhecimento. São escritores, jornalistas, poetas, historiadores, desembargadores, médicos, entre outros profissionais.

Entre os indivíduos rememorados pelo projeto “Grandes Personalidades”, coordenado pela professora Agalé Fontes, junto ao Governo do Estado, estão: Manuel José Bonfim, Gilberto Amado, Maurício Graccho Cardoso, Jackson de Figueiredo Martins, Silvio Vasconcelos da Silveira Ramos Romero, João Batista Ribeiro de Andrade Fernandes, Tobias Barreto de Menezes, Gumercindo de Araujo Bessa, José Calasans Brandão da Silva e Horácio Hora.



**Figura 93:** Homem “cumprimenta” o monumento. Fonte: Acervo pessoal. Autor: Autora.

A noção de sergipanidade construída neste espaço pode ser compreendida a partir das placas de identificação de cada monumento, buscando apresentar um pouco da história de cada indivíduo e reforçar a ideia de sergipanidade a partir de um grupo social específico, com requisitos mínimos, como produção intelectual destacada ou mesmo, aparente destaque no âmbito do exercício de uma profissão. Reforçando a ideia que é mais que um local voltado ao turismo de praia, cumpre seu papel informativo o dever cívico. O que já foi função específica das praças, que eram centralidades das cidades e promoviam o debate democrático entre sujeitos é abarcado pela Orla em seu sentido urbano.

A “grande personalidade” que apresenta o espaço é Tobias Barreto de Menezes, cujo monumento foi posto entre os dois semicírculos, sugerindo uma entrada. A personalidade não se furta a cumprimentos nada formais, que lhes são feitos por muitos que por ali trafegam.

Posto no espaço da frente entre os dois semicírculos, a estátua rememora um homem nascido em Campos do Rio Real, cidade que hoje recebe o nome do filho ilustre

Tobias Barreto, em 1839. E, assim, seguem todas as placas de identificação das “personalidades” deste local. Um pouco mais atrás, no centro do círculo, encontra-se Jackson de Figueiredo Martins. Ao fundo, sugerem caminhar despretensiosos num longo diálogo, Manuel José Bonfim e Gilberto Amado. Um pouco atrás, de braços cruzados, encontra-se o estanciano Maurício Graccho Cardoso.

Caminhando mais um pouco pelo semicírculo à norte, encontraremos sentado João Batista Ribeiro de Andrade Fernandes. Ao seu lado, o monumento à Gumerindo de Araújo Bessa, cujos braços repousam sobre os grandes livros, enquanto sugere ser esta uma compenetrada e eterna leitura. De pernas cruzadas e manuscrevendo está o monumento do advogado Silvio Vasconcelos da Silveira Ramos Romero.

Seguindo ao outro semicírculo à sul, depara-se com o monumento ao laranjeirense Horácio Hora, que faleceu em Paris em 1890. Como se postasse de um púlpito está o monumento de José Calasans Brandão da Silva. Os monumentos findam-se em si mesmos, como parece ser a constituição por toda orla, composta de vários espaços, variados sentidos, que se encerram em coqueiros transplantados e bancos de madeira coloridos.

Esta é a reprodução de uma cidade que nunca existiu, tais personalidades nunca teriam reproduzido esta socialização em nenhuma praça de Sergipe, mas postam-se convidativos à comunhão neste círculo que os assimilam como iguais.



**Figura 94: Pessoas fotografam-se entre os monumentos pela nacionalidade. Fonte: Acervo pessoal. Autor: Autora**

Mais uma praça é percebida caminhando-se em sentido oposto, passando pelos Arcos, chega-se ao “Monumento aos Formadores de Nacionalidade”. Esta não simula uma praça, os monumentos estão em pé, o que circunda é a grama, um quiosque, mas se percebe como uma praça, não apenas por fechar-se, delimita-se fisicamente, como outros espaços da orla, mas por reter um uso específico. Tal monumento poderia figurar em frente a um órgão público, como exposição simbólica de um modelo político positivamente construído e estruturado em ideias de liberdade e de democracia, representados por indivíduos que lutaram pela unidade brasileira.

Neste, encontram-se oito esculturas dispostas retilineamente. Inicia-se pelo lado direito como o monumento em referência à Joaquim José da Silva Xavier - Tiradentes, seguido por Duque de Caxias, José Maria da Silva Paranhos Junior - Barão do Rio Branco, Getúlio Vargas, Princesa Isabel, José Bonifácio de Andrada e Silva, Pedro de Alcântara João Carlos Leopoldo Salvador Bibiano Francisco Xavier de Paula Leocádio Miguel Gabriel Rafael Gonzaga - D. Pedro II e finalizando com a escultura de Juscelino Kubitschek. As placas de identificação ressaltam as características atribuídas a cada um destes, que revelam uma narrativa voltada à valorização dos mesmos enquanto formadores da nacionalidade. Esta é uma praça que se apresenta como um cenário fotográfico é possível de ser considerado muito mais um espaço urbano do que praiano, nenhuma aspecto de praia sobressai, apenas pode ser este um espaço que reproduz áreas oficiais como as sedes de Governos Estaduais.

As crianças também têm suas praças. Ao longo da orla é possível encontrar praças com parques infantis em colorido intenso, balanços, escorregos, gangorras, entre outros brinquedos, que são circundados por uma mureta revelando um trem em formas geométricas - contemplado o triângulo, o quadrado e a bola, todos multicoloridos. Grandes “pirulitos” formam um portal que dá acesso aos brinquedos.

Mas, uma praça infantil destaca-se das outras, é o “Mundo da Criança”. A área compreende a primeira parte da Orla, o visitante consegue ter sua visão aos primeiros olhares, mas ela adentra quase toda a dimensão do espaço.

Os brinquedos estão dispostos e separados por características, de um lado, brinquedos eletrônicos - carros e motos elétricas, circundados por grama e bancos coloridos. Do outro, brinquedos elétricos como cavalo, carrinho, que giram levemente por horas, com crianças que pagam pelo acesso. Ambos são gerenciados pela Associação dos Proprietários de Brinquedos da Orla (APBO). Há ainda os brinquedos de livre acesso, a gangorra e o balanço também estão aqui.



**Figura 95: Portal do Mundo da Criança. Fonte: Acervo pessoal. Autor: Autora**

Este é um espaço que não permite deixar de ter o sentido de estar na praia, nem mesmo de um uso cotidiano da cidade, mas de uma relação esporádica com o parque infantil que visita a cidade. Desse lugar não é possível ver a praia, contudo o grande muro ao fundo



em tons de azul e verde não nos deixa esquecê-la, muito menos o balanço das palhas dos coqueiros.

O “complexo de lagos”, seguindo a alguns passos do Mundo da Criança, também é visto neste trabalho como uma praça, que retém muitos elementos do sentido de estar nas praças da cidade. Aqui as pessoas passam horas contemplando o lago, agora é possível ver o mar, sentados nas gramas transplantadas, sentindo a brisa do mar e contemplando a natureza. Natureza essa que se diferencia de outros cenários entre o lago, o mar e a areia estão os patos, os gansos e os peixes que se aproximam quando as crianças jogam alimentos no lago.

Como todo espaço da Orla este também proporciona o consumo, é a vez de o pedalinho possibilitar a calma de um passeio no lado, como se não tivesse uma avenida barulhenta ao seu lado.

Essa praça surge para contemplar o desejo do administrador em reproduzir uma fonte luminosa vista na Espanha em viagem oficial. Para tanto foi contratada a empresa espanhola que desenvolveu tal fonte, restando apenas um problema, a fonte ficava dentro de um lago. Para que pudesse a fonte aqui ser reproduzida com tamanha “beleza”, iniciou-se o processo de estudo do solo da área em busca de um lençol freático, o que possibilitou a existência dos lagos e posterior colocação da fonte, que hoje não mais funciona.

Entre os lagos está o Oceanário, o primeiro do norte/nordeste, construído em parceria financeira com a Fundação Banco do Brasil – no qual se justifica um posto eletrônico do Banco do Brasil do lado de fora do oceanário e recursos da Petrobrás e do governo do Estado. Próximo ao posto eletrônico encontra-se ainda a lojinha do projeto Tamar.

O Oceanário, inaugurado em 2004, que segundo o então governador, Albano Franco, em matéria publicada no site “infonet”: “orgulha todos nós sergipanos”. Afirmava ainda que a proposta, como as demais edificações da orla marítima, seria aumentar o fluxo turístico, além de possibilitar aos visitantes um maior aprendizado da vida marinha da costa sergipana. Em formato de tartaruga, a edificação aponta para o mar, sugerindo o eterno seguir para o mar das tartarugas que eclodem de ovos depositados na área da praia.

O último espaço percebido como praça é o monumento à Inácio Barbosa. Rodeado por



**Figura 96: Monumento a Inácio Barbosa. Fonte: Acervo pessoal. Autor: Autora**

grama e coqueiros, a visibilidade do mar é possível deste local. O monumento é “contemplado” por três estátuas, que caracterizariam os fundadores de Sergipe. Sendo eles, um homem português, uma mulher negra e uma mulher índia. Iniciando pela disposição das esculturas observa-se que o homem, o português, está mais próximo da escultura, seguido da negra e por último da índia.

Curiosamente, o único homem é o português, talvez expressando exatamente a ideia de desbravador e forte dos que aqui desenvolveram a cidade. A escultura da mulher negra remete a ideia de vestimentas contemporâneas, estilizadas em um vestido curto, alças, bolsa de palha e sandálias ao tempo em que pressupõe uma homenagem, reforça estigmas como o da sensualidade da mulher negra, com um vestido delineando as curvas do corpo, de alcinhas e curto.

A índia é ainda mais estilizada do que os outros, pois consegue agregar indumentárias modernas, apesar de estar com os seios amostra, ela usa um pano na cintura que parece uma saia e um colar, que mais parece ser de linha, do que de sementes. Além de usar uma sandália do tipo chinelo. A índia não direciona seu olhar ao que seria a cabeça do monumento à Inácio, como os outros a direcionam; está sentada, enquanto o português e a negra estão em pé.

Um passeio pelas Praças da Orla permite compreender um pouco da diversidade deste cenário, através da exposição dos mesmos é possível perceber o entrecruzamento de práticas urbanas que são alocadas em toda dimensão da orla. . Observa-se que mesmo na tentativa de encaixe na denominação praça, fica perceptível que cada retém particularidades que expõem sentidos próprios. Tem a praça da cidade, a praça da lagoa, a praça do parquinho, a praça pra tirar foto, a praça pra contemplar o mar são variados os sentidos que só são possíveis em uma orla urbanizada.

### **3.1.3 Serviços na Orla**

Um estacionamento abre as portas da orla marítima para o visitante, ao longo da Avenida Santos Dumont, em alguns pontos, o calçadão estreita-se para abrigar estacionamentos. Eles estão espalhados por toda a Orla de Atalaia, este é um serviço gratuito, oferecido ao visitante, com apenas uma restrição, não é permitido o estacionamento de

caminhões nos estacionamentos entre o calçadão e a avenida, apenas nos que estão entre o calçadão e a ciclovia. Entre os serviços gratuitos só é possível este – o estacionamento, isto do ponto de vista institucional, pois as práticas revelam que há uma cobrança, não compulsória, mas que vezes acabam sendo obrigatória. Os “flanelinhas”, mesmo que negados pela estrutura física e pelos usuários, inscrevem-se na paisagem como um contra-usuário, demarcando seus espaços e instituindo suas próprias taxas – Lavar o carro custa 7,00 R\$, “olhar” o carro, quanto o cliente der serve, “vai da consciência de cada um”.

Segue-se agora ao itinerário dos Restaurantes e Bares, assim como as praças estão localizadas na parte da Orla que possibilita ser a primeira visão do espaço. Pensar num itinerário de serviços permite apresentar elementos que denotam a ambiguidade do espaço, tanto na arquitetura, que será descrito agora, como nos usos desses espaços, que serão descritos no próximo item.

A Passarela do Caranguejo, embora esteja separada da praia pela Avenida consegue reter ainda mais o sentido praiano do que outros restaurantes que estão à beira da areia da praia.

Uma placa localizada no canteiro anuncia a “Passarela do Caranguejo”, localizada do lado oposto ao calçadão, um dos poucos lugares que insistiu em manter seus usos, dos anteriores pequenos bares, que comercializavam o caranguejo cozido em água e sal, como seu principal atrativo culinário, há bares padronizados que ainda oferecem o mesmo produto.



**Figura 97: Bar na Passarela do Caranguejo. Fonte: Acervo pessoal. Autor: Autora**

A Passarela do Caranguejo é uma sequência de bares, cujo caranguejo é comercializado acompanhado de uma pequena porção de vinagrete<sup>24</sup>. Os Bares têm uma estrutura que remete à praia, a madeira é a principal sustentação e ornamentação, a maioria dispõe de cadeiras e bancos de madeira, com exceção dos expõe uma decoração temática remetendo ao simbolismo do sertão, ou tentando simular ambiente da culinária internacional.

Embora os aracajuanos considerem como passarela do caranguejo a sequência de bares, a placa de inauguração localizada no calçadão da orla, denomina toda essa região como

<sup>24</sup> Salada preparada com tomate, cebola e coentro cortados em cubo, embebidos em água com vinagre e sal.

Passarela do Caranguejo. Os Bares estiveram no projeto, mas não mudaram sua arquitetura ao ponto de perderem o sentido de estar na praia. Ao anunciar a “Urbanização da aérea da Passarela do Caranguejo”, ou seja, o parquinho colorido que se avista, juntamente com a pista de patinação “Larissa Barata”<sup>25</sup>, o quiosque para a comercialização de água de coco, o banheiro público e o calçadão que levam ao caramanchão, além dos coqueiros transplantados que circunda cada equipamento, são compreendidos com a Passarela do Caranguejo.



**Figura 98: Placa anuncia a entrega da reforma da Passarela dos Caranguejos. Fonte: Acervo pessoal. Autor: Autora**

Vários quiosques estão distribuídos pela Orla, a maioria comercializa água de coco, vendem também picolé e sorvete de marcas nacionais, além de lanches rápidos em mesas espalhadas ao seu redor.

Seguindo pela Praça dos Arcos chega-se a um Bar-restaurante, sua estrutura é em madeira e recoberto por palha, o que remete à ambientes praianos, dele não é possível ver o mar, volta-se para a avenida. O restaurante tem serviço *a La carte* e expõe a culinária tipicamente praiana, frutos do mar parecem ser os principais pratos, mas também é possível comer feijoada, massas e frituras, como pastéis.

Outro restaurante apresenta-se e desta vez sem alguma característica praiana, embora a madeira seja um dos materiais utilizados, no entanto segue o modelo dos grandes centros.

Alguns outros bares seguem essa mesma estrutura, uma está em reforma, como sempre se apresentou a Orla, em alguns momentos algo novo surge, em outros, algo existente é reformado. À

frente chega-se a um restaurante especializado em massas, que por sua vez chama atenção dos olhares mais curiosos ao dispor de um *deck* cuja contemplação dos usuários não passará da avenida e dos transeuntes, pois está voltado à avenida e não ao mar.



**Figura 99: Restaurante de massas. Fonte: Acervo pessoal. Autor: Autora**

<sup>25</sup> Ginasta sergipana, membro da equipe brasileira de ginástica rítmica, homenageada em vida.

Nenhum elemento desta estrutura lembra a composição praia, ao contrário, é uma estrutura física típica de grandes centros urbanos. Nesta vê-se não a palha, nem paredes com grandes aberturas, agora é a vez do vidro, que fecha toda a estrutura.

Corroborando com o mesmo sentido urbano está o “Espaço Sobre as Ondas”. Um salão de festas que deve ser alugado para o uso. A imponência do prédio, que é utilizado esporadicamente, não condiz com nenhum sentido praiano em sua arquitetura, aqui emerge o que Sharon Zukin chamou de arquitetura de poder, que contrasta não necessariamente com o vernacular, mas com uma ideia simbólica do vernacular enquanto praia que se desenvolvem meio a estas estruturas.

Sentidos estes que estão expostos diretamente nas arquiteturas de outros espaços, como a do próximo restaurante, um pouco mais à frente traz a palha novamente e a madeira para recompor o sentido de estar na praia. Os coqueiros em volta e o ambiente aberto do bar faz ouvir o som do mar e sentir o vento que balança as palhas dos coqueiros, diferentemente dos restaurantes que se fecham para climatizar o ambiente e criam o seu próprio ritmo.

O centro de Artesanato de J. Inácio apresenta-se hibridamente, não é possível pensar um sentido que comporta exclusivamente o urbano ou o praiano. À primeira vista os coqueiros remetem a praia, mas sua estrutura o retira, não o colocando necessariamente na cidade. Talvez o espaço condense em si o sentido ambíguo que sobressai à noção de turismo, se é possível assim dizer, este é um espaço para o turista, que reserva características diferentes das duas realidades práticas que a envolve ao tempo em que às contempla como uma caracterização do que se é “atrativo” ao turista.



**Figura 100: Restaurante em estrutura praiana.** Fonte: Acervo pessoal. Autor: Autora



**Figura 101: Centro de Artesanato.** Fonte: Acervo pessoal. Autor: Autora



Corroborar este entendimento quando a comercialização dá-se pelo artesanato típico sergipano, cooperativas e artesões autônomos vendem seus produtos em lojas dentro do centro de artesanato, que são estendidas em barracas do lado de fora do Centro de Artesanato.

Na parte de trás do centro é a vez dos alimentos típicos. Na Feira de Artesanato e Alimentos Típicos (Aratip), cujas barracas são feitas de fibra e com cobertura de lona, há a comercialização de produtos ditos típicos sergipanos, não se diferenciam da comida nordestina. O beiju, a macaxeira, a carne do sol, entre outros são comercializados, sem que não se possa dizer, a partir de uma própria “espetacularização” desses pratos, a macaxeira não é apenas cozida e servida com carne do sol, mas vai ao forno e recebe queijo *catupiry*.

E finalizando esta caminhada por entre as arquiteturas que possibilitam perceber o mix de sentidos expostos nelas mesmas, chega-se ao último restaurante, o qual antecede a Orlinha. Aqui a praia foi esquecida, a especialidade de serviço - “cucina italiana”, dão o tom das cores e os limites do traçado arquitetônico. Nenhuma palha, apenas cimento e pedra, os poucos coqueiros em torno são inibidos pelos arranjos de flores da calçada. Aqui não é possível perceber a praia, apenas o urbano em gramas e calçadas.



**Figura 102: Restaurante de Massas. Fonte: Acervo pessoal. Autor: Autora**

Um caminhar pelos serviços da Orla permite compreender como o urbano se insere numa lógica de consumo à beira mar, em que retém e reforça o sentido de estar na praia, em outras a esquece por completo e ainda cria arquiteturas que não se encaixam em nenhum dos dois sentidos, mas se hibridiza condensando a diversidade. Os passos por essas arquiteturas, ao tempo que remete ao problema proposto, revelam que a área é urbanizada, não deixando dúvida, como assinala Loius Wirth, aqui é a extensão do urbano, que está sempre prolongando seus limites, se assim não fosse, estaria forçando um tautologismo, querendo estabelecer categorização ao que a teoria urbana já estabeleceu há muito tempo. Contudo, não é possível aceitar, com base no exposto, que um processo de urbanização carrega consigo o sentido da cidade: toda cidade é urbanizada, mas nem toda urbanização reproduz os usos da cidade.

É com base neste entendimento que o próximo capítulo se orienta, considerando a arquitetura que já se mostra um mix entre os sentidos praianos e urbanos, adentra-se nos

limites das espacialidades estabelecidas na orla com o intuito de verificar exatamente que tipo de uso essa urbanização mix comporta e o quanto isso pode inviabilizar o sentido público da vida urbana.

### **3.1.4 Praticar esporte? Na Orla.**

Quando se pergunta a um aracajuano sobre o melhor lugar para a prática de esporte, a resposta logo aponta a Orla de Atalaia, explicada pelos moradores da cidade como sendo um espaço que comporta variados equipamentos. O espaço consegue congrega a prática de variados seguimentos esportivo, como esportes passivos, ativos e competitivos. É nesta categorização que o leitor deve seguir o itinerário de esporte na Orla.

Atem-se inicialmente aos espaços destinados aos esportes passivos e competitivos, que parece fugir à noção de lazer, mas que estão neste espaço exatamente porque são estímulos ao turismo. As áreas reservadas a estas práticas estão geralmente beirando a areia, em uma terceira dimensão da orla. Não são percebidos no primeiro olhar sobre a mesma.

Categoriza-se como esporte passivo, a prática da “corrida de pombos”, que tem um espaço específico na orla. Denominado de “Gp do brasileiro e internacional de Pombos de corrida”, o columbódromo está frequentemente fechado, gerenciado pelo Clube Sergipano de Pombo-Correio, sua utilização ocorre quando há corridas de pombos. A última aconteceu em maio de 2010, contou com a presença de participantes de vários estados brasileiros, além de criadores de Portugal e da Argentina. Segundo o organizador do evento, Francisco Argolo, “...sempre mobiliza o fluxo turístico da cidade”<sup>26</sup>. Construído em 2005, e inaugurado em 2006, o pombal, como também é chamado, foi construindo em parceria do Governo do Estado com a Associação, além do Governo ceder o espaço.

A construção de um espaço como este reforça o sentido turístico da Orla, enquanto provedor da movimentação de turistas no estado. O desenvolvimento de uma atividade columbófila requer certa logística. Na última corrida, a largada foi no estado da Paraíba no município de Mamanguape, as atividades incluem os treinos, que antecedem a

---

<sup>26</sup> Entrevista concedida ao jornal cidade, disponível em [jornaldacidade.net](http://jornaldacidade.net).

largada, são iniciadas por bairros, passando por municípios sergipanos como São Cristóvão e Laranjeiras, chegando ao estado de Alagoas.

Além de conhecerem o estado por força dos treinos, como consta na programação do evento, disponível no site “columbofiliabrasileira”, estão incluídos dois *city tour*: visita ao parque dos Falcões e “a pombais, praias, mercados, shoppings e teleférico”.

O columbódromo passa despercebido aos olhares menos atentos, primeiro porque está localizado atrás da delegacia, entre uma área, ainda vazia e o kartódromo. Segundo porque o barulho dos motores e a movimentação do kartódromo acabam sendo mais atraentes do que a monotonia do columbódromo.

O Kartódromo entra na categorização da modalidade competitiva, Denominado de “kartódromo Emerson Fittipaldi”, considera-se aqui mais justa homenagem ao piloto brasileiro, como salienta o então governador do Estado, João Alves, em entrevista ao portal Infonet: “É uma homenagem justa a quem foi o precursor de uma linhagem de grandes pilotos brasileiros e tornou popular no Brasil o automobilismo esportivo, servindo de exemplo de profissionalismo para as novas gerações”.

Foi inaugurado em 2005, tem a administração do kartódromo sob a competência da “Associação Sergipana de Kart” (ASK). A estruturação física do kartódromo segue a composição do seu memorial descritivo, cujas edificações foram desenvolvidas pelo arquiteto Eduardo Carlomagno e por membros técnicos da ASK. No espaço é possível encontrar:

- Arquibancada para 900 pessoas;
- Lanchonete / Sanitários;
- Secretaria / Apoio;
- Parque fechado;
- Cronometragem / imprensa;
- Box aberto;
- Box fechado, e;
- Guarita.

A obra justifica-se pelo memorial descritivo na qual consta a “substituição ao Kartódromo existente na Av. Maranhão, que deverá ser desativado, com o objetivo principal de dar ao novo empreendimento, condições de participação no cenário nacional do respectivo esporte”. Por outro lado, o Relatório de Impacto Ambiental do Kartódromo, preocupa-se com a



produção de ruídos, ao afirmar: “As medidas mitigadoras a serem propostas nesse empreendimento serão capazes de reduzir o ruído gerado pelos Karts em competição, sem prejudicar o esperado conforto dos turistas”.

Seguindo na mesma linha de construção do Kartódromo, passando por um caramanchão, desviando dos lagos, chega-se a outro espaço voltado à competição: o circuito de MotoCross Luiz Alberto Aragão Lobão – Jurinha Lobão, homenagem ao tenista sergipano falecido em 2007.



**Figura 103: Pista de Motocross. Fonte: Acervo pessoal. Autor: Autora**

A pista foi inaugurada em 2010, com investimento de R\$200 mil reais, segundo portal do Governo do Estado, a pista tem 900 metros de extensão, já era considerada, antes mesmo da inauguração, como a melhor do Norte e Nordeste, como também disputava entre as melhores do Brasil, mas isso ainda é pouco quando é colocada diante da “única com localização privilegiada, à beira mar”. Agora o discurso centra-se na promoção do esporte contrário às drogas, colocando em segundo plano a importância turística da pista. Contudo, na prática, só é possível verificar os usos para competição de treinamento à Grande Prêmio - GP.

No âmbito ainda de competições, saindo do Circuito de Motocross, guiando-se pela calçada, já na primeira dimensão da orla, seguindo por bares e restaurantes, chega-se a um complexo de quadras, que, entre tantas outras, destaca-se pela identificação: “Complexo de Quadra de Tênis” voltado à prática competitiva. Inaugurado em 2006, o complexo foi publicamente repassado, em regime de comodato, durante 20 anos, a Federação Sergipana de Tênis (FST). É considerado o maior complexo público para prática de tênis do país, segundo o então presidente da FST, afirmando que antes a cidade só dispunha de apenas 2 quadras saibro, que estavam localizadas na Associação Atlética de Sergipe.



**Figura 104: Quadras de Tênis. Fonte: Acervo pessoal. Autor: Autora**

O complexo insere Sergipe no campeonato nordestino de tênis – Circuito Rota do Sol, promovido pela Confederação Brasileira de Tênis, juntamente com os estados do Rio Grande do Norte, Ceará, Paraíba e Alagoas.

Os espaços por ora apresentados demonstram a promoção turística do espaço Orla, além de delimitar as práticas e revelar uma rotina própria, embora sejam essas obras denominadamente públicas, os usos estão submetidos às filiações em associações. Além da necessidade de ter o equipamento, no caso da pista de MotoCross, ou ter que pagar uma taxa, em específico kartódromo: em que R\$ 10,00 reais possibilitam 5 minutos, ou R\$20,00 por 12 minutos, preço promocional.

Os esportes entendidos como ativos, por diferenciar-se dos colocados anteriormente, dispõem de uma série de equipamentos favoráveis às práticas, voltadas ao lazer. Estes esportes serão descritos no item sobre os usos deste espaço para a compreensão das sociabilidades da Orla de Atalaia.

Estes equipamentos estão dispostos em sua maioria na primeira parte da Orla, ao primeiro olhar é possível percebê-los. Os passos agora podem seguir lineares; caminhando pela Passarela do Caranguejo, percebe-se a pista de patinação “Larissa Barata”<sup>27</sup>.



**Figura 105: Placa Informativa da Pista de Patinação Larissa Barata (ao fundo). Fonte: Acervo pessoal. Autor: Autora**

O espaço é amplo e sem cobertura, nos períodos de maior intensidade do sol não há movimentação, apenas neste espaço como também em outros equipamentos esportivos. A área em formato de círculo, rodeada por armações de ferro, apenas demarca um espaço, em piso liso, para a prática da patinação.

Seguindo em direção à Praça dos Arcos da Orla, chega-se ao complexo poliesportivo, é possível praticar esporte apreciando o mar. Os tons de verde das muretas e grades das quadras misturam-se ao verde em fibra da base de dois quiosques pra venda de coco e do cinza de suas coberturas em palha. Estruturas outras em ferro e cimento, possibilitam fazer supino, abdominal, rosca, *peck deck*, barra, entre outros favorecidos pelos equipamentos dispostos pela calçada.

<sup>27</sup> Ginasta sergipana, membro da equipe brasileira de ginástica rítmica, homenageada em vida.

Seguindo pelo calçadão, passando pela praça dos arcos chega-se ao complexo. Passando este primeiro bar, chegamos a mais um complexo poliesportivo, cuja pala de apresentação o denomina como “Complexo Poli-esportivo Alberto Menezes [...] ano 2004”. As quadras são circundadas por paisagismo e por bancos que se articulam, ora voltado à quadra, ora voltado à avenida.

Duas quadras contemplam a prática do basquete, a demarcação do piso e as sextas, anunciam o uso que pretende o poder público.

O concreto e o ferro, rodeados por grama e coqueiro tentam não afrontar a natureza, persistindo na caracterização do ambiente praia, embora seja esta uma arquitetura tipicamente urbana.

Mais à frente, seguindo o estacionamento, bares e restaurantes, chega-se, agora na segunda parte da Orla, a um prédio branco, cuja placa informa: Projeto “Buscando o Sonho”, este, segundo informações do site da secretaria de Estado do Esporte e Lazer, é um dos pilares do programa “Sou Parceiro” desenvolvido pelo Governo Estadual em parceria com a Faculdade Pio X. O prédio é cercado, em três níveis, por grama, calçadas e por duas quadras.



**Figura 106: Complexo Poliesportivo. Fonte: Acervo pessoal. Autor: Autora**



**Figura 107: Prédio do Programa “Sou Parceiro”. Fonte: Acervo pessoal. Autor: Autora**

Este é um dos pontos da Orla que impossibilita a visão da praia, a caixa em cimento elimina qualquer possibilidade de ver o mar, conquanto, a quadra e o campo não perdem a visibilidade da praia, bem como os coqueiros que os circundam.

Após este espaço, seguindo pelo columbódromo, o kartódromo, passando pelos lagos e pela pista de MotoCross, chega-se ao complexo de esportes radicais. Segundo o portal infonet este espaço é o maior destinado a esta modalidade no país<sup>28</sup>. O circuito de esportes radicais é formado por 14 rampas, uma pista de skate, que se insere na categoria internacional por comportar 27 obstáculos e uma parede de escalada com três lados.

<sup>28</sup> Matéria publicada em 10/09/2004

Este espaço foi projetado, segundo informações do então Governador e do Projetista, em parceria com jovens praticantes de skate da cidade, os quais apontaram como deveria ser o circuito, bem como os tipos de obstáculos e, ainda, teriam participado da fase de conclusão, testando os equipamentos: o *half pipe* teria sido feito algumas vezes até atingir a angulação correta.

Todos os equipamentos são destinados à prática das categorias Vertical e *street*, isolado por telas. Há na área estruturas que simulam obstáculos que podem ser encontrados nas cidades, como monumentos, bancos, corrimões, muretas, escadas, rampas de entrada de garagem, palcos, barrancos e paredes com inclinação entre 30° e 80°, voltados ao estilo street. Além do *half-pipes*<sup>29</sup>, *bowls*<sup>30</sup> e *coping*<sup>31</sup> e paredes em curva e vertical - 90°, dando nome à modalidade. A área ainda abriga uma parede de escalada, deteriorada pelo tempo, mas ainda sustenta algumas “pedras” de apoio, necessárias a escalada.

Além do Calçadão que proporciona a “caminhada” esportiva e a pista de ciclismo, que recebe pessoas e praticantes dos esportes, apenas “passeiam” contemplando a natureza, ou substituem a caminhada pelas pedaladas para a saúde do corpo.

Todos esses equipamentos tornam-se um complexo sem igual na cidade, a quantidade de equipamentos atrai moradores de todos os bairros de Aracaju, que justificam entre outras coisas a iluminação favorável à prática de esporte no período noturno, evitando os raios solares do dia.

Assim como no tópico anterior é possível pensar a Orla enquanto proponente de práticas que divergem em sentidos, os esportes são urbanos e são praianos. Enquanto o kart precisa de asfalto o surf precisa da praia. A caminhada, os alongamentos, as abdominais, entre outras atividades que precisam apenas da disposição, saúde e determinação de quem o faz, apresenta-se como esse *mix* que tanto podem ser realizados na cidade, como na praia, e a orla surge como um “luxo” que possibilita a caminhada no calçadão com a brisa do mar. Além dos variados equipamentos de musculação os quais favorecem o uso do espaço para estas práticas, que hoje são reproduzidas em acadêmicas fechadas e climatizadas.

O caminhar anunciativo que fala Michel de Certeau (1994) reporta-se ao esporte enquanto prática da saúde que se espalha pela cidade, mas que tem espaço na Orla bem como dos esportes da praia. Nos usos percebe-se a dinâmica da Orla enquanto um só espaço,

<sup>29</sup> Espécie de meio tubo em formato de U

<sup>30</sup> Espécie de bacia

<sup>31</sup> cano de ferro, que simula um rolimã

buscando entender como ele condensa toda essa dinâmica em seus usos delimitando lugares e estabelecendo disputas simbólicas.

### **3.2 A tarde na onda dos usos: movimentos na orla de atalaia**

O sol não se posta mais ao centro, segue a oeste, mas o calor intenso ainda paira pela Orla Marítima de Aracaju. Os raios solares também influenciam nos usos, que às vezes sua força providencia o vazio, em outras, o teto, à sombra e o sentido atribuído à determinados espaços proporcionam uma dinâmica que sugere o movimento das ondas.

O mar, que comporta o movimento denominado onda, é compreendido por Gilles Deleuze e Félix Guattari como “um espaço liso por excelência” (1997, p. 163), que é ocupado pelas “intensidades, os ventos e ruídos, as forças e as qualidades táteis e sonoras” (Id, p. 163). As ondas, partindo dessas características, anulam-se invariavelmente em sentidos opostos em determinados pontos, das vezes que não se pode enumerar, alinhar, ou simplesmente, identificar.

Segundo os autores, o espaço liso “dispõe sempre de uma potência de desterritorialização superior ao estriado” (Id, p.164). Sendo possível o desdobramento variável de usos e sentidos. Contudo, o movimento das ondas de que se fala, estabelecem-se num espaço estriado, pois “fecha-se uma superfície, a ser ‘repartida’ segundo intervalos determinados, conforme cortes assinalados” (Id, p.165), contrapondo-se ao espaço liso, que “‘distribui-se’ num espaço aberto, conforme frequência e ao longo dos percursos” (Id, p. 165).

Partir desta reflexão apresentada por Deleuze e Guattari (1997), permite ter um olhar mais flexível ao tempo em que se alinha às falas que ecoam dos usos da orla a uma dissociação linear. Percebê-la como dissonante, fluída e até mesmo caótica, levaria a uma compreensão unilateral que minoraria um espaço público ao reles sentido da diversidade.

Assim, compreende-se a Orla da Atalaia a partir dos seus usos como um “espaço público interstício” (LEITE, 2009), por vezes torna-se possível compreender limites de usos similares ou de usos individuais, e que em outros momentos não se torna possível tal compreensão, como uma onda anulada impreterivelmente em um ponto qualquer. Quando Deleuze e Guattari afirmam a impossibilidade de atribuir a um espaço as categorizações “liso”

ou “estriado”, possibilita o campo necessário de compreensão de movimentos de uso, embora configurado em intervalos determinados, ressoam as frequências de um espaço aberto.

Pretende-se por ora apresentar os usos estabelecidos no que compreende para fins deste trabalho em cenários, em suas temporalidades, em espaços temporais configurando em lugares. Buscando entender a “relação entre posições diferenciadas [...] ‘contratos’ pragmáticos sob a forma de movimento” (DE CERTEAU, 1994, p. 177), pretende-se analisar as sociabilidades no sentido simmeliano das relações espaciais, e posteriormente construir um entendimento acerca de zonas litorâneas enobrecidas, que abarca toda complexidade do sentido simbólico da praia e do sentido estrutural da cidade.

À tarde na Orla de Atalaia, ou melhor, as tardes de sábado na Orla de Atalaia, representam a maior aglomeração pública da cidade de Aracaju, posto que não apenas por isto, mas por circunstâncias outras que serão revelada nas próximas linhas, é que centro a análise está neste horário de intenso fluxo, cujas diversidades se entrecruzam, como assinala Antonio Arantes (1997).

A Orla configura-se em variadas temporalidades de usos, não é possível falar em uma Orla, fala-se dessa Orla, sugere por ora ser a temporalidade que agrega todas as possibilidades de usos e de contra-usos desse espaço, em nenhum outro momento há tantos usos quanto na diversidade do sábado à tarde.

Entre tantas, é possível falar em quatro temporalidades gerais: os usos estabelecidos aos domingos; os da segunda, terças e quartas; os das quintas e sextas; e os dos sábados.

Aos domingos os usos são intensificados pelos banhistas, os caminhantes também estão lá, os contempladores da natureza também, os usuários dos restaurantes não faltam, mas é o momento em que a Orla mais expõe seu sentido praiano. À recorrência de banhistas na Orla faz cumprir sua função de “lugar de passagem” (ARANTES, 1997), muitos permanecem pouco na Orla, outros seguem aos usos dos bares e restaurantes, ou vão aos lagos ou a tantos outros lugares. A noite começa e paira lenta sobre a orla, mas alguns bares ainda persistem, agora o corpo não é apenas mostrado, é também comercializado, prostitutas começam a surgir em seu entorno, não tão expostas na orla, mas do outro lado da rua: “lá pode”<sup>32</sup>, afirma um

---

<sup>32</sup> A afirmação não necessariamente afirma que lá pode, mas que aqui não pode, e lá não se preocupa muito. Mas muitas vezes são retiradas de todos os espaços de visibilidade e colocadas em ruas escuras do bairro Atalaia.

policial, de acordo com as regras impostas pelo poder público, que fogem às normas legais, para que a orla pareça “limpa”.

Nos primeiros dias da semana, diferentemente dos domingos, guardam um calmaria de uma cidade que pulsa em suas atividades sócio-econômicas. O cotidiano da cidade pautado pelo trabalho, pelas obrigações de estudo e de consumo, deixam de lado o momento de lazer, tornando a Orla um espaço que, predominantemente, alonga essas obrigações. Embora encontre o banhista, o surfista, o contemplador, predomina agora o uso do calçadão, as pessoas seguem as obrigações de cuidado com o corpo, caminhando freneticamente entre os extremos da orla, em busca de saúde e melhor condicionamento físico. Em alguns momentos, principalmente de sol a pino, estabelece um vazio na orla, os usos resumem-se em movimentos perpendiculares, daqueles que não caminham paralelamente, mas se entrecruzam perpendicularmente em direção aos bares, fazendo das calçadas apenas um lugar de passagem, que paralelamente têm um sentido próprio: a do caminhar, outros usos incomodam, o rapaz que passa de bicicleta logo é questionado por senhores que caminham, o porquê de não estar na ciclovia.

As quintas e sextas o movimento torna-se mais ativo, os restaurantes intensificam os serviços, são dias de “almoçar na orla”<sup>33</sup>. As roupas e as bolsas denunciam o trajeto do trabalho aos restaurantes da orla, os turistas seguem dos hotéis, e os banhistas surgem timidamente meio às passarelas de madeiras e poucos seguem aos restaurantes. Os caminhantes continuam, avivam no período da tarde e a noite é a vez dos bares terem seus movimentos intensificados. No Deck do restaurante de massas não há espaço, as barracas de comidas típicas começam a servir beiju, macaxeira ao forno e espetinhos de carne, a passarela do caranguejo oferece som ao vivo, o batuque dos martelos de madeira quebrando os caranguejos é ativa, na barraca do holandês que vende comida turca é preciso esperar uma mesa vagar e a pastelaria não para com a entrada e saída de consumidores, muitos dos quais seguem a uma breve caminhada na calçada para “sentir a brisa do mar”<sup>34</sup>.

Todos os usos aqui expostos são revelados com maior compreensão nas próximas descrições, que percebe no sábado à tarde a intensificação desses usos, fazendo observar em que medida esses usos subvertem o sentido de estar na cidade, bem como sua ressonância no sentido público da Orla de Atalaia.

<sup>33</sup> Em declarações e observações foi possível compreender que grupos de colegas de trabalho reúnem-se para almoçar, preferencialmente, nesses dias na orla, prioritariamente às sextas, que entre alguns afirmam não voltar mais ao trabalho.

<sup>34</sup> Afirmação feita por um casal de jovens ao caminhar na calçada no período noturno.

Agora há uma mobilidade, o esportista não está fixo com o espaço que propicia sua prática, o restaurante não recebe seus consumidores e os devolvem pra cidade, estão transitando entre espaços distintos. Não é possível mais a setorização fragmentada apresentada nos passos pela arquitetura Orla, agora se observa os passos que se entrecruzam por entre sentidos, expondo as diversidades e reclamam seus “lugares”, seja apenas no sentido tático, do qual fala Certeau, ou contra-usando o espaço, que fala Leite. Os limites entre esses lugares permitem pensar a Orla para além do espaço praticado, compreendendo o seu sentido público.

Agora não é mais possível seguir os cenários, diluídos pelos passos dos caminhantes que se entrecruzam, formando “lugares” e estabelecendo “táticas”, “usos” e “contra-usos”. Para início de uma descrição sobre os usos na Orla de Atalaia estabelece-se a antítese corpo seminu e corpo totalmente coberto, considerando que o primeiro remonta o sentido de estar na praia, enquanto o segundo o sentido de estar na cidade. A antítese dilui-se na medida em que os corpos têm suas indumentárias variando entre esses extremos, o corpo seminu do biquíni deixa de assim estar quando recebe uma saída de praia e segue na Orla por lugares onde estão pessoas de biquíni, ou de saída de praia ou ainda, com roupas “urbanas”. Seguindo a pista dos espaços apresentados anteriormente e das indumentárias utilizadas pelos usuários, adentra-se nas práticas do espaço tentando compreender as sociabilidades no mesmo.

Do “bronzado” da década de 20, do século passado, moda lançada pela estilista Gabrielle Bonheur Chanel - Coco Chanel, em que inseria a “cor do marinheiro” como modelo para a burguesia européia (BOSKER; LENCEK apud FARIAS, 2006), à medicina que se ocupa dos corpos “brancos” e passa a prescrever o sol e o esporte para a saúde do corpo (FARIAS, 2006), chega-se, sem maior problematização, às recorrentes práticas esportivas na beira da praia, que além da demonstração de culto ao corpo possibilita sua exposição.

Entre os esportistas e os banhistas não se pontua qual expõe mais o corpo na Orla de Atalaia, enquanto muitos dos banhistas transitam em “saídas de praia”, os esportistas utilizam os equipamentos vestidos em roupas de banho, principalmente os homens, vestidos de sunga. Por outro lado, muitos banhistas seguem em roupa de banho pela Orla, enquanto os esportistas estão com roupas em malhas apropriadas as práticas esportivas. Importando, para fins deste trabalho, o estranhamento causado por estes corpos em uma área urbanizada, se é a Orla um espaço urbano, reteria imageticamente a transposição de práticas do urbano a este



espaço. Ou por outro lado, inclinando o entendimento de alteração do sentido de práticas urbanas, que contraria o sentido de estar na cidade.

Segue-se o itinerário dos esportistas, considerando que é este o cenário mais reproduzido na Orla, encontrando entre esses espaços e lugares, os banhistas, os turistas e os sergipanos que de alguma forma estão utilizando a Orla. No início da tarde poucos esportes que chamo de ativo, são praticados, neste momento é possível acompanhar os esportes de competição. É, a hora do treino de kart, de



**Figura 108: Pessoas assistem ao treino de MotoCross.**  
Fonte: Acervo pessoal. Autor: Autora

MotoCross e tênis, esses espaços estão lotados de competidores que tentam superar seus limites físicos, a cada volta ou a cada saque. Cabe aos visitantes apenas assistir, muitos ficam ao redor observando o desempenho dos competidores. Mas, este não é o foco da análise, como dito anteriormente, não que seus usos não sejam relevantes ou passem despercebidos na dinâmica da orla, ao contrário, são pertinentes e incomodam, como o barulho dos motores dos karts, mas apenas para elencar aqueles com mais inserção nos usos públicos, que esses mais parecem privados volta-se aos que marcam incisivamente as sociabilidades públicas da orla, que num diálogo simbólico permitem olhares e gestos que imprimem a dinâmica socioespacial da Orla de Atalaia.

Entre os esportes ativos, um persiste durante o dia, não exatamente na Orla, mas utiliza intensamente: o surf. No início da tarde está começando para uns e terminando para outros. O ponto de encontro é a Orla, ali se agrupam e seguem ao mar, ou ao contrário chegam do mar e agrupam-se em um quiosque, para o uso direto do espaço. A orla poderia ser para estes apenas um “lugar de passagem”



**Figura 109: Passarela de acesso à praia..** Fonte: Acervo pessoal. Autor: Autora

(ARANTES, 1997), afinal se interessam pelo mar, mas, ao contrário, os usos conseguem demarcar o espaço atribuindo-lhe sentido e tornando-o um “lugar” (LEITE, 2007), cuja

relação de pertença possibilita práticas distintas de outros usos da orla, este é o lugar “dos surfistas”.

Um quiosque que disponibiliza banho em um chuveiro ao custo de R\$ 0,50 (cinquenta centavos) é um dos atrativos, a passarela de madeira possibilita o acesso da orla à praia. São 500 metros de passarela, e mais 500 metros de areia, em média, até chegar à água. O estacionamento também se torna um atrativo. Aqui é o “hawaizinho”, o sentido de estar na praia é extremamente marcante, os shorts, melhor para “pegar onda”<sup>35</sup> do que sunga, aqui é retirada, e de sunga tomam banho no chuveiro para “retirar o sal”. Na praia “tudo pode”, o “mar é a liberdade”, aqui se fica à vontade, não se percebem em uma Orla, relata um frequentador, que chega ao local de carro. Ao ponto em que sustenta aquele espaço como bom porque pode estacionar o carro próximo e ouvir o reggae.

Predominantemente os frequentadores vão de carro, mas chegam de ônibus e de bicicleta. Como diz senhor Roberto, dono de uma *tawner* onde comercializa lanches ao custo médio de R\$ 2,00, há 7 anos, no mesmo local: - “tem desde filho de dono de hotel até pobre. Afirma que uns estudam, e a maioria “não quer nada com a vida”<sup>36</sup>.

Após chegar da praia eles “tiram o sal” no chuveiro, e acomodam-se às mesas, compram lanche na *tawner* e ficam conversando, diz senhor Roberto. O carro passa a ser utilizado como “carro de som”, o reggae é o ritmo que não para de tocar, até que os policiais passem mandando mande fechar o fundo do carro. “Aqui eles fazem o que querem. Fumam uma maconha danada, os que têm dinheiro compram pra os que não têm, eles ficam pedindo. Um dia desses uma policial me perguntou o que faria com esses meninos, eu disse: deixa os meninos, deixa...”, relata.



**Figura 110: Surfistas no Orla. Fonte: Acervo pessoal. Autor: Autora**

Toda a liberdade praiana exigida pelos surfistas parece não ser de toda contemplada, não demora muito aos policiais passarem e em pouco tempo o espaço se “reorienta”. O som baixa, alguns seguem aos seus carros, outros pegam as pranchas

<sup>35</sup> Depoimento de um surfista colhido em 04 de junho de 2011.

<sup>36</sup> Depoimento colhido em 04 de junho de 2011.

espalhadas pelas gramas e calçadas, outros suas bicicletas, e saem. A única ação direta do policial é a verificação dos documentos do dono do carro com som ligado e o pedido para desligar. Com a saída dos policiais o espaço volta a reorganizar os usos estabelecidos pelos usuários, outros chegam da praia, tomam banho, bebem água de coco, lancham, e outros simplesmente saem da orla.

A orla parece não ser mais a mesma, o que antes era apenas um lugar de acesso ao mar, configura-se em uma estrutura urbana, estabelece-se entre as normas da cidade e os rituais da praia. Os rituais simbólicos que permeiam as práticas dos surfistas, que os configuram enquanto grupo distinto, parecem se exaurir ao tempo em que se demarcam na Orla de Atalaia requalificada. O que em determinados momentos marca-se como uso, em outros demonstra ser um contra-uso, em um jogo de movimentos, que como fora firmado anteriormente, similar as ondas do mar, impossíveis de se delimitar.

O espaço ocupado por eles não fora projetado para este uso, ao contrário é um espaço que comporta um monumento recorrentemente utilizado por turista, um restaurante de massas e as quadras esportivas, que o circunda, mas vão se estabelecendo taticamente e contra-usando o espaço, demarcando este como o lugar dos surfistas. Ainda mais, quando os olhares dos frequentadores do ambiente ao lado, denotam ser reprovadores, ou às vezes desdenhadores, ou ainda, demonstram uma anulação do ambiente ao lado.

O monumento “divide mundos” em um mesmo espaço, para utilizar uma expressão de Antonio Arantes em seu estudo sobre a Praça da Sé. A divisão da Orla em “cenários” poderia ter sido feita em “estúdios”, enquanto local propício para apreensão de imagens para um determinado fim, já que a Orla é entendida, antes de qualquer uso, um conjunto de elementos que compõe o ambiente ideal para fotografias. E, não apenas de turistas, mas para compor o



**Figura 111: Pessoas fotografam-se entre os monumentos pela nacionalidade. Acervo pessoal. Autor: Autora**

álbum de casamento, de formatura ou para registrar uma relação de amizade. Contudo, o termo cenário faz-se mais adequado por considerar os atores em suas ações (LEITE, 2010), não apenas uma montagem estática de elementos que apenas aguardam a fotografia.



Este é um espaço que se configura como um lugar interstício, as pessoas estão preocupadas com as fotos, e aguardam pacientemente sua vez de erguer a mão como a do monumento, subir nas costas de Tiradentes, na saia de Princesa Izabel, cujos laços de nacionalidade demonstram ter se esvaído, ao menos com os monumentos.

Mesmo assim, os olhares se entrecruzam, as calçadas da orla são simbolicamente separadas, não há paredes, o que possibilita encontros de pessoas com objetivos diferentes.

O seminu surfista cruza-se com os alinhados casais que seguem ao restaurante. Olhares discretos não permitem um caminhar livre, o simples levantar de cabeça sugere uma negação. Mas, cada um segue aos seus lugares, a orla os comporta em sua diversidade, seja preservando seus olhares entre ambientes climatizados, seja expondo-os a uma visão geral do cotidiano, aos que assim o queira.

Poucos são os usuários do restaurante que caminham por outros lugares da Orla. O estacionamento que serve aos surfistas serve ao restaurante, sendo delimitado em sua direção. Uma linha imaginária guia os surfistas a estacionar na direção do quiosque, enquanto que os usuários dos restaurantes são guiados ao estacionamento na direção do restaurante.



**Figura 59: Pessoas seguem ao restaurante de massas. Atalaia. Fonte: Acervo pessoal. Autor: Autora**



**Figura 60: Surfistas chegando à Orla e seguindo à praia. Atalaia. Fonte: Acervo pessoal. Autor: Autora**



**Figura 112: Pessoas chegando à Orla e seguindo ao restaurante de massas. Atalaia. Fonte: Acervo pessoal. Autor: Autora**

Percebe-se um surfista que deixa a prancha no carro e calça um tênis, segue em direção a Praça dos Arcos, sigo seu caminhar, percebo seu itinerário. A aglomeração na Praça dos Arcos chama atenção, num ato de distração surfista é perdido de vista e, então, passa-se a observar este espaço. O que uma “praça” à beira da praia poderia dizer sobre a alteração dos usos da cidade?

O fluxo intenso de pessoas guiam o entendimento deste como um “lugar de passagem” (ARANTES, 1997), considerando que pouco se permanece nesse local, cuja maioria das pessoas que o utilizam segue por uma passarela de madeira até a praia, poucos param à espera de um conhecido, ou para adquirir bronzeadores aos vendedores ambulantes, que apesar de ficarem mais tempo que os passantes, não tem autorização para o comércio neste local, sendo logo convidados a se retirarem pela Superintendência da Orla Marítima de Aracaju (Superoma).

As pessoas que transitam neste local vestem geralmente shorts ou saias e blusas, sobreposto às roupas de banho – biquínis e maiôs. O fluxo é bem direcionado, chegam através da Avenida Santos Dumont, vindos do Terminal ou pela diagonal direita seguindo do ponto de ônibus.

Após se perceber uma ordenação dos fluxos, direcionando o olhar para as arestas que se apresentam de forma angulosa, ou seja, desagradáveis ao olhar, que por ora só atentava às repetições. Não é possível mais identificar de onde vêm as pessoas, algumas, saíam de carros ao longe, os estacionamentos que circundam a praça já estão com a lotação completa, outros seguem dos hotéis e pousadas que margeiam a Orla; ou ainda, saindo de ruas outras que dão acesso a Orla, sugerindo serem moradores do Bairro Atalaia.



**Figura 62 - Caminhantes pela Praça dos Arcos. Autor: Foto da autora. Fonte: Arquivo Pessoal.**



**Figura 113 - Caminhantes passando pela Praça dos Arcos. Foto da autora. Fonte: Arquivo Pessoal.**

O acesso à praia pela passarela de madeira, o ir à praia, já se exauriu enquanto percepção explicativa desses usos, algumas pessoas apenas caminham pela calçada que compõe o cenário da Orla, ou fazem uma “caminhada” esportiva. Outras, simplesmente seguem de forma contemplativa, vestidos de calça, contrapondo a regularidade inicial, pelo menos neste espaço, dos shorts e saias, enquanto que outras não perdem o registro fotográfico aos pés dos Arcos. Passam ainda os ciclistas, os carrinhos de bebês, o malabarista que tenta conseguir dinheiro com sua performance, o pedinte, o menino que vende doce, o surfista, entre outros. Poderia apresentar muitos outros além do banhista que passa pelos arcos, às desordens do fluxo, que embora predominantemente paralelo, transforma-se em diagonal, transversal, perpendicular, trafegando-se em vários sentidos e ainda pelos mais variados motivos.

Aqui há uma confluência de sentidos, onde o urbano e o praiano se encontram, demonstrando ser este um “espaço liminar”, cuja localização entrecruza “fronteiras simbólicas que separam, aproximam, nivelam, hierarquizam ou [...] ordenam as categorias e os grupos sociais nas suas múltiplas relações” (ARANTES, 1997, p. 260), formando o que o autor chama de territorialidades inter-relacionadas na composição do “lugar público”.

Talvez seja este o espaço da Orla de Atalaia que retém um processo de “sociação” (SIMMEL, 2006) mais contundente, em que a permissibilidade de convivência com o outro se eleva pela confluência do sentido público urbano e do sentido de estar em público na praia. Esta não é uma praça qualquer da cidade em que os olhares constrangedores inibiriam um transeunte de biquíni, por exemplo.



**Figura 114: Usos da Praça dos Arcos. Fonte: Acervo pessoal. Autor: Autora**

Deixa-se a praça em sua latente confluência e segue o caminho do surfista, um pouco à frente e reencontrado, agora ele usa os equipamentos de musculação. O sol começa a se esconder e as sombras possibilitam o uso desses equipamentos que são resfriados. As quadras dividem esse espaço, entre um movimento e os frequentadores olham os jogos que se iniciam timidamente. As bicicletas começam a parar no entorno, pessoas chegam de carro, de moto, ou andando. O jogo desenvolve-se em suas próprias dinâmicas, os movimentos do corpo também tem a sua vez, o tênis e o short do futebol pouco estranha as sungas e roupa ligada ao corpo de quem faz



musculação. As pessoas que passam os observam, seguem, não há disputas latentes pelo espaço, é um espaço de visibilidade, todos se olham, se mostram e são vistos. A mais pertinente repetição de ação aqui é o olhar, onde começa a ser revelada a necessidade de ser visto, os olhares não são apenas para ver, mas para se certificarem que estão sendo vistos.

As pessoas estão sempre se entrecruzando, não há início ou nem fim para os passos na orla, as pessoas que por aqui passam seguem para vários espaços, entre eles para a Passarela do Caranguejo. No estacionamento sobram poucas vagas, pois estão ocupadas pelos frequentadores dos bares. Ao lado, no parque infantil, uma criança desafia o sol e de frente para o mar balança-se despretensiosamente, quando o calor parece incomodar, abandona o balanço e corre ao encontro do avô que descansa em um banco, sob a sombra do coqueiro e escuta uma música suave que aponta de seu carro parado no estacionamento.

O avô parece se desviar ao movimento de pessoas que migram de um lado para o outro da avenida. Ao estacionar de cada carro o senhor acompanha a movimentação, o olhar curioso segue as pessoas que se direcionam aos bares, ou à calçada dos mesmos, levando a uma escolha entre a variedade. Mais uma vez o olhar se perde, volta-se ao neto e retoma a um novo estacionar.

Percebe-se que poucos o vêem, estão direcionados aos bares, aos encontros, aos amigos. Uma mulher atende ao telefone e afirma estar na praia, num segundo momento, parece responder a uma pergunta que exige um posicionamento mais direto, então afirma estar na Orla, e especifica no “Amanda”, na Passarela do Caranguejo.

Os passos trepidam no paralelepípedo do estacionamento que não se adéqua ao caminhar em saltos, muito menos nas pedras portuguesas da calçada, mas logo se alinham ao asfalto, voltam a se desalinhar no canteiro com suas pedras, retomam o alinhamento do asfalto e novamente se desalinham em mais uma calçada, e enfim acomoda-se sob uma das muitas mesas que preenchem os bares da Passarela do Caranguejo. Os passos menos desconcertantes também seguem aos bares,



**Figura 115: Vestimentas típicas do espaço urbano e vestimentas que usualmente apresentam-se no espaço da Orla. Fonte: Acervo pessoal. Autor: Autora**

advindos da praia estão com as roupas úmidas e sandálias, mas ocupam os mesmos espaços dos saltos altos.

Ali as pessoas batem papo, percebem os outros e comem o caranguejo, o batucar dos martelos de madeira, confunde-se às falas e à música, que insiste em ser um som “ambiente”.

Um colorido chama atenção, é o vendedor de boias, que transita juntamente com os vendedores de castanha torrada e de amendoim cozido pelas calçadas que beiram os bares. Entre um caranguejo e outro, entre petiscos, consome-se castanha e amendoim.

Este é um espaço que ainda guarda suas características de praia, o consumo de outrora se repete, a confluência de aracajuanos, sergipanos e turistas, os bancos e as mesas em madeira, e claro, a brisa do mar, cujos bares abertos possibilitam sua circulação no ambiente.

A passarela do caranguejo revela-se um “lugar” (LEITE, 2007). As relações envolvem notoriamente o consumo e àqueles que não podem consumir, não necessariamente estão limitados ao mesmo sentimento. Os pedintes estão por perto, negados, criam “táticas” que os permitem estar no espaço disputando com os que estão confortavelmente usando-o. Mas não se intimidam, adentram os bares com facilidade, às vezes são retirados, outras não. Pedem de mesa em mesa, distribuem papéis expondo suas condições físicas e sociais, mas poucos são atendidos, alguns nem pegam os papéis, outros os leem e poucos devolvem com algum dinheiro.



**Figura 66: Vendedor ambulante na Passarela do Caranguejo. Fonte: Acervo pessoal. Autor: Autora**



**Figura 67: Jovens caminham em direção à praia enquanto o casal segue à passarela do Caranguejo. Fonte: Acervo pessoal. Autor: Autora**



Volto-me novamente ao estacionamento. As pessoas transitam de um lado para o outro. Um quiosque para a venda de coco refresca alguns poucos que por ali transitam. Ao sentar e observar o pequeno fluxo de turistas que saem dos hotéis e de banhistas que da praia vão aos bares da Passarela do Caranguejo. À direita avista-se poucos caminhantes e os ciclistas, que desafiam a alta temperatura. Algumas bicicletas apóiam-se em coqueiros, são dos



**Figura 68:** Lavadores de carro almoçam ao fundo do Banheiro público. Fonte: Acervo pessoal. Autor: Autora

guardadores de carros. Estes demarcam seus espaços, tornam lugares, às sobras dos coqueiros e do banheiro público, sentam-se na grama e fazem suas refeições. Ali descansam e conversam, estão contra-usando o espaço, do local de trabalho que é o estacionamento da Orla seguem ao descanso, observando o mar não estão visíveis às pessoas que caminham no calçadão.

Um casal de turista com uma criança segue a partir da Passarela do Caranguejo caminhando pelo calçadão, ao se verificar os limites do seu caminhar, pois se percebe que muitos que aqui estão seguem em direção à Praça dos Arcos. Passeiam ao longo da Orla até chegar ao “Mundo da Criança”. Em nenhum outro horário há tantas crianças na Orla como nos sábados à tarde. O parque agora é na orla, um portal em forma de arco-íris recepciona as crianças, que se deparam com um carrossel. O espaço é gerenciado pela “Associação de Proprietários de brinquedos da Orla” (APBO), alguns brinquedos são pagos e outros, como os localizados em outros espaços da Orla, não. Além do carrossel, uma área é reservada para a comercialização de alguns serviços, tais como a locação de triciclos e mini-buggy para o uso



**Figura 116:** Espaço destinado ao uso infantil. Fonte: Acervo pessoal. Autor: Autora

infantil. A presença de crianças não torna o espaço menos complexo, o uso de bens como comunicadores sociais também estão presentes neste espaço. Algumas crianças usam os brinquedos pagos, enquanto outras apenas o querem, e limitam-se ao uso dos brinquedos gratuitos.

Os mini-veículos circulam intensamente sob os olhares dos instrutores, dos pais e de algumas crianças que observam. Os brinquedos pagos tornam-se mais atrativos do que a gangorra, o escorrego ou o balanço. O leve som emitido pelos motores elétricos dos mini-carros confunde-se com o insistente ronco dos motores dos karts.

Daqui algumas pessoas seguem às lanchonetes próximas ou à região dos lagos. Considerando a sua dimensão, esta área comporta diversos usos. As pessoas apenas sentam à beira de um dos lagos e contemplam como uma beleza natural, ao fundo o mar também é contemplado, o vento e o barulho do mar sintetizam a paisagem. Os variados usos possibilitam a demarcação temporalizada dos espaços, é possível ver um “lugar” no espaço, que em alguns



**Figura 70: Vendedor de picolé na região dos lagos. Fonte: Acervo pessoal. Autor: Autora**

minutos podem não mais estar. Passando por um grupo de jovens que está tomando vinho à beira do lago, afirmam que sempre se encontram neste mesmo local aos sábados quando decidem vim para a Orla. O lugar é demarcado simbolicamente, estão em grupo e sabem quem não o é, mas em pouco tempo saem e o espaço volta-se ao vazio, as “territorialidades” são perenes, fluídas, é um espaço, como sugere o tópico que reproduz o movimento das ondas, constante e variado. Talvez repouse nessa inconstância a definição de lugares e espaços, que revelam as socioespacialidades da Orla, contudo torna-se um elemento constitutivo do “espaço público” que permite a variedade de uso, com disputas simbólicas impondo ao espaço um único sentido de se estar nele.

O sol se põe e a noite traz com ela a iluminação artificial. Outro grupo de jovem está sentado em banco e também bebem vinho, observam o movimento, que não é tão tranquilo. Agora os banhistas não são tão frequentes, mas os caminhantes esportistas continuam, as quadras estão sendo usadas, os bares e restaurantes cheios, além das barracas que servem comidas típicas. Mas todos estão em seus “lugares”, parecem guiarem-se aos locais



**Figura 71: Jovens bebendo na região dos lados. Fonte: Acervo pessoal. Autor: Autora**



**Figura 72: Uso noturno da quadra. Fonte: Acervo pessoal. Autor: Autora**



**Figura 73: Uso noturno do restaurante - Deck. Fonte: Acervo pessoal. Autor: Autora**

que expressam seus interesses de consumo, onde podem dividir com seus similares sua exposição.

Os espaços “intersticiais”, que estão entre os lugares, demonstram que a apaziguadora rotina da diversidade dilui-se, olhares de reprovação ou passos acelerados denunciam uma guerra de lugares. Do ponto de vista da arquitetura o espaço possibilita o uso de muitos, mas por outro lado, esses muitos percebem temporariamente seu espaço e o distingue dos demais.

Nas quadras para o jogo de futebol há várias regras, tem time “certo” que joga uma vez por semana e disputam um campeonato, tem as meninas que treinam as terças e disputam um campeonato nordestino de futsal, moram no bairro Bugio, na zona norte da cidade, deslocam-se para a Orla em busca da qualidade dos equipamentos que não há em seus



bairros. Há, ainda, em maior recorrência, as partidas com “linha fora”, conversando com um rapaz que acaba uma partida, ele explica que qualquer um que chegar ali joga, é só montar uma linha e esperar. Explica ainda que a maioria dos que estão ali é morador do bairro Coroa do Meio e Atalaia, da região próxima, várias bicicletas estão espalhadas. Pergunta-se sobre os lugares da Orla que ele frequenta, ao que responde: vai mais para quadra e para uma lanchonete “lá na frente”. Pergunta-se especificamente qual, diz que vai beber com amigos, na Orlinha E por que não bebe em outros bares mais próximos, afirma que além de mais caros, só tem gente “besta”.

Esta quadra fica próximo ao restaurante com *Deck*, aguarda-se um usuário sair para perguntar se eles vão a outros lugares na Orla, afirmaram que às vezes vão à Passarela do Caranguejo, quando querem comer caranguejo, ou à “feirinha” quando querem comer macaxeira de forno, mas que não caminham pela orla, estacionam o carro próximo ao local. Afirmam gostar do *deck* porque possibilita melhor visibilidade da praia e do movimento da avenida, além da brisa do mar. Embora questionando sobre o ver a praia, enquanto o ver o movimento, percebe-se que há além do interesse de ver, o de ser visto.

Na praça de skate as disputas pelo espaço continuam. O espaço reservado à prática de skate é comumente “invadido”<sup>37</sup> por jovens com bicicletas, que aproveitam do circuito para fazer as manobras. Segundo um usuário morador do bairro Bugio há “uma certa disputa”, embora nunca tenham chegado às vias de fato. Afirmam que quando começa a incomodar, alguém sai discretamente e avisa aos policiais, que logo aparecem para manter o uso proposto ao espaço – “Não quero confusão com ninguém, mas também quero treinar e com eles aqui não dá”.



**Figura 74: Skatista incomoda-se com a bicicleta. Fonte: Acervo pessoal. Autor: Autora**

Estão todos na Orla, mas cada um no seu lugar. Muitas pessoas caminham à noite na Orla, passeiam e encontram amigos. Em conversas esporádicas com pessoas que caminham por esses lugares, há recorrências na resposta de ser este um espaço onde se

<sup>37</sup> Entrevista concedida pelo skatista em 26/05/2011.

encontra pessoas conhecidas, uma senhora diz: “ta todo mundo na Orla, tem outro lugar pra ir em Aracaju?”. A Orla diversifica-se pelos aracajuanos, pelos sergipanos, por turistas e ainda pelos hóspedes dos hotéis que tem outros objetivos na cidade, que não o turismo, mas acabam frequentando o local por ser esta a área que concentra os hotéis da cidade. Estes, por sua vez, também são recepcionados pelo espaço que tem como característica a diversidade.

Um hyppie tranças seus produtos para comercializar, diz que não é bem visto ali. Afirma que as pessoas compram os produtos, mas não é muito, e que dependendo do dia os policiais manda circular – “A gente fica aqui até eles passarem e espera o que vão dizer”. Diz, ainda, que muita gente imagina que ele vai roubar – “Só porque não estou arrumadinho? Eu sou um trabalhador”, conclui.



**Figura 75: Vendedor ambulante.. Fonte: Acervo pessoal. Autor: Autora**

Embora a Orla seja extensa e o espaço comporte variados usos, o torna tenso e disputado. Seja através dos contra-usos, como o do vendedor e dos jovens com bicicleta na praça de skate, ou mesmo pelos estilos de vida distintos que são evidenciados na Orla, demarcadas simbolicamente e entrecruzados nos entre-lugares.

A fonte luminosa é um espaço voltado ao turista, ao fundo está a Praça de Eventos da Orla, embora não seja objeto de pesquisa abarcar estes usos, faz necessária a referência ao espaço. Objeto de litígios, a grande área reservada a eventos é constantemente cercada por empresários sergipanos que oferecem grandes shows ao público mediante o pagamento de ingressos. Por ser este um espaço com leis específicas impedindo qualquer tipo de barreiras que inviabilize o acesso, e ainda o impedimento legal de exploração da área para fins econômicos privados, há um debate em discussão em vários âmbitos da administração pública acerca da matéria. Quando há um show musical o ritmo da Orla é alterado, a concentração de pessoas e de carros a torna um espaço para festa, com objetivos específicos e desconfigura todo o cotidiano observado no trabalho de campo, como o objetivo é abarcar o cotidiano trilhado diariamente, este espaço que por si só poderia ser estudado, não adentra nas discussões da presente reflexão.

Voltando-se à fonte luminosa, ao percebê-la, acompanhando a sintonia de cores e jatos de água com a música clássica que ecoa das caixas de som acopladas à fonte. Muitos ainda passam por ali, tiram foto, sentam-se nos bancos ao seu redor e acompanham a sinfonia do espaço.



**Figura 76: Pessoas treinam boxe. Fonte: Acervo pessoal. Autor: Autora**

Verifica-se as horas, são 23h 35min, não se tinha atentado ao adiantar da hora, o movimento neste espaço não tinha diminuído, percebe-se que os carros começam a passar lentamente. Há três grupos distintos treinando Box, não foram visto em nenhum outro momento. Optando por só observar, até que um dos grupos senta-se no banco ao lado e comentam sobre o evento esportivo que acontecerá na cidade, elogiam o espaço como propício ao treino, além de dar ênfase ao fato de ser à beira mar. São os ritmos da cidade que influenciam o espaço.

De repente a fonte apaga, a música clássica é desligada, os jatos não jorram mais, as pessoas dispersam, como num passe de mágica se estabelece um vazio neste espaço. Seguindo a um local que propicie uma visão de toda à Orla, até onde a vista alcance, percebe-se que muitos bares já estão fechados, embora algumas partes ainda iluminada, outras a escuridão prevalece. Os carros diminuíram e subitamente carros da polícia parecem fazer uma perseguição, param do outro lado da avenida, descem do carro e seguem as ruas escuras, outros carros chegam e aguardam, falam ao rádio. O policiamento não Orla é intenso, às vezes destoa da morosidade que paira nos ares desse espaço, ao longo da Passarela do Caranguejo é Possível ver policiais fortemente armados expondo o armamento à população, não é o policialmente da delegacia de turismo, em que, segundo um policial de plantão, lhe exige boa aparência. São os policiais da patrulha ostensiva, que busca intimidar a ação mais de contra-usuários do que de contraventores.

A magia da Orla parece mesmo ter se esvaído na madrugada, uma área agora se reserva à prostituição, que fica do outro lado da rua. A esta hora não são incomodadas, durante o dia são “convidadas” a se retirarem da Orla e seguirem às ruas secundárias. Contra-usam o espaço e exprimem



**Figura 77: Prostitutas na Orla de Atalaia. Fonte: Acervo pessoal. Autor: Autora**

outro modo de vida, que se aproxima de todos os outros usos, corroborando ao sentido de ser este um espaço dissonante.

Persiste-se nos usos da madrugada, seguindo à última caminhada pela Orla, cruza-se com pessoas que sinuosamente ainda caminham por este espaço, passos bêbados vagam visivelmente a essa hora. Na quadra ainda estão so jogadores, que dizem “virar a noite às vezes”.

O caminhar pela Orla de Atalaia permite perceber algumas características que ressaltam a ideia de um espaço urbanizado retendo simbolicamente o sentido de estar na praia: variados nos usos que estão além dos passos da cidade, expostos em demarcações que são fluídas no desenvolvimento do seu “cotidiano” (LEITE, 2010).

Além de expor usos que imbricam práticas da praia e da cidade, revelam características de um “entrespaço” (LEITE, 2007), é um espaço voltado ao consumo, todos estão consumindo, o caranguejo, passando pela quadra à contemplação da natureza. Consumo este que requer, muitas vezes, o reconhecimento do outro, em que as diferenças possam ser demarcadas, o lugar socioespacialmente demarcado só faz sentido quando existem outros lugares que possam referendar tal diferença. É possível ainda perceber as disputas simbólicas, cujos bens consumíveis revelam-se necessários a todo o momento, as práticas dos lugares denotam o estilo de vida a que se propõe.

São esses os passos pela Orla de Atalaia, pretendendo muito mais que um espaço da praia, e muito mais do que uma extensão da cidade, é dessa condição que se expõe a ideia de público, de um espaço entendido como intersticial.

A ideia de espaço intersticial resulta do entendimento anterior, que coloca a Orla de Atalaia entre dois lugares considerando as práticas dos espaços e através da descrição empírica do espaço. Entre a reflexão e a descrição, interpreta-se ser este um espaço que resulta o entrecruzamento de práticas, confluindo ao complexo espaço de disputas diárias pela referência a um estilo de vida do próprio e mesmo do “sem poder”.

A praia está na Orla em seus usos típicos - caminhadas, contemplação, por suas vestimentas, biquíni, saídas de praias, caracterizadas como roupas leves, pelas comidas que tem como base os frutos do mar. Bem como a cidade está na Orla, em seu ritmo próprio, acelerado, de restaurantes de *menu* internacional e o conforto de pedras e calçadas. Compreende-se, assim, a orla como um espaço de confluência de práticas, sendo a sua existência dependente e relacional a ambas.



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A paisagem da Orla de Atalaia consegue atingir seu objetivo de criar uma confusão no reconhecimento do espaço, facilmente encontra-se pessoas afirmando que estão indo à praia e vão à Orla, que vão à Orla e estão indo à praia, ou dando ambas as respostas e vão tanto à praia quanto à Orla. Mas, mais do que isso conseguiu inserir Aracaju no *trade* turístico nordestino e hoje os blogs de viajantes e sítios de venda de pacotes turísticos, apresentam e comercializam a praia de Atalaia com a “Orla mais bonita do Brasil”.

Compreensão interessante ao justificar a manutenção do espaço como uma “centralidade”. As pessoas da cidade bem como os turistas se direcionam à Atalaia, vão à Orla de Atalaia, não passam despretensiosamente por ela, tem como objetivo usá-la. E, mais ainda, interessou como as sociabilidades são desenvolvidas neste espaço, que se revelaram uma sociabilidade difusa, com variados usos, e fluída, alteradas em decorrência de variados fatores. Entre estes estão as obrigações colocadas pelo cotidiano da cidade, revelando uma rotina voltada ao cumprimento das demandas de trabalho e escola. Por outro lado, o mar também se impõe nessa fluidez, quando as ondas não estão adequadas ao surf, o lugar dos surfistas deixará de ser, pois é apenas mais um quiosque que comercializa coco na Orla.

É possível afirmar que este não é apenas um espaço urbano, mas sim um espaço público, caracterização possível a partir mesmo de sua totalidade. O cotidiano inscrito da Orla de Atalaia, enquanto rotina que rompe com o cotidiano da cidade constitui-se em espaço público na medida em que se entende ser este um “espaço público interstício” em si. Segundo Leite os “entre - lugares” configuram e qualificam os espaços urbanos como espaços públicos, exatamente por “que se tornam locais de visibilidade, de disputa simbólica, práticas de consumo e da busca de reconhecimento público da diferença” (LEITE, 2010 p.196). A relutância em delimitar culturas urbanas e praianas, abrandando-se enquanto alocação lexical para definição pontuada do que se pretende expressar, assim os lugares que circundam a Orla impulsionam a entendê-la como um “entre-lugar”, revelando uma “Cultura de Orla”, não se tornando necessariamente um lugar, mas um espaço, uma espécie de rizoma, um sistema aberto que “não começa nem conclui, [que] se encontra sempre no meio [...] é aliança, unicamente aliança” (DELEUZE; GUATTARI, 1997, p. 36).

Entender um espaço com público, segundo Leite (2007), requer uma dupla inserção entre a noção de espaço e de sociabilidade pública,

implica portanto, relacionar dois processos interdependentes, que concorrem simultaneamente para uma única direção: a construção social do espaço, enquanto produto e produtor de práticas sociais; e a construção espacial da sociabilidade pública, enquanto produto e produtor das espacializações da vida social (Ibid., p. 196),

Assim, entende que a categorização de um espaço urbano como público necessita tratar o espaço urbano a partir de “um conjunto de práticas que se estrutura num certo lugar” (Ibid., p. 200).

Resguardadas todas as circunstâncias que a defesa de uma categorização necessita, insiste-se pela necessidade de compreensão léxica de definição desse espaço. Há, porém, a ideia de ser esse um espaço interstício no sentido da relação de dependência que mantém com os lugares que o circunda, diferente dessa relação o mesmo não seria possível. A Orla em sua definição antropológica rebusca-se por algo que a geografia ou o senso comum construíram sobre este espaço, ou seja, a noção de espaço “meio”, que repousa na ideia de não ser praia, nem cidade e ao mesmo tempo ser tanto praiana quanto urbana, ou seja, relativo a ambos. Tais compreensões só se tornam possíveis com as crescentes intervenções urbanísticas em zonas litorâneas, antes disto estaríamos ainda na praia, começam a revelar um espaço que congrega práticas, e além de expor a marca indelével do espaço público, por ser antes intersticial.

A reflexão propostas anteriormente acerca de tais intervenções, e caracteriza uma prática específica que conflui de duas outras uma prática de Orla, é exatamente o reforço de não deixar de entender o espaço como sendo expressão de práticas do espaço urbano, porém retém simbolicamente o sentido de estar na praia. É, exatamente nesta retenção simbólica que reside a complexidade dos usos da Orla de Atalaia, além dos traços de urbanização da cidade que comporta suas práticas, abarca as práticas do espaço praiano. As diferenças são expostas publicamente e demarcadas em territorialidades simbolicamente delimitadas pelo consumo.

Mesmo a Orla de Atalaia em sua totalidade sendo compreendida como uma ruptura do cotidiano da cidade e como um “lugar intersticial”, buscou-se compreender seu próprio cotidiano e como se configuram seus agenciamentos.

A posição de “limite” em que a Orla se apresenta entre o lugar da cidade e o lugar da praia, conserva à Orla Marítima o sentido de aliança na medida em que permite a fluência

de sentidos opostos. E, forjado a denominação espacial “Orla de Atalaia”, cujas práticas cotidianas revelam outro modo de estar à margem da cidade, permite pensar a Orla enquanto um espaço relacional e ao mesmo tempo independente, congregando elementos de ambas as práticas, na medida em que se estabelece enquanto prática específica, capaz de auto-gerir suas práticas e comportar a diversidade da multiplicidade das culturas urbana e praia.

Uma prática de Orla contempla primeiramente o princípio da conexão e da heterogeneidade, qualquer ponto da Orla pode ser conectado a qualquer outro. É possível falar na existência de uma ideia de que a orla é de pertencimento comum, mais amplo do que a noção de lugar praticado, ou dos passos que transitam em toda extensão.

Outro princípio é o da multiplicidade, momento em que uma caracterização da Orla enquanto múltipla se define “pela linha abstrata, linha de fuga ou de desterritorialização segundo a qual elas mudam de natureza ao se conectar às outras” (DELEUZE; GUATTARI, 1997, 16).

E, por último, o princípio da ruptura a-significante, a constituição de uma relação complexa entre usos e agenciamentos, contra a demasia dos cortes que atravessam as estruturas (DELEUZE; GUATTARI, 1997), “compreende linhas de segmentaridade segundo as quais [...] é estratificado, territorializado, organizado, significado, atribuído, etc; mas compreende também linhas de desterritorialização pelas quais foge sem parar” (Ibid., p.17).

Assim, a Orla demonstra-se uma demarcação física e simbólica, cujas práticas revelam um conjunto de agenciamentos, antes territórios,

feitos de fragmentos descodificados de todo tipo, extraídos dos meios, mas que adquirem a partir desse momento um valor de ‘propriedade’ [...] o território excede ao mesmo tempo o organismo e o meio, e a relação entre ambos (DELEUZE; GUATTARI, 1997, p. 196).

Os passos que pressupõe em alguns momentos um espaço voltado às práticas típicas de uma cultura urbana, as quais revelam um caminhar em saltos, num conjunto de vestimenta que contrasta com o ir à praia, e em outros se apresenta com chinelos que caminham a passos lentos a um banho de mar, compondo uma vestidura despojada e praiana, e que perdurou a obscuridade da inteligibilidade do espaço, clareia-se a luz dos fluxos, das raízes rizomáticas que pouco se mostra, mas que muito se pode saber.

As auto-expressões que buscam o reconhecimento público da diferença estão expostas nos cenários da Orla de Atalaia. As similaridades demarcam simbolicamente territórios tornando-os visíveis e relacionando-os a todo o momento, como foi possível

perceber no desenvolvimento etnográfico. É um espaço que se configura pela diferença, no entanto mais pela expressão do eu “estilizado” (FEATHERSTONE, 1997).

A dinâmica desenvolvida no espaço Orla de Atalaia em que se expõem diferenças, agregando sentidos outros que não necessariamente o desenvolvimento repetido de práticas anteriormente expostas, explica o problema inicialmente colocado acerca da alteração do sentido de estar na cidade.

Não é possível pensar que todo espaço urbanizado revele necessariamente as mesmas práticas da cidade, a expansão do urbano o torna elástico e passível a realocações, sempre possibilitando novas práticas, novos usos. Não é possível negar que é este um espaço urbano, não é possível aceitar da mesma forma que suas práticas representam apenas o sentido de estar na cidade. Como dissera anteriormente, não é intuito construir binarismos ou delimitar tais práticas, ao contrário, demonstrar a permeabilidade de sentidos na produção de outros espaços. Quão mais permissivo, considerando aspectos de ambos os lugares que o circunda, mais disputado pelas diferenças que se impõem e que necessitam do outro para demarcá-las

Num espaço Orla é possível transitar de salto alto e não ser reprovado por banhistas, que transitam de biquíni, ao tempo em que demarcam seu próprio espaço utilizando-se do consumo de determinados bens como comunicadores sociais. Nos espaços de convergências desses lugares, os “entre-lugares”, agora mais próximo ao sentido atribuído por Leite (2007), as diferenças são expostas e estão em conflito, contudo a sustentação de ser a Orla um espaço por si intersticial entende-se abarcar tais diferenças em disputas que não passam do âmbito do simbólico. No entanto, quando os interesses que estão sendo disputados recaem na ideia de Enobrecimento Urbano, em que a noção de espaço higienizado sobressai sendo o Estado o guardião da manutenção de seus interesses, as disputas saem do âmbito simbólico e recaem na ação direta que constrange, coíbe e proíbe.

As noções desenvolvidas acerca da ideia de “Enobrecimento Urbano” contem uma série de ponderações ao termo, as quais já foram colocadas, considerando os objetos de estudos que se apresentam a esta categorização, principalmente por relacionarem-se a espaços tombados como patrimônio histórico e cultural.

Assim, insiste-se em falar em Enobrecimento de Zonas Litorâneas, um processo de urbanização que retém simbolicamente o sentido de estar na praia, revelando usos e contra-usos em uma paisagem que foge a tutela dos traços urbanos revelando o cotidiano da cidade. Pensando na Orla de Atalaia como a melhor expressão do que Gilles Deleuze chama metaforicamente de *Quilt patchwok*, uma colcha de retalhos, cujos usuários permitem um

mosaico de lugares que são emendados por seus “espaços intersticiais”, pública por esses encontros de diferentes, cujo início e fim não são possíveis de ser delimitados, que pelo verso ou anverso não é possível identificar seu início ou fim, não pelos passos que ecoam desse espaço.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARANTES, Antonio. **A Guerra dos Lugares: fronteiras simbólicas e liminaridade no espaço urbano de São Paulo**. In: Fortuna, Carlos (org) Cidade, Cultura e Globalização. Ensaios de sociologia. Oeiras, Celta Editora, 1997.
- AUGÉ, Marc. **Não-lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade**. Campinas, Papirus.1994.
- AZZAN JUNIOR, Celso. **Antropologia e interpretação: explicação e compreensão nas antropologias de Levi-Strauss e Geertz**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1993.
- BIDOU-ZACHARIASEN, Catherine. **De volta à cidade: dos processos de gentrificação às políticas de "revitalização" dos centros urbanos**. São Paulo, Anablume, 2003.
- BENJAMIN, Walter. **Paris, capital do século XIX**. In: Fortuna, C. (org). Cidade, Cultura e Globalização: ensaios de sociologia. Oeiras, Celta Editora, 1997.
- CANCLINI, Néstor García. **Consumidores e Cidadãos: conflitos multiculturais da globalização**. Rio de Janeiro, Editora UFRJ, 1996.
- \_\_\_\_\_. **Diferentes, desiguales y desconectados**. Mapas de la interculturalidad, Gedisa Editorial, Barcelona, 2004.
- DE CERTEAU, Michel. **A invenção do cotidiano: arte de fazer**. Petrópolis: Vozes, 1994.
- COSTA, António Firmino. **Identidades culturais urbanas em época de globalização**. Associação Nacional de pesquisa e Pós-Graduação em Ciências Sociais, Revista Brasileira de Ciências Sociais, nº 48, 2002.
- CORBIN, Alain. 1989. **Território do Vazio: a praia e o imaginário ocidental**, São Paulo, Cia das Letras.
- CARDOSO, Fernando Henrique. 2005. “Um livro perene”, in FREYRE, Gilberto, Casa-Grande & Senzala, Global
- DAMATA, Roberto. **O que faz o Brasil, Brasil**. Rio de Janeiro, Rocco, 1986.
- D’ ÁVILA, João Sampaio. **Relatório Ambiental Simplificado**. Governo do Estado de Sergipe, 2003.
- DELEUZE, Gilles; GATTARI, Félix. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia**. Volume 5. São Paulo, 1997.
- DIEGUES, Antonio Carlos. **A Sócio-Antropologia das Comunidades de Pescadores Marítimos no Brasil**. In: Etnográfica, 1999, Vol. III
- ELIAS, Nobert; DUNNING, Eric. **A busca da Excitação**. Lisboa: Difel, 1992.
- FARIAS, Patricia. 2006. **Pegando uma cor na praia: Relações raciais e classificações de cor na cidade do Rio de Janeiro**, Rio de Janeiro, Secretaria Municipal da Cultura.

FEATHERSTONE, Mike. **Culturas globais e culturas locais**. In Fortuna, Carlos (org) Cidade, Cultura e Globalização. Ensaios de sociologia. Oeiras, Celta Editora, 1997.

FERREIRA, Claudino. 2002. “**Intermediação cultural e grandes eventos**: Notas para um programa de investigação sobre a difusão das culturas urbanas”, in **Oficina do CES**, n. 167.

FORTUNA, Carlos. **Destradicionalização e Imagem da Cidade**: o caso de Évora. In: Fortuna, C. (org). Cidade, Cultura e Globalização: ensaios de sociologia. Oeiras, Celta Editora, 1997.

FREHSE, Fraya. “Usos da Rua”. In: Fortuna, Carlos; Leite, Rogerio Proença. **Plural de Cidade: Novos Léxicos Urbanas**. Coimbra, Almedina, 2009.

FREYRE, Gilberto. 2005. **Casa-Grande & Senzala**, Global.

GEERTZ, Clifford. “Estar lá” e “Estar Aqui”. In: **Obras e Vidas: o antropólogo como autor**. Rio de Janeiro, Editora UFRJ, 2002.

\_\_\_\_\_. Do ponto de vista dos nativos: a natureza do entendimento antropológico In: **O Saber Local: Novos Ensaios em Antropologia Interpretativa**. Petrópolis, Vozes, 1997.

\_\_\_\_\_. Uma descrição Densa: Por uma Teoria Interpretativa da Cultura. In: **Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro, Zahar, 1978.

GLUCKMAN, Max. Análise de uma situação social na Zululândia moderna (Parte I). In: **Antropologia das sociedades contemporâneas** (org. Bela Feldman-Bianco), São Paulo, Global, 1987.

HARVEY, David. O Pós-modernismo na cidade: arquitetura e projeto urbano. In: \_\_\_\_\_. **A Condição Pós-moderna**. São Paulo, Ed. Loyola, 1992.

JOSEPH, Issac. Civilidades. In.: **Erving Goffman e a microssociologia**. Rio de Janeiro, Editora da FGV, 2000.

LEITE, Rogério. **Contra-usos da Cidade**. Campinas/São Cristóvão, Ed. UNICAMP/Ed.UFS, 2ª Ed. 2007.

\_\_\_\_\_. **A Inversão do Cotidiano: Práticas sociais e rupturas navida urbana contemporânea**. Rio de Janeiro, 14º Congresso da Sociedade Brasileira de Sociologia –SBS, 2009.

LYKOUROPOULOS, Milena. **O comércio de Tapioca na Orla Marítima de Maceio: Uma análise sob a ótica do desenvolvimento turístico local**. Alagoas, 2006. Disponível em: [http://biblioteca.universia.net/html\\_bura/ficha/params/title/comercio-tapioca-na-orla-maritima-maceio-uma-analise-sob-otica/id/14727168.html](http://biblioteca.universia.net/html_bura/ficha/params/title/comercio-tapioca-na-orla-maritima-maceio-uma-analise-sob-otica/id/14727168.html)

MARINHO, Marcia. **Natal também civiliza-se: sociabilidade, lazer e esporte na Belle Époque natalense (1900-1930)**. Natal, 2008. Disponível em: [http://bdtd.bczm.ufrn.br/tesesimplificado//tde\\_busca/processaArquivo.php?codArquivo=1931&PHPSESSID=8e9727d7f023a7d6d61d36e77b45021b](http://bdtd.bczm.ufrn.br/tesesimplificado//tde_busca/processaArquivo.php?codArquivo=1931&PHPSESSID=8e9727d7f023a7d6d61d36e77b45021b)

MARTINEZ , Amanda. MONTEIRO, Danielle. CABRAL, Felipe. CIRNE, Rodrigo. **O calçadão de Copacabana: Branco no preto ou preto no branco?**. Disponível em: <http://puc-riodigital.com.puc-rio.br/media/13%3%A7ad%C3%A3o%20de%20copacabana.pdf>

MAGNANI, J. G. C. **De dentro e de Perto: notas para uma etnografia urbana**. Revista Brasileira de Ciências Sociais, vol. 17(49): 11-29, 2002.

MALINOWSKI, Bronislaw (1976). “Introdução: tema, método e objeto desta pesquisa”. In: **Os Argonautas do Pacífico Ocidental: um relato dos empreendimentos e da aventura dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné**. São Paulo, Abril Cultura, 1976.

MONTEIRO, Maria da Glória. **A Restinga da Atalaia: uma contribuição a estudo do litoral sergipano**. Aracaju, Livraria Regina, 1963.

O'DONNELL, Julia. (2011). **Um Rio Atlântico: Culturas urbanas e estilos de vida na invenção de Copacabana**. Tese de Doutorado, Mudeu Nacional, 2011

PAIS, José Machado. **Sociologia da Vida Quotidiana**. Lisboa, ICS, 2007.

PEIRANO, Mariza. **A favor da etnografia**. Rio e Janeiro: Relume-Dumará, 1995.

PORTUGAL, José Luiz. DANTAS, Rubens Alves. PRADO, João Freire. **Análise espacial do impacto do Projeto Orla sobre os preços dos terrenos na Praia de Atalaia**. Lincoln Institute of Land Policy, 2007.

SENNETT, Rchard. **Carne e Pedra: o corpo e a cidade na civilização ocidental**. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Record, 2001.

RUBINO, Silvana. **“Gentrification”: notas sobre um conceito incômodo**. In: Schicchi, M. C. S. & Benfatti, D. (orgs.). Urbanismo: dossiê São Paulo – Rio de Janeiro. Campinas, PUCCAMP/PROURB, 2003.

SIMMEL, Georg. **A metrópole e a vida do espírito**. In: Fortuna, C. (org). Cidade, Cultura e Globalização: ensaios de sociologia. Oeiras, Celta Editora, 1997.

\_\_\_\_\_. Questões fundamentais da sociologia. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 2006.

\_\_\_\_\_. **Le conflit**. Paris, Circé, 1992

SMITH, Neil. **Contornos de uma política espacializada: veículos dos sem-tetos e produção de escala geográfica**. In: Arantes, Antonio (org) O Espaço da Diferença. Campinas, Papirus, 2000.

TURNER, Victor. **Floresta de símbolos: aspectos do ritual Ndembu**. Niteroi, EdUFF, 2005.

VELHO, Gilberto. **A utopia urbana**. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1982.

\_\_\_\_\_. “Os mundos de Copacabana”. In: VELHO, Gilberto. Antropologia Urbana. Rio de Janeiro, Zahar, 1999.



WIRTH, Louis. **O urbanismo como modo de vida**. In FORTUNA, Carlos (Org.), Cidade, Cultura e Globalização: Ensaios de Sociologia. Celta Editora, Oeiras, 2ª Ed, 1997.

ZUKIN, Sharon. **Paisagens urbanas pós-modernas: mapeando cultura e poder**. In: Arantes, Antonio (org) **O Espaço da Diferença**. Campinas, Papirus, 2000.

SECRETARIA DO PATRIMÔNIO DA UNIÃO, Documentos de Gestão, disponíveis no endereço <http://www.spu.planejamento.gov.br>:

PROJETO ORLA - **Subsídios para um Projeto de Gestão**, Secretaria do Patrimônio da União/SPU, do Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão/MP e Secretaria de Mudanças Climáticas e Qualidade Ambiental/SQA, do Ministério do Meio Ambiente/MMA. Brasília, 2003.

PROJETO ORLA - **Fundamentos para uma Gestão Compartilhada**. Secretariado Patrimônio da União/SPU, do Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão/MP e Secretaria de Mudanças Climáticas e Qualidade Ambiental/SQA, do Ministério do Meio Ambiente/MMA. Brasília, 2003.

PROJETO ORLA - **Guia de Implementação**. Secretaria do Patrimônio da União/SPU, do Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão/MP e Secretaria de Mudanças Climáticas e Qualidade Ambiental/SQA, do Ministério do Meio Ambiente/MMA. Brasília, 2005.

PROJETO ORLA - **Manual de Gestão**. Secretaria do Patrimônio da União/SPU, do Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão/MP e Secretaria de Mudanças Climáticas e Qualidade Ambiental/SQA, do Ministério do Meio Ambiente/MMA. Brasília, 2005.

PROJETO ORLA - **Implementação em Territórios com Urbanização Consolidada**. Secretaria do Patrimônio da União/SPU, do Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão/MP e Secretaria de Mudanças Climáticas e Qualidade Ambiental/SQA, do Ministério do Meio Ambiente/MMA. Brasília, 2006.

## ENTREVISTAS

Professor **Luiz Antonio Barreto**: Em 13/04/2010  
Arquiteto **Eduardo Carlomagno**: Em 16/04/2010  
Ex-governador **João Alves Filho**: Em 16/06/2011

## SITES PESQUISADOS

<http://www.informesergipe.com.br>  
<http://www.scribd.com>  
<http://www.orldetalaia.com.br/galeria.htm>

<http://www.cmaju.se.gov.br>

<http://www.aracaju.se.gov.br>

<http://www.skyscrapercity.com/showthread.php?t=726554>

<http://www.infonet.com.br>

<http://www.ibge.gov.br>

<http://www.wildnatureimages.com/Laguna%2520Beach>